

BOUBACAR BORIS DIOP

MURAMBI

O LIVRO DAS OSSADAS

TRADUÇÃO MONICA STAHEL

ilimitada

CARAMBAIA

Boubacar Boris Diop

Murambi, o livro das ossadas

Tradução
MONICA STAHEL

Sumário

Parte I – O medo e a raiva

Michel Serumundo

Faustin Gasana

Jessica

Parte II – A volta de Cornelius

Parte III – Genocídio

Aloys Ndasingwa

Marina Nkusi

Jessica

Rosa Karemera

Dr. Joseph Karekezi

Jessica

Coronel Étienne Perrin

Jessica

Parte IV – Murambi

■ ■ ■

Posfácio do autor

Agradecimentos

Sobre o autor

Notas

Para a mãe
A El-Hadj Mama

Parte I

O medo e a raiva

Michel Serumundo

Ontem fiquei na locadora de vídeo até um pouco mais tarde do que de costume. Na verdade, não houve muitos clientes ao longo do dia, o que não deixa de ser surpreendente neste período do mês. Para me ocupar, comecei a arrumar os filmes nas prateleiras, na esperança de que alguém viesse alugar algum na última hora. Em seguida, fiquei uns minutos em pé na soleira da porta da loja. As pessoas passavam sem se deter.

Cada vez gosto menos deste canto do mercado de Kigali onde me instalei há nove anos. Na época, todos nos conhecíamos. Nossas lojas formavam um pequeno círculo perto da praça central. Quando os clientes eram raros, podíamos pelo menos nos juntar em torno de uma cerveja, entre amigos, para nos queixar da dureza dos tempos. Infelizmente, com o passar dos meses, pessoas de todo tipo – alfaiates, vendedores de legumes ou tecidos, açougueiros e barbeiros – foram se apossando de pequenos pedaços da calçada. O resultado foi um caos bem pitoresco e simpático, mas não necessariamente bom para os negócios.

Por volta das nove e meia, acabei tendo de voltar para Nyakabanda quase sem um tostão no bolso. No caminho para a estação rodoviária, ouvi sirenes uivando e achei que tinha havido mais um incêndio nos bairros da cidade baixa.

Um blindado da guarda presidencial estava posicionado na entrada da estação. Um dos três soldados de farda de combate pediu educadamente minha carteira de identidade. Enquanto ele se inclinava para examiná-la, segui seu olhar. Não deu outra: a primeira coisa que lhes interessa é saber se você é considerado hútu, tútsi ou tuá.

— Ah, tútsi... – ele disse, mergulhando os olhos nos meus.

— Está escrito aí, não é? – repliquei com um leve esgar de desprezo.

Ele pareceu hesitar um pouco e depois me devolveu a carteira de identidade, balançando a cabeça. Fui embora resmungando, mas um segundo soldado me chamou. Tinha o jeito bem menos simpático do que seu colega. Apontou para minha calça e disse, severo:

— Primeiro arruma essa braguilha, meu amigo.

Obedeci, sorrindo estupidamente. Eu devia estar com cara de bobo.

— Ah! Obrigado. Eu não tinha percebido.

— Você trabalha nesse mercado?

“Que cretino!”, pensei.

— É justamente porque não trabalho nesse setor do mercado que vim até aqui tomar um ônibus.

Falei num tom seco, para mostrar como achava estúpida sua pergunta.

— E trabalha onde, então?

Realmente uma palhaçada. Por que a palavra “então”? Quase perguntei, mas ele não parecia estar brincando de jeito nenhum.

— Sou Michel Serumundo, proprietário da locadora de vídeo Fontana – respondi, tentando parecer modesto.

Apesar da minha irritação evidente, o senso comercial logo se sobrepôs. Disse-lhe que alugava principalmente filmes de guerra. Afinal, soldados devem gostar de bombardeios, emboscadas e todas essas coisas. Será que lhe falaria também daqueles filmes um pouco especiais para adultos? Decidi não falar. Ele devolveu minha carteira de identidade. Via-se que estava se perguntando se eu era bom da cabeça.

Com um tapinha no ombro, me fez sinal para ir embora:

— Tudo bem, pode ir.

Mais tarde entendi que ele me tomara por louco. Enquanto ia me afastando, senti em cima de mim os olhares intrigados deles. Eu me perguntei o que estariam fazendo na entrada do mercado àquela hora. A pergunta ficou martelando na minha cabeça por um tempo. É verdade que aquela parte do mercado de Kigali atrai uma grande multidão quase o tempo todo. Portanto, interessa aos plantadores de bomba, como os que, em março passado, cometeram dois atentados, um dos quais provocou a morte de cinco pessoas. No entanto, eu não me lembrava de ter visto militares naquele lugar fora das horas de maior fluxo. O que poderia significar a presença deles por ali? Talvez tivessem recebido informações. Voltei a pensar nas sirenes e comecei a me sentir meio inquieto.

A estação rodoviária estava quase deserta. Entrei no único ônibus estacionado. Os passageiros estavam em silêncio. Depois de alguns minutos de espera, numa atmosfera pesada, o motorista chamou seu auxiliar:

— Tudo certo. Vamos embora.

Foi só quando alguns soldados, muito nervosos, bloquearam nosso ônibus em frente da Rádio Ruanda que me dei conta de que aquele não era um dia como os outros.

O motorista, que estava em alta velocidade, precisou frear

bruscamente diante da barreira. Imediatamente surgiram soldados de todo lado, com olhares desvairados. Aqueles idiotas estavam realmente preparados para atirar em nós. Exigiram os documentos do motorista e um deles apontou a lanterna para o nosso rosto. Deteve-se longamente no meu e pensei que ele fosse me fazer descer.

O outro achacou o motorista:

— Não viu a barreira, não?

— Desculpe, patrão.

Ele estava se borrando nas calças, o motorista. Sua voz tremia.

Demos meia-volta e um homem gordo bigodudo, de casaco azul, exclamou com voz forte e quase alegre:

— Desta vez eles não estão de brincadeira, hein!?

Esperei que acrescentasse alguma coisa, mas ele não disse mais nada.

Perguntei:

— O que está acontecendo?

O sujeito me fulminou com os olhos. De repente pareceu furioso comigo.

— É isso – ele disse friamente, sem tirar os olhos de mim –, ainda vão nos dizer que foi um acidente lamentável.

Eu me encolhi no meu canto. A maioria dos passageiros concordava com o homem e repetia que dessa vez não ia ser assim. Diziam que os milicianos iam fazer a festa. Meu sangue gelou. Os milicianos Interahamwe. Aqueles caras que têm uma única razão de viver: matar tútsis. Alguém declarou que tinha visto a bola de fogo cair do céu.

— É uma mensagem de Deus – afirmou o homem de azul.

— Sabiam que o avião caiu no gramado do jardim dele?

— No gramado?

— No jardim dele?

— Sim, na casa dele!

— É, de fato é um sinal de Deus.

— Deus amava aquele homem! Todos os chefes de Estado do mundo o respeitavam.

— São uns invejosos – acrescentou um outro. — O presidente Mitterrand lhe deu o avião de presente e eles disseram: já que não podemos ter um assim, vamos destruí-lo!

Pelo visto, eu era o único que não sabia que o avião do nosso presidente, Juvénal Habyarimana, acabara de ser derrubado, em pleno voo, por dois mísseis, naquela quarta-feira, 6 de abril de 1994.

Meu coração começou a bater muito forte e senti uma vontade

louca de falar com alguém. Virei-me para meu vizinho da esquerda, que não tinha aberto a boca nem uma vez. Ele levava sentada no colo uma menininha de 5 ou 6 anos. Ela era uma graça, com aquele vestido de flores vermelho vivo. Na verdade, o homem estava chorando escondido. Será que a morte de Habyarimana o deixara tão triste? Não era impossível, mesmo assim me parecia espantoso. Em geral, as pessoas não choram seu presidente quando a televisão não está ali para filmá-las. A verdade é que esses presidentes africanos maltratam tanto os humildes que afinal eles não devem ter grandes ilusões. Simples questão de lógica. No entanto, aquele desconhecido me comoveu imensamente. Enquanto ele se esforçava em vão para conter as lágrimas, a menininha se divertia fazendo-lhe cócegas na orelha com uma pena de passarinho, e sua risadinha clara ressoava no ônibus. Assim que passamos por aquele posto de saúde chamado, se não me engano, O Bom Samaritano, o motorista virou à direita, parou e disse com jeito rabugento:

— Todo mundo desce aqui.

— E minha bagagem? – protestou uma mulher que tinha a seu lado um cesto pesado.

— O motor quebrou – falou secamente o motorista.

Chamei-o de canalha, mas ele continuou olhando direto para a frente. Estava de total má-fé. Depois, dirigindo-se ao auxiliar, lançou, como que contrariado:

— Ei, devolve o dinheiro para eles.

Ele estava morrendo de medo depois do incidente na frente da Rádio Ruanda e decerto achava que o mais fácil era voltar para casa. A guarda presidencial e a *gendarmérie*^[1] estavam por toda parte em seus carros com giroflex e sirenes estridentes. Parecia uma cidade em estado de sítio.

Tive de fazer 3 quilômetros a pé para voltar para minha casa em Nyakabanda. Grupos de jovens se agitavam, bloqueando as grandes avenidas e a entrada de cada quarteirão com troncos de árvores, pneus, pedras grandes e carcaças de carros. Viam-se também barreiras mais clássicas formadas por uma simples grade de ferro. Eles faziam tudo muito seriamente e com uma aplicação sinistra, sem muito barulho, à luz de lanternas. Às vezes discutiam bastante exaltados sobre a localização de uma barreira. O chefe logo chegava para dar ordens e todo mundo voltava ao trabalho.

Apesar da hora tardia, Séraphine me esperava na porta da casa, com expressão séria.

— Onde estão as crianças? – eu disse.

— Só Pierrot não está em casa.

Ele de novo. Sempre tínhamos problemas com aquele cabeça de vento do Jean-Pierre.

— Vou buscá-lo.

— Onde? – perguntou Séraphine. — O rádio acabou de dizer que todo mundo deve ficar em casa.

Aquilo era absurdo. Num dia como aquele eu não podia deixar meu filho de 12 anos fora de casa. Quem conhecia Ruanda sabia que iam acontecer coisas terríveis.

— E aqui, tudo bem? – eu disse, apontando com o queixo para dentro de casa.

Nós dividíamos suas duas alas com uma família hútu. Os pais eram corretos, mas o filho, um miliciano Interahamwe do tipo fanático, muitas vezes se mostrara desagradável conosco. Um dia o surpreendi mexendo nas nossas coisas. Fechei a porta atrás de mim e disse: “Defenda-se, garoto”. Ele gosta de se pavonear para impressionar as meninas do bairro, mas não sabe brigar. Recebeu um castigo que não vai esquecer nunca. Aliás, imagino que nessas últimas horas deve ter pensado muito nisso. Sim, para eles chegou a hora de acertar essas contas também. Provavelmente cada Interahamwe tem sua lista de amiguinhos tútsis para serem liquidados.

— Os vizinhos? Não me dirigiram a palavra a tarde toda – disse Séraphine.

— E nosso jovem imbecil, ele está aí?

— Não grite, Michel, por favor. Ele sumiu.

Imaginei que ele era daqueles que estavam instalando barreiras em todos os cruzamentos da cidade.

Séraphine quis dizer alguma coisa, mas se deteve na última hora.

A situação era assustadoramente clara, mas não quis deixá-la mais preocupada.

— Não se preocupe, Séra, eles sabem que estão sendo observados pelo mundo inteiro, não vão poder fazer nada.

— Você acha?

— Com certeza.

No meu íntimo, eu sabia que aquilo era mentira. A Copa do Mundo de Futebol nos Estados Unidos começaria logo. Nada mais interessava o planeta. E, de qualquer forma, não importa o que acontecesse em Ruanda, para todo o mundo seria sempre a mesma velha história de briga entre negros. Os próprios africanos diriam, no intervalo de cada jogo: “Eles nos envergonham, deveriam parar de matar uns aos outros desse jeito”. Depois mudariam de assunto. “Vocês viram aquela

bicicleta do Kluivert?” O que estou dizendo não é uma crítica. Eu mesmo vi muitas vezes na televisão cenas difíceis de suportar. Uns caras de macacão largo tirando corpos de uma vala comum. Recém-nascidos sendo lançados, entre gracejos, dentro de fornos de pão. Moças passando óleo no pescoço antes de ir para a cama. Elas diziam: assim, quando chegarem os degoladores, a lâmina da faca vai doer menos. Eu sofria sem me sentir de fato responsável. Não percebia que, se as vítimas gritavam tão alto, era para que eu as ouvisse, eu e mais milhares de outras pessoas na Terra, e para que tentássemos fazer tudo para acabar com seu sofrimento. Aquilo sempre acontecia muito longe, em países do outro lado do mundo. Mas, naquele início de abril de 1994, o país do outro lado do mundo é o meu.

Minha conversa com Séraphine tinha sido na rua. Ela me disse:

— Entre pelo menos alguns minutos, as crianças vão ficar contentes de te ver.

— Ainda não estão dormindo? São onze horas da noite.

— O professor avisou que não vão ter aula amanhã. Então...

— Bom, então vou brincar um pouco com eles.

Assim que eu disse isso, percebi pela primeira vez aquela noite que estávamos começando a ter medo da nossa própria casa. Entrei. As venezianas dos vizinhos estavam hermeticamente fechadas. Eles ouviam a Rádio das Mille Collines, que havia vários meses incitava assassinatos, totalmente insensatos. Aquilo era novidade. Até então, eles seguiam aqueles programas estúpidos em segredo. Encontrei as crianças na sala. Brincando com elas, lembrei-me do homem que chorava em silêncio no ônibus. Depois saí de novo para procurar Jean-Pierre. Também queria dar um pulo na loja para guardar em lugar seguro alguns objetos preciosos que me tinham sido confiados. Os saqueadores podiam entrar em ação a qualquer momento. Saques e um ou dois milhares de mortos, isso seria quase um mal menor. Não estou exagerando. Há muito tempo este país ficou completamente louco. De qualquer maneira, dessa vez os assassinos tinham um pretexto de ouro: a morte do presidente. Eu não ousava ter esperança de que eles fossem se satisfazer com pouco sangue.

Faustin Gasana

Sentei-me ao lado do motorista. Ele ligou o motor e perguntou laconicamente, como de costume:

— Para onde, chefe?

— Vamos dar um pulo em casa, Danny. O velho insiste em falar comigo.

Ele arranca em meio a uma nuvem de poeira. Em tempos normais, o trânsito é muito intenso naquela parte de Kibungo. Nesta tarde, as ruas estão desertas. Os habitantes estão fechados em suas casas há dois dias. Só circulam os membros das forças de segurança e os milicianos Interahamwe, como eu. Sinto uma discreta excitação em Danny. Eu não disse nada, mas ele sabe que coisas muito importantes vão acontecer. Faz 48 horas que está me levando de uma reunião para outra. Na noite passada, aliás, tive de dizer a ele para voltar para casa sem mim, pois era evidente que nosso encontro com os prefeitos e burgomestres[2] não terminaria antes do amanhecer.

Empurro a porta de casa. Minha irmã Hortense está fritando bananas-da-terra na cozinha ao ar livre, logo à esquerda da entrada.

— Oi, irmãzinha!

Ela se aproxima e cochicha alegremente na minha orelha, com cara de conspiradora:

— Vai depressa falar com o velho. Mas já vou avisando: ele está zangado com você.

— Eu estava muito ocupado. Será que não dá para ele entender?

— Você o conhece. Está dizendo que você é um mau filho.

Ao ouvir minha voz, a mãe sai do quarto do velho. Nós nos cruzamos no pátio. Ela vem trazendo uma bandejinha. Pedacos de algodão flutuam numa mistura de pus, sangue e líquido de Dakin.

— Acabei de fazer o curativo dele – ela diz.

— A ferida no braço está melhorando pelo menos?

Por um momento a mãe não diz nada. Ela não é de falar muito e talvez não queira responder. Finalmente faz que não com a cabeça.

— Venha – eu digo. — Vamos obrigá-lo a aceitar receber um médico.

— Ele me expulsou do quarto. Disse que vocês precisam conversar de homem para homem.

Baixo os olhos. O velho sempre foi muito duro com ela. Entretanto,

embora sofra com isso, ela nunca deixa transparecer nada.

Depois de afastar a cortina na porta do quarto, preciso esperar alguns segundos antes de entrar, para acostumar os olhos à escuridão do cômodo. Como todos os quartos de velho, aquele é abarrotado de objetos inúteis que o tornam mais apertado e abafado. Há duas fotos na parede, bem acima da cabeceira da cama. Na primeira delas, Grégoire Kayibanda, primeiro presidente de Ruanda, está apertando a mão do rei Balduino da Bélgica. Kayibanda parece muito orgulhoso de viver aquele momento histórico, e o rei dos belgas, de luvas brancas, tem o ar um pouco distraído ou desdenhoso. A outra foto é o retrato oficial do major-general Juvénal Habyarimana. Esse mesmo que nossos inimigos acabaram de assassinar. Está sorridente e seu olhar cintila de inteligência.

Meu pai está sentado no meio da cama. O rádio de pilha ao lado dele destila música fúnebre. Seus olhos quase já não enxergam, mas ele sente minha presença e me estende as duas mãos. Eu as seguro, evitando aguçar sua dor. Um líquido amarelado goteja da atadura que envolve seu braço esquerdo. É um pouco fétido. Ele, tão robusto há apenas alguns anos, agora está magro, fraco e como que atrofiado. Desliga o rádio e me faz sentar na cama, quase encostado nele. Aquele gesto de afetuosa cumplicidade me comove.

O pai me pergunta logo em seguida:

— Essa gente está achando que somos homens de verdade ou mulheres?

Sem me dar tempo para responder, acrescenta que “desta vez, ‘eles’ passaram dos limites”. A política sempre foi seu tema de conversa favorito, mas nunca o ouvi pronunciar a palavra “tútsi”. Sempre os trata de “eles” ou de “inyenzi”, literalmente “baratas”.

— Vamos ensiná-los a nos respeitar – digo então, depois de um momento de reflexão. — Estamos prontos.

— Sei que está fazendo boas coisas para seu país. Amigos vieram me felicitar. Estou satisfeito com você.

— Sim, fiz um bom trabalho. Eu sei. Estamos com a situação sob controle nas colinas e em todas as grandes cidades do país, mas no norte vai ser mais difícil.

— Por causa da guerrilha deles baseada em Mulindi?

— Sim. Sabemos que estão se deslocando para Kigali desde sexta-feira.

— Também ouvi dizer.

— Você está mesmo bem informado – digo, sorrindo.

Ele também sorri, lisonjeado. Depois, voltando de repente a ficar

sério:

— Vocês não têm o direito de fracassar.

A observação me incomoda. No fundo, ele tem razão. Apesar da decrepitude física, o velho mantém uma espantosa vivacidade de espírito. É verdade: se não conseguirmos eliminar todos os tútsis, seremos os maus da história. Eles espalharão pelo mundo todo lamentações bem orquestradas e será muito complicado para nós. Até os menos resolutos entre nós sabem disto: depois do primeiro golpe de facão, será absolutamente necessário ir até o fim.

— Não sei, pai. Para você eu posso dizer: não vai ser fácil travar uma guerra frontal contra a FPR^[3] e o resto.

— O resto...? – ele contesta com ar de despeito. — Não comecem já com vergonha do que os espera.

Tenho a impressão embaraçosa de que ele duvida da minha determinação. Eu me sinto menos zangado do que decepcionado, pois tenho vontade de falar com ele francamente.

Ele grita e recebo na cara seu mau hálito. Recuo um pouco.

Repito:

— Vai ser difícil.

— Você conhece a história da guerrilha desses *inyenzi* da Frente Patriótica de Ruanda?

É o tipo de pergunta que ele faz quando se prepara para contar uma das suas inúmeras histórias.

— Sim, fiquei sabendo de coisas sobre a FPR – respondo com prudência.

— E sabe como o chefe deles escapou da morte por um triz em 1961?

— Não – declaro, recuando um pouco mais.

Suporto cada vez menos seu mau hálito. O fato é que ele também não está nada bem da barriga. O intestino o está maltratando muito desde sua estada de três semanas, no ano passado, na casa dos nossos parentes de Cyanguu.

— Pois bem, foi em Gitarama, onde nós, os hútus, éramos os mais fortes. Enquanto os nossos estavam ocupados em saquear e estuprar, uma criança de 4 anos e seus pais esperavam um carro para fugir na direção de Mutara. De repente nossos homens viram aquela família de *inyenzi* subir apressada no carro. Eles correram, correram. Era tarde demais. Foi assim que os imbecis, há 37 anos, deixaram escapar o garoto que hoje é o chefe da guerrilha.

Na verdade, conheço bem essa história. Só que não quero privar o velho do prazer de me contá-la. Eu poderia até dizer que aconteceu na

colina de Nyarutovu, na comuna de Ntambwe. Nós a ouvimos mil vezes pela boca dos nossos instrutores. É o exemplo que sempre nos davam para mostrar como pode ser perigoso poupar os bebês durante o trabalho. O relato, aliás, tem muitas variantes. Numa das versões, o menino teria enternecido e até feito nossos rapazes darem risada ao jurar: “Nunca mais vou ser tútsi”. Dizem também que, no momento em que nosso ônibus ia partir, alguém viu a criança e fez sinal para o motorista parar. Este então teria se recusado a perder tempo por causa de um pedacinho de gente. Cada variante tem seus adeptos. Um de nossos formadores gracejava com o fato de o menino de Nyarutovu não ter cumprido sua promessa, o que era previsível em se tratando de um *inyenzi*. Ao contrário, ele se tornara nosso inimigo mais perigoso e tinha um prazer maligno em matar todos os hútus que podia. O instrutor – chamava-se Léonard Majyambere – passava então pelas fileiras e perguntava que conclusão um bom Interahamwe deveria tirar de tudo aquilo. Até os imbecis sabiam a resposta.

— O mais importante – declara o velho – não era matar aquele menino...

Olho-o com atenção. Afinal, aonde ele quer chegar?

— Deviam tê-lo deixado vivo? Você sempre diz que um homem corajoso deve ousar ir até o fim.

— Claro que era preciso eliminá-lo – rosnou o velho. — Mas o problema nem existiria se nossos homens, em vez de se embriagarem e saquearem, tivessem se concentrado no trabalho deles. Não deixe de explicar aos que estão sob suas ordens que comportamentos desse tipo fazem perder tempo e energia.

Penso cá comigo que o velho já não tem nenhum senso da realidade.

— Claro, pai, vou insistir na disciplina.

Ele percebe imediatamente que não estou levando seu conselho a sério e que só quero evitar discutir. Nada lhe escapa. Ele solta com despeito:

— Façam o que quiserem, mas desde 1959 estamos cometendo os mesmos erros.

A situação começa a degenerar. Fico em silêncio. Mas é preciso mais do que isso para deter o velho.

— Com certeza você ouviu falar daquele francês que quis matar todos os *inyenzi* brancos naquela grande guerra deles, lá...

— Era um alemão.

— Como era o nome dele?

Ele está começando a me irritar. Jamais gostei daquela sua mania

de fazer perguntas das quais, aliás, muitas vezes ele sabe a resposta...

— Hitler.

— Hitler o quê? – ele insiste, me procurando com seu olhar malicioso.

— Adolf. Adolf Hitler. Era chamado de Führer – acrescento, para evitar a pergunta seguinte.

— Então, me diga: ele conseguiu eliminar todos os *inyenzi* brancos?

Aí me recuso a continuar. Estou farto das baboseiras dele. Quanto tempo perdido... Eu digo:

— Voltamos a falar nisso outra hora. Preciso ir embora.

Ele grita, muito raivoso:

— Aquele branco era muito mais bem organizado do que vocês e, no entanto, fracassou. Vocês não passam de uns garotos pretensiosos!

Eu me levanto.

— O trabalho me espera – declaro, esforçando-me para parecer calmo.

— Está zangado comigo, não é? Como ousa se zangar com seu pai?

— Não fique bravo... Aqui em Kibungo, vamos começar esta noite.

Ele responde calmamente:

— Vá embora. Vocês são uma geração de incompetentes.

Baixou a voz para dar a ela toda a força de que é capaz, o que tornou suas palavras mais terríveis ainda.

Gosto do velho. É meu pai. Mas ele é como todas as pessoas idosas que, no leito de morte, descobrem soluções milagrosas para todos os problemas. As coisas não são tão simples. Quanto a mim, ao me tornar Interahamwe, sempre soube que talvez tivesse de matar gente ou morrer sob seus golpes. Isso nunca foi problema para mim. Estudei a história do meu país e sei que os tútsis e nós nunca poderemos viver juntos. Nunca. Muitos mistificadores acham o contrário, mas eu não acredito. Vou fazer meu trabalho direito. E concordo com o velho: cada vez que você grita grosserias para alguém que vai morrer, você dá a outro tempo para fugir. Não sou tão estúpido a ponto de ignorar. Mas como fazer isso entrar na cabeça dos meus homens? Eles se alistaram na milícia Interahamwe para fazer tremer homens e mulheres mais poderosos do que eles. Não ligam para matar todos os tútsis. Se duvidar, deixariam escapar alguns só pelo prazer de outras desforras igualmente sanguinárias.

Ao me despedir do velho – ele nem se digna aceitar a mão que lhe estendo –, ideias estranhas começam a me assaltar. Só palavras cujo sentido, na hora, permaneceu completamente obscuro para mim. Pensar o impensável. O hálito fétido do pai. O pai que não acaba de

morrer. Todo o tempo maldizendo e expulsando alguém de sua casa. E todos aqueles tútsis para matar. Eu não achava que fossem tão numerosos. Tenho a impressão de que o planeta é povoado de tútsis. De que no mundo só nós não somos tútsis. Antes, era tão fácil gritar com a força do trovão: “*Tubatsembatsembe!*”. É preciso matar todos eles!

No pátio, encontro minhas irmãs e vizinhos sentados em volta da minha mãe. Sento-me numa cadeira e Louise me estende um copo de chá.

A mãe a repreende:

— Ponha um pouco de menta. Você sabe que Faustin não suporta chá sem menta.

Falamos de tudo e de nada. Nunca tinha visto as pessoas tão tensas. Nessas horas de incerteza, cada um encara a si mesmo. Eles querem saber mais, no entanto evito qualquer alusão aos acontecimentos. A única que se mantém serena é minha mãe. Mais uma vez, não consigo ler nada em seu rosto. É isso que a torna única no mundo. Ninguém nunca conseguiu penetrar na cabeça dela. No entanto, percebe-se que está sempre pensando num monte de coisas. Sua força mental é simplesmente fora do comum. Hoje, não há nenhum meio de saber se ela aprova ou não o que está sendo preparado. Será que considera todos nós uns monstros? Enquanto me faço essas perguntas, minhas irmãs e os vizinhos me devoram com os olhos. Louise, a mais nova, está especialmente orgulhosa porque seu noivo, Adrien, faz parte do meu grupo. Tenho a impressão de estar vivendo uma cena de antigamente, do tempo em que se exaltava a bravura do guerreiro antes do combate. Para ser sincero, sou de natureza bastante reservada e tudo isso me constrange. Não vou para a guerra. Não estou correndo nenhum risco. Em Kibungo e no resto de Ruanda, vamos apenas enfileirar os tútsis nas barreiras e matá-los. Um de cada vez. Muitos deles estão se refugiando nos locais de culto e nos edifícios públicos. Acham que assim vão se safar como das outras vezes, na época do meu pai. É o erro mais grave deles depois de muito tempo. Ao contrário, estão facilitando nossa tarefa. Matar tantas pessoas sem defesa certamente não vai ser simples. Com o tempo, pode se tornar monótono e cansativo. O velho está enganado: ninguém poderá impedir nossos homens de beber, cantar e dançar para criar forças para o trabalho.

Preciso insistir um pouco para que me deixem ir embora. As despedidas, emocionantes, são intermináveis. Os vizinhos me recomendam prudência e minhas irmãs têm dificuldade para

dissimular a emoção.

Minha mãe, por sua vez, fica em silêncio. Em nenhum momento nossos olhos se encontram.

Não sei quem de nós dois foge do olhar do outro.

Ao abrir a porta do carro, vejo cabeças por cima dos portões das casas vizinhas. Minha Pajero de trabalho, nova em folha, deve impressionar muita gente neste bairro pobre em que nasci. É fácil adivinhar, por seus olhares ávidos, o que as pessoas estão pensando: “Ele se deu bem, o filho do velho Casimir Gatabazi! Ah! O pequeno Faustin tornou-se alguém!”. Não vou ser hipócrita: gosto disso! Sempre é agradável ler nos olhos dos outros a prova do nosso próprio sucesso.

— Para onde? – Danny voltou a perguntar.

Olho meu relógio.

— Talvez ainda dê tempo de dar um beijo em Marie-Hélène antes de voltar ao GG, Danny. Não sei quando vou vê-la de novo. Com certeza está com raiva de mim, ela também.

Danny sorri com ar compreensivo:

— Ah! Marie-Hélène, muito boa mulher!

Falou assim para me agradar, pois sabe que sou loucamente apaixonado por Marie-Hélène.

— Desculpe ter ficado tanto tempo com o velho, Danny. Tenho um pai muito esquisito.

— Ah! O *papa*, ele é muito bom também.

Nesse ponto, tenho certeza de que ele não acha nada disso. Danny sabe da investigação que meu pai fez sobre ele. O velho desconfiava – sem nenhuma razão, aliás – que ele fosse um *inyenzi* clandestino, encarregado por nossos inimigos da FPR de me liquidar quando chegasse a hora.

Na altura da ponte, no caminho do mercado de Kibungo, os soldados da guarda presidencial me reconhecem. Faço um gesto amigável com a mão, sem parar.

Em seguida, passamos em frente do restaurante Le Royal e lembro que faz quase 24 horas que não como quase nada. Peço ao Danny que dê meia-volta.

Le Royal está vazio. Alphonse Ngarambe, o proprietário tútsi, está conversando com dois empregados seus. Para de falar ao me ver entrar. Depois de cumprimentá-los da maneira mais normal do mundo, vou me instalar perto da janela do fundo. É o lugar que preferimos, Marie-Hélène e eu. Alphonse me conhece bem. Mas, levando em conta a situação, não pode me acolher com a mesma

familiaridade jovial dos outros dias. Na sua cozinha não há quase nada para comer. Alphonse se vira do avesso para mandar fritar um pouco de peixe e mandioca para mim. Como tantos outros, ele está vivendo as horas mais pavorosas de sua vida. Ao me servir, seu corpo inteiro treme. Faço de conta que estou absorto na leitura de uma revista de moda estrangeira largada por ali. O esforço que Alphonse faz para me esconder seu medo o agita cada vez mais. Não quer me deixar pagar, mas insisto. Então ele dá aquele sorriso lastimável que, devo confessar, me perturba ligeiramente. Saio apressado do restaurante.

Chego à casa de Marie-Hélène. Ela não faz cenas. Ao contrário, diz que compreende que o país está vivendo horas decisivas. Só faz alusão a histórias de estupro. De fato, fala-se muito disso. Os mais jovens estão muito excitados diante da ideia de poderem transar com as moças quando tiverem vontade, simplesmente. Sempre lhes disseram que o caminho que leva à intimidade de uma mulher é longo, complexo e muitas vezes desanimador. Eles estão descobrindo, satisfeitos, que os tempos podem mudar muito depressa. Marie-Hélène não quer que eu participe disso. Prometo, sem deixar de pensar: “Cada um com seus problemas”.

No quartel-general, sou acolhido pelos vivos alegres de meus homens.

Com certeza vamos ficar acordados até muito tarde. Ao contrário do que eu disse ao velho, é amanhã que as coisas sérias começam para nós. A noite toda, brincaremos com nossos facões como se fossem espadas, ao grito de “*Tubatsembatsembe!*”. O jogo consiste em levantar os facões e roçar uns nos outros. É divertido, todo aquele barulho e todas aquelas faíscas, e além do mais é um modo de afiar as lâminas. Pelo menos é o que meus rapazes acham. Não tenho tanta certeza assim, mas deixo-os à vontade.

— Eles se amam loucamente, aqueles dois. E mais uma vez são obrigados pelos acontecimentos a adiar a data do casamento!

— Ah! Lucienne e o namorado dela, Valence Ndimbati... É triste – eu digo, distraída.

A gente se habitua muito depressa a tudo. Na sua cidade natal, Nyamata, onde minha amiga Theresa Mukandori está à procura de um refúgio, achamos o jeito de bater papo como duas senhoras. De repente ela para e me pergunta:

— Você acha mesmo que eles vão fazer isso?

Aprendi a mentir.

— Impossível, Theresa. O que eles querem é principalmente meter medo. Em alguns dias isso se acalma.

A ideia de que a partir de agora ela pode ser morta por qualquer pessoa lhe parece extremamente estranha.

Quanto a mim, levo vida dupla. Há coisas de que não posso falar com ninguém. Nem mesmo com Theresa.

Por exemplo, a mensagem com data de sexta-feira, 8 de abril de 1994, que acabei de receber de Bisesero. Stéphan Nkubito, um camarada nosso daquele setor, a escreveu algumas horas antes de ser descoberto e abatido. Pelo visto não tiveram tempo de interrogá-lo. Não suspeitavam que ele era um dos membros da Frente Patriótica de Ruanda de lá. Sua carta mostra como os assassinos estão organizados e decididos. Desta vez estão mesmo dispostos a tudo.

Stéphan informa que na quinta-feira, 7 de abril de 1994, Abel Mujawamarya, negociante de Kigali, chegou a Gisovu com dois caminhões amarelos cheios de facões. Mandou descarregar as armas na residência de Olivier Bishirandora. Este, que tem uma forja na sua oficina, começou imediatamente a afiar os facões. Olivier, membro do Parmehutu/MDR[4], também foi burgomestre de Gisovu nos anos 1970, na época do presidente Kayibanda. Em seguida, Abel Mujawamarya organizou uma reunião durante a qual distribuiu facões e granadas aos húsus. Os Interahamwe passaram então a aterrorizar os tútsis, acusando-os de terem assassinado seu querido presidente, Juvénal Habyarimana. Começaram a saquear e a incendiar as casas dos tútsis, depois mataram alguns. Os tútsis começaram a fugir de suas casas para se refugiarem nas paróquias de Mubuga e de Kibingo, e

também no hospital de Mugonero. Outros preferiram ir para as montanhas.

Stéphane Nkubito me informa e pede que eu divulgue que os habitantes de Bisesero, valentes guerreiros, têm intenção de resistir. Desde 1959, todas as vezes que há massacres, eles se reorganizam e conseguem pelo menos repelir os agressores. Chegaram até, por meio de audaciosas expedições punitivas, a recuperar seu gado roubado. Por isso, acrescenta Stéphane, sua reputação de invencibilidade circulou por Ruanda inteira. Os refugiados, então, acorrem de toda parte. A carta de Stéphane, entretanto, deixava transparecer seus temores: de acordo com suas informações, o governo tem a intenção de acabar com o mito da invencibilidade dos *abaseros*, que é como são chamados os tútsis daquela região. O Exército fará a parte principal do trabalho e reforços de milicianos Interahamwe serão enviados de Gisenyi e de várias localidades em que, por causa do pequeno número de tútsis na população, os massacres terminarão antes que em outros lugares.

Leio e releio a mensagem de Stéphane. No pé da página, um pequeno desenho com a seguinte legenda: “Jessica Kamanzi fazendo o sinal da vitória”.

Jessica Kamanzi sou eu. Sorrio ao ver meus dois dedos triunfalmente erguidos para o céu. Ah, sim, a vitória é certa. Nunca duvidei nem por um instante. No entanto, será tão amarga...

Eu gostaria de guardar aquele desenho como lembrança de Stéphane. Finalmente resolvo desistir: meu camarada sentia-se vigiado. Rasgo a mensagem.

Theresa toca meu braço.

— É aqui – ela diz em voz baixa.

Estamos em frente da matriz de Nyamata, pertinho dos alojamentos dos padres salesianos que dizem ser originários do Brasil. Atrás da densa cortina de eucaliptos e de acácias, vemos as pessoas se precipitarem às centenas para dentro da igreja.

— Vou lá – diz Theresa –, seria melhor você vir comigo, Jessica.

Penso exatamente o contrário. Os combatentes com quem entrei em Kigali ficaram sabendo que as futuras vítimas seriam incentivadas a se refugiar nas igrejas para lá serem exterminadas. Mas eu, Jessica Kamanzi, não tenho outra coisa a oferecer para Theresa.

— Boa sorte – digo, evitando olhar para ela.

Iríamos ao casamento de Lucienne no sábado seguinte e ela está com tranças volumosas e magníficas na cabeça.

— Jessie, nunca poderão fazer isso sabendo que Deus está olhando

para eles.

Dou-lhe um abraço, sem responder.

No caminho de volta, tudo corre bem.

O tempo em Kigali está ameno. As ruas estão desertas e de repente parecem mais largas. Percebo que, sem me dar conta – e decerto como todos nós –, eu tinha pontos de referência na cidade. Uma lojinha na esquina de uma rua. Mecânicos de motocicletas nas vizinhanças de um posto de gasolina da Petro-Rwanda. Coisinhas assim. Desde que saiu a notícia do atentado contra o presidente, todos esses quadros vivos desapareceram do cenário. As raras pessoas que ainda ousam sair de casa são os estrangeiros ou, claro, os hútus. Ou aqueles cujas carteiras de identidade apresentam como tais. É o meu caso. Todos os outros se escondem onde podem.

Há na cidade uma agitação ao mesmo tempo alegre e séria. Grupos de Interahamwe de roupas brancas cobertas de folhas de bananeira circulam cantando. Em pé em seus tanques, militares e gendarmes estão de olho em tudo. Cada um leva um radinho de pilha colado à orelha. O rádio diz: “Meus amigos, eles tiveram a ousadia de matar nosso bom presidente Habyarimana, a hora da verdade chegou!”. Depois vêm música e jogos. O animador do programa, muito inspirado, interroga os ouvintes: como se reconhece um *inyenzi*? Os ouvintes telefonam. Algumas respostas são francamente engraçadas, então todos dão risada. Cada um arrisca sua descrição. O animador volta a falar sério, quase severo: “Divirtam-se, meus amigos, mas não se esqueçam do trabalho que os espera!”. Em Camp-Kigali, acampamento militar, dez boinas-azuis belgas foram mortos. A Bélgica vai embora. Não quer saber de mais nada. Aliás, os civis belgas sentem-se ameaçados e, nas barreiras, fazem-se passar por franceses. Em algum lugar de Paris, funcionários um pouco bizarros esfregam as mãos: em Kigali, a situação está sob controle, a FPR não passará. Os testas de ferro de Paris reuniram os generais e comandantes do Exército. Pronunciaram as palavras terríveis: “*Muhere iruhande*”. Literalmente: “Comecem por um lado”. Quartelão por quartelão. Casa por casa. Não dispersem suas forças em matanças desordenadas. Todos eles devem morrer. Listas tinham sido preparadas. A primeira-ministra Agathe Uwilingiyimana e centenas de outros políticos hútus moderados já foram derrubados pelas balas da guarda presidencial. Contar o que fizeram com Agathe Uwilingiyimana está acima das minhas forças. Um corpo de mulher profanado.

Depois daqueles que eles chamam de *ibytso*, cúmplices, vai ser a hora dos tútsis. Estes, por sua vez, são culpados por serem eles

mesmos, portanto privados de inocência por toda a eternidade.

Pelo simples modo de andar dos raros pedestres, vê-se que a tensão aumenta a cada minuto. Sinto-a quase fisicamente. Todo mundo corre ou pelo menos acelera o passo. Cruzo cada vez mais com pessoas que parecem estar andando em círculos. Há uma espécie de luz diferente em seus olhares. Penso nos pais de família que devem confrontar os olhos angustiados dos filhos sem poder lhes dizer nada. Para eles, o país tornou-se em algumas horas uma imensa armadilha. A morte ronda por toda parte. Não podem nem sequer pensar em se defender. Tudo foi minuciosamente preparado há muito tempo: a administração, o Exército e a milícia Interahamwe vão conjugar forças para matar todos eles.

Quanto a mim, escolhi estar aqui. Nossos chefes no maqui, em Mulindi, confiaram em mim e eu aceitei. Explicaram-nos que o tratado de paz de Arusha poderia resultar no melhor ou no pior e que a FPR precisava de militantes ativos em todas as grandes cidades.

Na véspera de nossa partida, pensei muito em meu pai. Segundo meus irmãos e irmãs, eu era sua preferida. Aliás, ele mesmo não fazia questão de esconder isso. Quando estávamos em Bujumbura, às vezes dizia: “De todos os meus filhos, Jessica é quem mais se parece comigo”. Sujeito engraçado, Jonas Sibomana. Mostrava-nos seu torso lavrado de cicatrizes e prometia legar todos os seus bens a quem de nós conseguisse reproduzir no próprio corpo os mesmos ferimentos. Meu irmão Georges, que não levava nada a sério, respondia então: “Você está tão retalhado, velho Jonas, que talvez nem valha a pena tentar”. Os dois fingiam brigar e nós nos divertíamos loucamente vendo-os correr em volta da casa. Meu pai tinha sido membro do maqui de Pierre Mulele no Kwilu. Ah! Com certeza não era ninguém importante no movimento. Era apenas um daqueles camponeses aos quais se dão armas, explicando rapidamente quem são os inimigos. Eles podem deixar a vida no combate, mas nunca o nome. Jonas dizia-nos que tinha visto Che Guevara quando o cubano viera organizar o maqui no Congo. Também conhecia Kabila e sempre falava mal dele. Quando ficou muito doente, em Bujumbura, ele me chamou: “Vá à nossa antiga casa do bairro de Buyenzi e diga ao proprietário que foi seu pai, Jonas Sibomana, que mandou você lá. Ele vai entender”. O proprietário e eu encontramos um pacote grande num buraco perto de uma torneira. Eu o abri. Eram três fuzis velhos, já bem enferrujados. Quando voltei para vê-lo, rimos muito da peça que nos pregou.

Acho que foi isso que me fez decidir interromper os estudos aos 18 anos para me juntar à guerrilha em Mulindi.

Lembro-me de tudo com precisão. Éramos quinze jovens na estrada, à noite, percorrendo o trajeto de Bujumbura até o campo de refugiados de Mushiha. Partimos no dia seguinte, ao anoitecer – pois tínhamos de circular sempre à noite –, para Mwanza, na Tanzânia, onde precisamos esperar o barco *Victoria* durante uma semana. Depois foi Bukoba. Lá tínhamos de localizar um caminhão vermelho estacionado no porto. O chefe do nosso grupo, Patrick Kagera – mais tarde ele tombaria na linha de frente durante nossa ofensiva de outubro de 1990 –, se pôs a olhar para todos os lados, de cabeça erguida. Um homem gordo de chapéu, cachecol no pescoço, passou perto dele e, sem se deter, disse muito rápido: “É você?”. Mais tarde, fomos para Mutukura e Kampala, onde paramos de nos encontrar. Fiquei hospedada por uma família no bairro de Natete. À noite, quando saí para andar um pouco na rua para esticar as pernas, fiquei intrigada por ver os carros circularem à esquerda. Curioso, mas essa é minha principal lembrança de Natete, os carros circulando ao contrário. A única coisa que eu devia fazer era esperar o sinal para minha partida. Tinha entendido que não deveria fazer nenhuma pergunta aos meus anfitriões.

Se hoje eu contasse tudo isso, poderiam achar que estou me vangloriando. Não é o caso. Desde 1959, cada jovem ruandês, em algum momento da vida, vê-se obrigado a responder à mesma pergunta: devemos esperar os assassinos de braços cruzados ou tentar fazer alguma coisa para que o nosso país volte ao normal? Entre o nosso futuro e nós, desconhecidos fincaram uma espécie de facão gigante. Não importa o que que você faça, é impossível ignorar. A tragédia sempre acaba por alcançar a gente. Porque uma noite chegam umas pessoas à sua casa e massacram toda a sua família. Porque, no país em que vive exilado, você acaba sempre por se sentir sobrando. Além disso, do que eu, Jessica Kamanzi, poderia me vangloriar? Outros deram suas vidas pelo êxito da nossa luta. Nunca segurei um fuzil nem participei das ações militares da guerrilha. Fiquei quase o tempo todo em Mulindi para cuidar das atividades culturais do maqui. Certo, eu também estava em Arusha no momento das negociações. Datilografei ou tirei cópia dos documentos e às vezes fui encarregada de fazer resumos para nossos delegados. Mas, afinal, eram tarefas bem humildes. É verdade que minha presença hoje em Kigali implica perigos. Talvez seja a primeira vez que arrisco a vida. Neste país onde todos os cidadãos são vigiados noite e dia, minha carteira de identidade falsa decerto não vai me proteger por muito tempo. Preciso me deslocar constantemente. Mas logo vai aparecer alguém para me

fazer perguntas específicas que vou ter dificuldade para responder.

Sempre andando, penso nas nossas vigílias noturnas. Nós cantávamos: Se os três tombarem na luta, os dois que restarem libertarão Ruanda. Palavras muito simples. Não tínhamos tempo para artimanhas poéticas. Essas palavras me voltam como um eco e me dão força. Soou a hora da libertação. Desde esta manhã, nossas unidades estão se deslocando para Kigali. Mas chegarão a tempo a todos os lugares? Não, infelizmente. Em alguns locais, a carnificina já começou.

Perto de Kiyovu, vejo centenas de cadáveres a alguns metros de uma barreira. Enquanto seus colegas degolam as vítimas ou as esquartejam a golpes de facão, um miliciano Interahamwe verifica as carteiras de identidade. A viseira do seu capacete está virada para trás e, com o cigarro na boca, ele está todo suado. Pede para ver os meus documentos. Enquanto os procuro na bolsa, ele não tira os olhos de mim. Ao menor sinal de pânico, estou perdida. Consigo manter o sangue-frio. À minha volta, os gritos se elevam de todos os lados. Nessas primeiras horas de massacre, os Interahamwe me surpreendem por sua aplicação e até certa disciplina. Têm realmente a intenção de dar o melhor de si mesmos, se é possível falar assim desses brutos sanguinários. Uma mulher que eles feriram esperando acabar com ela mais tarde vem até mim. Seu lado direito está coberto de sangue, do queixo até o peito. Ela jura que não é tútsi e me suplica que o explique ao chefe da barreira. Eu me afasto muito depressa. Ela insiste. Digo-lhe secamente que me deixe em paz. Vendo isso, o miliciano Interahamwe se convence de que estou do lado dele. E me lança, em meio a uma alegre gargalhada:

— Ah! Você também é dura, minha irmã! É preciso ter um pouco de piedade, você também!

Em seguida, sem rodeios, empurra a mulher na direção dos degoladores e volta ao controle das carteiras de identidade.

Parte II

A volta de Cornelius

Abidjan. Kinshasa. Nairóbi. Dar es Salaam. Adis Abeba. Entebbe... Cornelius Uvimana refez mentalmente a conta das muitas escalas do avião antes da aterrissagem em Kigali. O voo 930 da Ethiopian Airlines daquele 6 de julho de 1998 tinha parado em tudo quanto é lugar. A cada leva de novos passageiros, as aeromoças serviam sanduíches e suco de laranja. Cornelius estava com o estômago revirado. Trinta e seis horas de viagem. Sentia-se exausto e sujo. Felizmente pudera aproveitar a escala de Abidjan – quase um dia inteiro – para explorar a cidade. Do seu almoço solitário no restaurante Hippopotamus, no bairro do Plateau, curiosamente ele guardara apenas uma imagem, a dos olhares trocados com uma desconhecida. Uma bela mestiça sentada ao balcão do bar. Tinha as coxas muito apertadas num jeans desbotado e ele a vira voltar-se várias vezes em sua direção. Depois a jovem havia disparado escada abaixo, desaparecendo para sempre no meio da multidão. Só isso. Só um instante de devaneio erótico roubado ao acaso numa cidade estrangeira e uma história que jamais aconteceria. Era a vida. Desconhecidos que se cruzam, se olham e se perdem para sempre.

Na chegada a Kigali, já não havia quase ninguém no avião. Seus amigos de infância, Jessica Kamanzi e Stanley Ntaramira, tinham vindo recebê-lo. Abraçou cada um deles longamente e sentiu contra o seu o corpo ossudo de Jessica. Estava muito magra e parecia bem mal de saúde por trás da fronte voluntariosa e dos olhos profundos e um pouco tristes. Enquanto atravessavam a cidade de táxi, várias vezes Cornelius surpreendeu Stanley Ntaramira observando-o furtivamente. Decerto estava curioso por saber que tipo de pessoa Cornelius se tornara depois de tantos anos de exílio. Jessica, sentada ao lado do motorista, foi mais direta, como de hábito:

— Então, quem está voltando ao país?

Cornelius achou que era uma maneira pouco usual, mas, afinal, muito interessante de introduzir seu problema. Ainda não tinha resposta. Toda a sua família morrera no genocídio, com exceção do tio Siméon Habineza. Era evidente que tudo o que ele vivera fora de Ruanda só encontraria seu sentido verdadeiro naquilo que acontecera quatro anos antes. De certo modo, sua vida estava apenas começando.

— Não sei – ele respondeu –, você já me recebe com perguntas difíceis!

— E lá? – Stanley perguntou depressa, para mudar de assunto.

Era mais fácil lhes falar do Djibouti.

Cornelius reviu as imagens do lago Assal e da cúpula cor-de-rosa, quase perfeitamente redonda, da ilha do Diabo. Lembrou-se das suas excursões com Zakya. O Djibouti o havia fascinado. Explicou a Stanley e Jessica que era uma imensidão de pedra, um país de cores intensas, com frequência vermelhos ou pretos. Contou que o Djibouti o fizera viver uma estranha experiência do vazio e que nenhum país do mundo se oferecia com tanto impudor à curiosidade do estrangeiro. Tudo lá era visível a olho nu, inclusive a miséria, que outros lugares têm tanto trabalho para esconder dos olhares. Entretanto, não pôde lhes falar do mar Vermelho. Mais tarde lhes diria que o mar Vermelho sempre o fizera pensar em algum gigante marinho, de inteligência tacaña e gestos lentos. Cornelius tinha muitas razões para gostar do Djibouti, a começar por seu amor por Zakya. A mais forte, porém, talvez fosse esta: era o único lugar do mundo em que tivera o sentimento de que se podia começar alguma coisa. Poderia acrescentar que no Djibouti nunca sentira a morte em seu encalço como durante a sua infância em Murambi.

— As pessoas lá são felizes ou não? – perguntou Jessica.

— São muito pobres. Vamos voltar a falar disso, não é simples. Enquanto isso, expliquem-me Kigali.

Stanley começou a bancar o cicerone. Tinham acabado de passar pelo bairro de Kanombé. Cornelius teve vontade de pedir para ver o lugar onde tinha caído o avião de Habyarimana, em abril de 1994, depois desistiu. Devorava a cidade com os olhos, na esperança de intuir a relação secreta entre as árvores imóveis à beira do caminho e as cenas de barbárie que tinham estarecido o mundo inteiro durante o genocídio.

O motorista, por sua vez, entregava-se a uma curiosa artimanha: sempre que achava que Cornelius estivesse olhando para outro lugar, observava-o atentamente pelo retrovisor, como que para decifrar alguma coisa em seu rosto. “Será que já não pareço um ruandês?”, pensou Cornelius, divertido.

Em Nyamirambo, onde Stanley morava, Cornelius pegou suas duas malas e a pequena mochila vermelha.

— Olha só, um cara voltando de toda uma vida de exílio com quase nada – disse Jessica, rindo.

Cornelius não teve tempo de responder. O motorista, que parecia espreitar esse momento, aproximou-se dele e lhe pediu o favor de escrever num pedaço de papel o nome do país de onde ele vinha.

— Ah! E por quê? – ele perguntou, intrigado.

O motorista explicou que colecionava os nomes dos países distantes de onde seus clientes chegavam. Os três amigos caíram na gargalhada.

— Está ouvindo, Stan?

— Sim – disse Stanley, risonho –, tem aparecido gente de tudo quanto é lugar há uns dois ou três anos.

— É longe, o Djibouti? – perguntou o motorista, que era decididamente insistente.

— Sim... e não – respondeu Cornelius com um gesto vago.

Para atenuar a decepção do motorista, Jessica comentou com ele que Cornelius decerto era o único ruandês que já tinha morado no Djibouti.

Cornelius tinha trazido alguns presentes para os amigos. Jessica foi para o quarto e reapareceu vestindo uma gandura azul, gesticulando como se dançasse ao som de uma música árabe imaginária.

— Agora as coisas sérias – ela disse. — Faltei a uma reunião do meu comitê só para ver como estava esse velho e querido Cornelius. Está feito. Depois a gente se vê.

Stanley disse que também tinha o que fazer, mas Cornelius entendeu que ele queria mesmo deixá-lo descansar.

— Quando você vai para Murambi? – perguntou Jessica na hora de sair com Stanley.

— Ainda não resolvi. O quanto antes, em princípio.

— Podíamos fazer a viagem juntos, se for num fim de semana – sugeriu Stanley.

Cornelius hesitou. Sem saber por quê, a ideia não lhe agradava muito. Queria estar sozinho no momento de voltar à casa natal.

— A gente se fala – ele disse.

Os amigos perceberam seu constrangimento. Houve um momento de silêncio. Jessica conseguiu desconstrair a atmosfera:

— Em todo caso, não se esqueça de dizer a Siméon que continuo loucamente apaixonada por ele.

Stanley animou-se ao ouvir o nome de Siméon:

— Ah! Siméon Habineza! Aquele velho tem uma classe! Aquilo sim é que chamo de homem!

Os três se entreolharam. Até aquele instante, tinham conseguido resguardar sua memória. Ao ouvir o nome de Siméon, cada um lembrou-se de um determinado dia de sua infância e adivinhou que os dois outros pensavam exatamente a mesma coisa. Acabava de ressurgir do passado o vínculo secreto que os unia e que era mais forte do que tudo. A vida os havia separado, mas, graças a Siméon Habineza, ao longo dos anos nunca tinham se separado em espírito.

Sozinho no quarto, Cornelius lembrou-se daquela segunda-feira de fevereiro de 1973 em que, ainda crianças, os três tiveram de fugir para o Burundi. Já fazia 25 anos... Foi pouco antes da queda do presidente Grégoire Kayibanda. De manhã, dois homens entraram na sala de aula, com listas na mão. O professor lera nomes em voz alta e mandara alguns alunos de volta para casa. Nenhum daqueles jovens tútsis sabia que não teria mais o direito de voltar à escola. Ao ver Jessica e Stan saírem com o grupo dos excluídos, Cornelius tinha achado que fosse um erro. Por que os amigos e não ele? Apesar da timidez, levantou-se: “Professor, o senhor me esqueceu”. Os dois homens interrogaram o professor com o olhar, com ar severo, e este explicou, rindo: “Cornelius é filho do doutor Joseph Karekezi. Seu pai é hútu...”. Um dos dois homens o interrompeu: “Ah! Joseph Karekezi, aquele agitador! Um péssimo hútu! Ah! Aquele... Já contaminou o filho”.

Na mesma noite, homens armados de facões e bastões atacaram sua casa natal. Jessica e Stanley tinham ido esconder-se lá. Siméon então arrastou os três para dentro do denso bananal, fazendo-lhes sinal para não se mexerem. Da casa vizinha também subiam chamas e gritos de terror. Durante duas horas, deitados direto no chão, eles viram os agressores derrubar os muros, arrancar as estacas, arrombar portas e janelas e pôr fogo em tudo o que encontravam pela frente. De vez em quando as chamas iluminavam seus rostos. Eles diziam que todos os tútsis tinham de deixar o país. Um dos incendiários quase conseguira divertir as três crianças. O homem, baixinho, era tão obeso que parecia um bloco monstruoso de gordura. Tinha o traseiro monumental e sua camisa vermelha mal abotoada deixava aparecer uma barriga redonda e flácida que quase lhe caía por cima das coxas. Manejava um facão, comprido demais para ele, de um jeito atrapalhado, realmente divertido. Parava a cada dois minutos, sem fôlego, com a língua de fora, os olhos revirados, apoiado no facão fincado no chão. Acabou se sentando no chão, com as mãos na cintura. Enquanto ele respirava ruidosamente, como se estivesse agonizando, as chamas dançavam no seu rosto retorcido de dor. Olhava com inveja os colegas mais vigorosos semearem a desolação em torno deles. Francamente, o que um indivíduo como aquele podia estar fazendo ali?

Mais tarde, em Bujumbura, os três adolescentes criaram o hábito de fazer graça imitando os gestos do sujeito que queria a todo custo esquartejar inocentes, mas que era gordo demais para conseguir.

Naquela noite, os assassinos limitaram-se a aterrorizar: ninguém

tinha sido morto no ataque. No entanto, Cornelius e os dois amigos assistiram a uma cena que ficaria gravada para sempre em suas mentes. Antes de se retirarem, os agressores derramaram gasolina nas seis vacas de Siméon e jogaram tições acesos dentro do cercado. Depois, bem protegidos em suas caminhonetes, ficaram olhando os animais que rodopiavam como grandes bolas de fogo, arremessavam-se contra tudo o que viam se mexer, com mugidos estranhos, até se deixarem cair, agitando as patas cada vez mais debilmente, e morrerem em longa agonia.

Assim que se acalmou, Siméon lhes dissera:

— Venham comigo, crianças. Vamos andar muito tempo. Na volta informarei seus pais.

Ele os levava ao Burundi pelas trilhas pantanosas ao longo do rio Nyabarongo. Muitos de seus amigos de brincadeiras juntaram-se a eles mais tarde, pois os massacres continuavam em Ruanda. Uma dezena de mortos. Milhares de mortos. Assassinatos reiterados de opositores políticos. A trágica rotina do terror.

Pensando naquilo, Cornelius perguntou a si mesmo se poderia lembrar aquele episódio do passado com seu tio, em Murambi. Nada era menos certo. Cornelius ainda se sentia intimidado por Siméon. Guardara dele a imagem de um ser sóbrio, reservado e de grande força interior.

Riscou um fósforo e aproximou a chama do relógio. Quase uma da manhã. Levantou-se e foi para cama. Sem sono, começou sua carta para Zakya. Gostava de escrever deitado, apoiado ora num cotovelo, ora no outro. Mas, depois de algumas linhas, percebeu que suas ideias ainda estavam um pouco confusas e apagou a lâmpada de cabeceira. Dali a alguns dias talvez fosse melhor.

Adormeceu sem sequer dar-se ao trabalho de desfazer as malas.

No dia seguinte de manhã, fez um café no pequeno fogareiro a gás. Eram sete horas e Stanley Ntaramira, que decerto voltara tarde da noite, ainda estava dormindo. Cornelius começou a selecionar e a ordenar seus papéis: documentos e livros sobre a história de Ruanda. Tinha lido muito sobre isso nos anos anteriores, nem tanto para conhecer o passado distante de seu país, mas para compreender o genocídio. Tinha a impressão de que tudo o levava de volta aos massacres de 1994. Até mesmo as especulações científicas sobre a formação das camadas geológicas em Ruanda o conduziam a eles, por caminhos secretos e tortuosos. Era como se o genocídio irradiasse sobre todas as coisas sua luz escura, fizesse convergir para ele os fatos

mais antigos e mais anódinos para lhes dar uma dimensão trágica, um sentido diferente do que teriam em outro lugar.

Uma foto de Zakya escorregou de uma revista da companhia Ethiopian Airlines. Revendo o rosto um pouco zombeteiro da namorada, Cornelius pensou que sua vida fora uma longa sequência de rupturas, mas que Zakya era um de seus pontos fixos. Logo ele se impressionara com seus ares de moça livre, de espírito vivo e aberto. O tecido em que às vezes ela envolvia o corpo, longe de apagar suas formas, destacava sua leveza e sugeria sua sensualidade. Muito alta – era cerca de uma cabeça mais alta do que Cornelius, que era mais para robusto –, Zakya tinha a esbelteza um pouco frágil da gente do seu país.

Antes de partir, Cornelius fizera questão de ir uma última vez até Tadjoura. Falaram de seus projetos. Zakya iria encontrá-lo assim que ele lhe conseguisse um emprego num liceu. Talvez precisassem de professores de matemática em Ruanda, afinal.

Fora o acaso que o levara ao país de Zakya. Tudo se decidira em algumas semanas. Ao deixar Bujumbura, ele não sabia muito bem o que estava fazendo. Mais tarde, indagou a si mesmo se não tivera vontade de ir aonde estava simplesmente porque tinha quase certeza, de antemão, de que não encontraria nenhum compatriota seu. Teria tanta vergonha assim deles? Não, achava que não. No fundo, tudo se resumia em algumas palavras: desde a infância, tinha medo de Ruanda. Certamente lá conhecera manhãs de puro encantamento, como no dia em que Siméon, às margens do lago Mohazi, lhe falara do nascimento de Ruanda. Com frequência voltava a pensar no menino tocando flauta que passara bem perto deles naquele momento. Mas não conseguia esquecer os dias de terror, em seus anos de juventude, quando os assassinos rondavam permanentemente em torno dele.

O instante em que, no bananal, ele segurava a respiração na companhia de Jessica e Stanley formava uma mancha escura em sua memória. Sem dúvida por isso gostara dos grandes espaços do Djibouti. Se os assassinos voltassem, poderia escapar deles correndo sempre em frente. No Djibouti, aquela terra vasta e luminosa, nunca se sentiria encurralado contra o muro de vizinhos que também estavam sendo assassinados.

Por fragmentos disparatados, as cenas do passado e do presente cruzavam-se em sua memória. Sentia quanto lhe seria difícil pôr ordem em sua vida e não gostava de modo algum dessa ideia. Voltar a seu país – lá ser feliz ou lá sofrer – era um renascimento, mas não queria tornar-se um ser sem passado. Ele era tudo o que tinha vivido.

Seus erros. Suas covardias. Suas esperanças. Queria saber, nos menores detalhes, como sua família fora massacrada. Em Murambi, Siméon Habineza lhe contaria tudo. Era preciso.

De pijama, sem se deter, Stanley atravessou o corredor, com uma toalha em torno do pescoço. Alguns instantes depois, Cornelius ouviu-o tomando banho de chuveiro.

Quando voltaram a se encontrar na sala, Cornelius quis saber notícias de seus amigos de infância. Como já esperava, quase todos tinham sido mortos.

Servindo-se de café, Stanley lhe disse:

— Sabe, você vai encontrar pouca gente disposta a falar desses acontecimentos.

— Dá para entender – respondeu Cornelius.

Esperou para saber aonde Stanley queria chegar.

— Jessica insiste em irmos juntos a Murambi – o amigo voltou a falar.

Stanley se esforçara para parecer natural, mas fora traído por sua voz. Por que seus amigos insistiam tanto para irem com ele a Murambi? De repente se deu conta de que, desde que se encontraram no aeroporto, Stanley lhe parecera preocupado e talvez até um pouco distante. Será que o desprezavam porque não tinha feito nada pela libertação do país? Eles, por sua vez, tinham lutado. Jessica fora uma das agentes de ligação da guerrilha em Kigali durante o genocídio. Era uma missão perigosa. Poderia ter sido descoberta e morta a qualquer momento. Stanley havia percorrido o mundo para levantar fundos e explicar aos estrangeiros a luta da FPR. Enquanto isso, ele levava uma existência tranquila de professor de história no Djibouti... Não, seus amigos não podiam censurá-lo por isso. Eles não. De repente uma ideia terrível começou a germinar em sua mente.

— Stan, não me esconda nada. Se Siméon Habineza morreu, você precisa me dizer.

De início Stanley pareceu estupefato. Tinha aquela mistura de sangue-frio e desenvoltura própria dos que às vezes são chamados de corajosos. Mas, dessa vez, Cornelius viu claramente que ele estava perturbado.

— Não fale em desgraça, Cornelius.

Parecia zangado por ele ter feito uma ideia tão pavorosa lhe passar pela cabeça.

— Preciso saber de tudo – disse Cornelius, um pouco confuso. — Siméon é o único sobrevivente da minha família.

Stanley disse então em tom divertido, pondo leite no seu café:

— Pois bem, a única coisa que há para saber é que Siméon Habineza não vai morrer nunca!

Relaxaram um pouco.

— Vamos almoçar no Café des Grands Lacs, pertinho daqui – declarou Stanley. — Mas antes, se você não estiver muito cansado, podemos dar uma volta pela cidade.

— Você não vai trabalhar?

Stanley dirigia um dos departamentos do Banco Nacional.

— Tirei dois dias de licença, qualquer dia eu compenso. É de enlouquecer: todo santo dia enfileirando números!

Cornelius lembrou que no liceu, em Bujumbura, Stanley, com muito dom para línguas, também era considerado um pequeno gênio em matemática.

— Lembra o que você fazia com os rádios quando éramos pequenos, Stan? – perguntou Cornelius, malicioso.

— Não. Do que você está falando?

— Você dizia para Jessica e para mim: “Psiu, não façam barulho, as pessoas que moram e cantam aí dentro estão fazendo a sesta!”. De noite, você embrulhava o rádio num cobertor grosso para elas não sentirem frio. Você esqueceu mesmo ou está fingindo?

— Claro que não – disse Stanley, sorrindo. — Eu também subia na cadeira para apagar as lâmpadas elétricas soprando nelas. Achava que eram como as velas. Mas disso vocês nunca souberam. No fundo, eu poderia ter me tornado um grande cientista, é isso que acontece com os meninos meio bobos.

— É, você queria entender tudo, mas, afinal, acabou não se saindo muito mal, hein, meu velho Stan.

Cornelius encontrou nessa alegria a cumplicidade que eles tinham em outros tempos. Sentiu num lampejo, e pela primeira vez desde sua chegada na véspera, a felicidade de estar em seu país.

Durante o passeio, Cornelius perguntou a Stanley o que lhe tinham ensinado as inúmeras viagens por conta da guerrilha. Stanley respondeu imediatamente, como se tivesse refletido muitas vezes sobre isso:

— Quase tudo sobre mim mesmo. Falava do nosso país para um monte de pessoas, em pequenas salas, em Bobo-Dioulasso, em Estocolmo ou em Denver. Eram gente boa, aliás, todos queriam ajudar, mas antes de tudo tinham vontade de compreender.

— Você conseguia explicar? Às vezes é de enlouquecer...

— Eu tentava e me diziam: “É realmente tão simples assim?”. Era a pergunta clássica. E, quando eu respondia: “Sim”, me lançavam:

“Então por que tanta crueldade?”. Eu dizia: “Não sei”, e achavam essa explicação duvidosa. Eu não queria mentir. Aliás, continuo não entendendo essa orgia de sangue, Cornelius.

— A verdadeira vitória dos assassinos é terem conseguido confundir tudo. As pessoas sempre têm a impressão de que estamos escondendo coisas.

— Lembra aquela longa carta que escrevi para você dos Estados Unidos?

— Ah, sim, da Flórida...

Cornelius lembrava perfeitamente. Stanley falava de um encontro com estudantes e professores de Tampa. Aquele dia as coisas tinham corrido bem. Ele havia lembrado o Holocausto. Será que sobre o Holocausto eles diriam que se tratava de simples massacres interétnicos ente semitas e arianos? Não, é claro. Falar isso seria um insulto à memória das vítimas. Na verdade, era uma loucura assassina dos nazistas que se desencadeara contra homens e mulheres indefesos. Ele dissera: “No final de nossa hora de conversa, terão sido mortos em Ruanda, de maneira atroz, seiscentos velhos e crianças”. E qual era seu crime? Só lhes censuravam o fato de serem tútsis. Stan escrevia na carta: “Eu disse a eles: foi preciso muito tempo para dar o verdadeiro sentido ao genocídio dos judeus, mas atualmente não é necessário esperar tanto. O que vocês teriam feito se, na época, tivessem tido a possibilidade de impedir a Solução Final por meio de uma simples pressão sobre seu governo?”.

Cornelius lembrou-se de ter ficado muito impressionado, ao ler aquela carta, com a lucidez de Stanley, sem dúvida ditada pelo sentimento de urgência absoluta. Seu ideal estava contido em poucas palavras: primeiro vamos salvar vidas humanas e depois discutiremos, se vocês quiserem.

— Era uma carta meio estranha – disse Cornelius.

— Eu não aguentava mais. Era maio de 1994, o mês mais duro do genocídio. Eu não podia encontrar Jessica em Kigali. Então escrevi para você. O que todo esse período da minha vida me ensinou foi o que nos diferencia dos outros: ninguém nasce ruandês. Aprendemos a sê-lo. Li isso em algum lugar e coincide perfeitamente com a nossa situação. É um trabalho muito lento de cada um de nós consigo mesmo.

— Você acha que agora vai melhorar?

— O pessoal do governo está se esforçando, de fato. Suprimiram a menção da etnia nas carteiras de identidade e há muitas outras coisas. Mas o verdadeiro problema são as lógicas de poder na África. Nunca

se sabe como será amanhã.

— Acha que pode começar de novo?

— Depende de cada um. O genocídio não começou em 6 de abril de 1994, mas em 1959, com pequenos massacres aos quais ninguém dava atenção. Se hoje há assassinatos políticos, é preciso punir rapidamente os culpados. Caso contrário, todo esse sangue vai recair sobre nós, mais dia menos dia.

O Café des Grands Lacs estava deserto, com exceção de cinco ou seis clientes com expressão taciturna. Cornelius arrastou uma das cadeiras brancas no piso de madeira e sentou-se de frente para a rua. Franky, o garçom, veio ao seu encontro:

— A mesma coisa, patrão?

Ele fez que sim com a cabeça e os dois sorriram com ar cúmplice. Bastaram alguns dias para que Franky e ele comessem a ser verdadeiros camaradas. Cornelius pedia quase sempre o mesmo cardápio. Suco de maracujá e espetinho de peixe acompanhado com mandioca grelhada e feijão na manteiga de leite de vaca.

O Café des Grands Lacs, meio apertado e cercado por cordas bem trabalhadas, tinha a vantagem de dar diretamente para a avenida principal de Nyamirambo. Para um bairro popular, Nyamirambo parecia bem tranquilo. Os alto-falantes pendurados num canto do bar tocavam *pachanga*[5], ao passo que cantos ruandeses vinham de uma residência vizinha, uma choupana em ruínas a alguns metros à esquerda. Vários caminhões-tanque estacionados na lateral da rua atrapalhavam um pouco a visão e obrigavam os transeuntes a fazer um grande desvio. Cenas comuns numa cidade como outra qualquer. Era espantoso para Cornelius constatar que os acontecimentos de 1994 não tinham deixado vestígios visíveis em nenhum lugar. Onde tinha sido instalada, naquela avenida, a célebre barreira de Nyamirambo? Será que ali, bem na entrada do Café des Grands Lacs, havia cadáveres que os cães e os abutres vinham devorar? Só a própria cidade poderia responder a essas perguntas que ele ainda não podia fazer a ninguém. Mas a cidade recusava-se a mostrar seus ferimentos. Aliás, ela não tinha muitos. Kigali não estava saindo de uma guerra, não houve tiros de obuses, bombardeios aéreos ou tiroteios de um lado a outro de alguma ruela estreita. Os Interahamwe, que queriam carne viva, tinham deixado as árvores em paz. Ao longo das avenidas, sobreviventes e carrascos se cruzavam. Olhavam-se por um instante, depois cada um ia para seu lado, pensando sabe Deus em quê.

Cornelius não se lembrava nem mesmo de ter visto, durante seus

passeios, aleijados ou doentes mentais. Pelo contrário, o país estava intato e cada um ocupado apenas em viver a própria vida. Encontros amorosos. Uma ida ao barbeiro. A rotina dos dias comuns. Franky e os jovens empregados do Café des Grands Lacs faziam seu trabalho como os garçons do mundo todo. Anotavam os pedidos, desapareciam atrás do balcão ou para dentro da cozinha, depois se esgueiravam de novo entre as mesas, com um sorriso nos lábios. Esse desprezo pelo trágico parecia-lhe quase suspeito. Seria por dignidade ou por hábito da desgraça?

Cornelius sentiu um tapinha no ombro. Virou-se e viu o sorriso zombeteiro de Stanley.

— Ei, volte para a terra, irmão!

— Uma pequena viagem mental ao Djibouti – ele disse, mentindo descaradamente.

— E como ela se chama?

— Zakya Ina Youssouf – disse Cornelius, caindo na própria armadilha. — Ela é formidável!

Stanley estava com dois amigos e apresentou-lhe o que ele ainda não havia conhecido. O outro era Roger Munyarugamba.

— Este é Barthélemy... Ele queria te conhecer.

Apertaram-se as mãos.

— Cornelius Uvimana. Cheguei do Djibouti.

Barthélemy e Roger conheciam os outros clientes e, depois de alguns minutos, Cornelius entendeu que eles tinham o hábito de se encontrar no Café des Grands Lacs, que aliás todos chamavam familiarmente de “GL”.

Quando os recém-chegados se instalaram à mesa, sentiu-se pouco à vontade. Os momentos menos agradáveis da sua estada eram aqueles em que precisava conversar com desconhecidos. Não gostava de ver os olhares voltados para ele. Desejaria apenas ouvir os outros, permanecendo na sombra. Sabia que era uma ideia descabida, mas não queria que zombassem dele pelas costas.

Felizmente, depois de alguns copos de Primus e de uísque, a conversa logo partiu para vários assuntos. Só Roger – sujeito atarracado e de voz grossa – perguntou, aparentemente sem segundas intenções, por que ele tinha dado uma volta tão grande por Abidjan para chegar a Kigali.

Por volta de meia-noite e meia, uns soldados de farda e boina vermelha pararam a caminhonete em frente ao café. Um deles, alto, quase tímido, balançando o fuzil na mão esquerda, inspecionou o local, depois saiu sem dizer uma palavra. Durante os poucos minutos

que tinha durado sua passagem, todos os clientes o seguiram com os olhos, em silêncio. Mas o soldado se mostrara muito correto – não havia nenhum traço de agressividade em sua expressão e ninguém aparentou ter medo.

Depois que os soldados se foram, um incidente perturbou muito Cornelius. Uma voz se erguera no fundo da sala. Alguém gritara de repente:

— Meus amigos, clamem a sua dor! Ah! Queria tanto ouvir sua dor! Eu bebi sangue. E agora ouçam bem!

Cornelius pensou imediatamente no homem magro e soturno sentado sozinho diante de seu copo de uísque. Aquela voz forte e cortante só podia ser a dele e a estranheza das frases combinava bem com um personagem tão singular. Tinha sido apresentado a Cornelius como Gérard Nayinzira, mas todo mundo o chamava de Marinheiro ou, às vezes, de Marujo. Visivelmente hesitante diante da gravidade do que ia dizer, anunciou sua intenção de finalmente escancarar a verdade, depois proferiu acusações enigmáticas. A quem será?, perguntou-se Cornelius em meio a um silêncio cada vez mais pesado. O homem quis voltar atrás, mas, depois de novamente ter hesitado um pouco, ergueu o copo, fez tilintar os pedaços de gelo e disse com uma violência que impressionou Cornelius intensamente:

— Perdoar, eu? Ora, vocês estão brincando! Estão brincando!

Em seguida, insultou a plateia:

— Ei! Isso é povo ou rebanho? Gado ordinário, digam? E eu, eu estou com o sangue cheio de sangue!

A primeira reação de Cornelius foi lançar um olhar na direção de Stanley. Este – Cornelius percebeu perfeitamente – evitou seu olhar.

Finalmente, a despeito de diversas exortações, Marinheiro anunciou que ia embora, prometendo falar em outra ocasião, já que naquela noite não tinha conseguido dizer o que lhe ia no coração – pelo que ele se desculpava sinceramente, fazia muita questão de que os cavalheiros não ficassem ressentidos com ele.

Mas, em vez de voltar para casa, o Marinheiro foi se instalar no balcão, de onde se pôs a percorrer a sala com os olhos, com ar ausente e vagamente hostil. Por alguns segundos Cornelius teve a sensação de que ele o fixava com intensidade particular. Foi nesse momento que Barthélemy, o outro amigo de Stanley, abriu a boca pela primeira vez. Cornelius observou-o. Magro, tinha a pele muito clara, rosto alongado, nariz fino e têmporas chatas. Assim que ele chegara, Cornelius tinha reparado em seus olhos vermelhos e vidrados de alcoólico, mas também adivinhara nele um ser de inteligência quase anormal.

Barthélemy limitara-se até então a fumar um Intore atrás do outro diante de sua garrafa de Primus, concentrando toda a atenção em Cornelius, que se constrangera com isso.

— Na vida – disse Barthélemy – o essencial para cada um de nós é não se desviar da sua verdade. O resto... pois bem, o resto não importa.

Amassou sua guimba no cinzeiro antes de pedir outra cerveja. Pela maneira como destacava as palavras sentia-se nele o homem seguro e que formara para si, por uma reflexão metódica e solitária, uma opinião muito firme sobre todos os assuntos. Ninguém lhe respondeu. Era como se cada um temesse romper o encanto ambíguo do instante.

A realidade acabava de se transformar, de maneira mais ou menos inquietante, em algo já vivido. Para Cornelius, tudo contribuía para um mal-estar difuso: aquele fim de noite numa cidade que ele mal conhecia, a penumbra do café, os rostos rígidos e as vozes roucas, como de além-túmulo, de Barthélemy e do Marinheiro.

Ele voltou a pé, na companhia de Stanley e Roger.

— O que significa tudo isso?

— Nada – disse Stanley rapidamente.

— Vejo que você esperava minha pergunta, Stan...

— Claro. Não confie nas aparências. A gente tenta esquecer, mas às vezes volta com força. Ninguém pode fazer nada. Aquele homem escapou de um massacre e... e é isso aí!

— Tudo bem, Stan?

— Por quê?

— Tenho a impressão de que você não gosta de falar nessa história.

— É, detesto. Fique sabendo de uma vez por todas que quero esquecer...

— Mas por que ele me olhava daquele jeito? Nem conheço aquele cara!

— Se quer saber a verdade, é o seguinte: o Marujo não estava olhando para ninguém e a essas alturas ele já se esqueceu de tudo.

Stanley parecia ao mesmo tempo aborrecido e triste.

“Estou perdendo o pé”, pensou Cornelius vendo a cara fechada do amigo.

— Vou tomar mais um trago no Kimihurura, não estou com sono – disse Roger, visivelmente resolvido a não se meter na discussão deles.

Cornelius deixou-se tentar.

— Vou com você.

Deram alguns passos. Stanley, que já tinha se afastado um pouco, chamou-o e disse em voz baixa:

— Cuidado com esse cara.

— Eu o odeio – declarou Cornelius, enfático.

Sentia-se muito agitado e furioso com todo mundo.

— Você também está meio bêbado, cuidado, meu irmão – disse Stanley, dando-lhe um tapa no ombro.

Roger e ele foram surpreendidos pela chuva no bairro de Kimihurura. Entraram num pequeno restaurante administrado por um africano do Oeste. Em matéria de restaurante, era mais uma barraquinha esfumaçada onde se vendia churrasco de carne de vaca e de frango. De vez em quando a chuva batia, trazida pelo vento, e os clientes ficavam apertados uns contra os outros entre as pilhas de caixas de cerveja e de Coca-Cola. Sentaram-se num banco comprido de madeira ao lado de outros clientes e foram servidos de uísque. Cornelius perguntou-se por que estava naquele lugar numa hora daquelas e por que odiava tanto Roger, que ele mal conhecia. O fato de estar todo molhado de chuva agravava seu mau humor. Se Roger o tinha levado até lá, certamente estava com alguma ideia na cabeça. O que aquele canalha queria saber? Um cara suspeito. “Se Stan me disse para tomar cuidado, é por alguma razão. Há suspeitas de que esse Roger se comportou mal durante os acontecimentos.” Roger lhe contou, aliás pela vigésima vez em alguns dias, que tinha salvado feridos durante o genocídio.

— Eu limpava o fermento deles com vinho da missa – disse, orgulhoso.

— Não é de surpreender – disse Cornelius em tom áspero. — O poder de Jesus, não é?

Sentia-se cada vez mais embriagado e prestes a fazer um escândalo ao menor pretexto.

— Vejo que você não está me levando a sério, mas garanto que não há melhor desinfetante do que vinho de missa.

Um dos seus vizinhos de banco, que parecia adormecido, virou-se para Roger com olhos assombrados. Cornelius deu uma gargalhada.

A chuva só parou pelas duas e meia da manhã.

Completamente bêbados, perambularam pelas ruas desertas e molhadas de Kigali. Roger perguntou o que ele ia fazer em Murambi. “Parece que ele está insinuando que eu não estava aqui enquanto matavam inocentes e que agora venho encher o saco de todo mundo com minha dor”, pensou Cornelius, amargo.

— Vou montar uma peça de teatro sobre o genocídio.

— Ah, é? – disse Roger.

Cornelius pôs-se então a inventar uma história maluca, parando com frequência para declamar trechos ou imitar os movimentos dos atores.

— Sim. No começo da peça há um general francês que anda pelo palco, com um charuto enorme na mão. O nome dele é Perrichon. Quero que se veja imediatamente que ele é de uma má-fé sem limites. Um cara gorducho, bigodudo e de pijama de seda. Quer que eu diga o que preocupa o general? Pois bem, é o seguinte: está desgostoso, diz que talvez tenham matado seu gato durante os genocídios.

— Os genocídios?

— É. O general tem aquela merda de teoria dos genocídios cruzados. Todo mundo tenta matar todo mundo e depois não tem mais ninguém para matar ninguém. Está entendendo?

À guisa de resposta, Roger fez uma careta.

— Um perfeito bundão, esse general. Mais hipócrita impossível. “Claro”, diz ele, “claro, alguns vão se scandalizar: quem é esse cavalheiro que vem falar do gato dele num momento em que todos nós estamos morrendo?”. E o general Perrichon os compreende, diz que, por mais general que seja, tem um fraco pelos direitos humanos. A defesa da viúva e do órfão, disse ele entende. Sim, ele os compreende. Não gosta de jeito nenhum de tudo o que está acontecendo neste belo país, todo esse sangue derramado na terra de Ruanda. É tão horrível. Mas – e aí o general levanta o dedinho para mostrar que, depois dos sentimentos nobres, chegou a hora da pura lógica – por acaso seu gato tem alguma coisa a ver com isso? Ele faz uma pergunta muito precisa: seu gato é hútu, tútsi ou tuá? Não, nem uma coisa nem outra, não é? Perfeito. Que todos acompanhem seu raciocínio. Seja como for, ele não vai se intimidar, gosta do animal, clama-o em alto e bom som e quer que se prove – por uma demonstração rigorosa e não no blá-blá-blá confuso que está na moda – que a morte de um gato pode resolver os problemas políticos do país. Quanto a ele, não tem nada contra os negros, mas, convenhamos, eles estão exagerando, não é? Fazem as coisas deles e, em vez de encararem a realidade, dizem que a culpa é dos brancos, que a culpa é dos gatos e, quando devoram uns aos outros, as boas almas dizem: mas, compreendam, é a fome. Ele declara claramente: a fome tem as costas largas. Nesse momento, os atores escondidos na plateia dão risada e ele grita: “Ah, estão achando engraçado! Pois guerra é guerra!”. Está me acompanhando, caro Roger?

— Muito interessante – Roger ironiza, cada vez mais perplexo.

— Então, mudando de tom, o general Perrichon grita o nome do

capitão Régnier. Este chega e presta continência: o inquérito lhe é confiado. O capitão pergunta: “Perdão, general? O senhor disse seu gato?”. O capitão acha que afinal aquilo é um pouco demais. “Sim”, diz então o general, que dá a entender que o animal é portador de segredos militares da mais alta importância. Um gato-espião, ora. Coisas que os *angliches* e os *amerloques*^[6] poderiam utilizar para conspurcar a honra da França. Enfim, é um assunto de Estado. “Há... er... indícios?”, indaga o capitão Régnier. “Nosso jardineiro desapareceu há três dias”, declara o general. “Sabe, aquele jovem que é da Etiópia, acho. Fácil de reconhecer. Arrogante e dissimulado. Mandou dizer que o mataram numa barreira, mas duvido. É muito fácil, não é? Quando alguém quer ficar na boa vida, é só telefonar para o patrão e dizer: ‘Senhor, é o genocídio, eu morri’. Fácil demais! Procure esse sujeito, capitão!” O general sai. O capitão convoca seus dois auxiliares, Pierre Intera e Jacques Hamwe, e diz: “Rapazes, preciso de vocês de novo!”. Pierre Intera e Jacques Hamwe fazem parte, por assim dizer, do recrutamento local, têm o estranho hábito de segurar o tempo todo seus dois facões cruzados apontados para cima. O capitão pergunta: “Como se reconhece um amigo de verdade?”. Eles respondem roçando um facão no outro: “Está presente nas horas difíceis!”. Então ele diz: “Ao trabalho, rapazes!”. E nossos três homens torturam, estupram e matam para encontrar o jardineiro etíope que sumiu com o gato do general Perrichon.

Depois de observar Cornelius por um momento, Roger diz em voz baixa:

— Você não deveria beber, é perigoso para você.

Sua voz estava completamente mudada. Ele estava realmente assustado. Cornelius entendeu que deveria se calar, mas não tinha vontade nenhuma. Explicou a Roger que estava hesitando entre Médor e Sultan para o nome do gato. Gritava cada vez mais alto na calma da noite e Roger estava aterrorizado.

— Eles andam sempre juntos.

— Quem?

Roger não entendia mais nada.

— O capitão Régnier e meus dois espertalhões, Pierre Intera e Jacques Hamwe. Ei! Ei!

— Você não está se dando conta, Cornelius. Mas insisto em que a gente converse amanhã, quando você estiver melhor – Roger voltou a dizer.

— Tenho cá uma ideia sobre esses dois espertalhões – continuou Cornelius, com a teimosia dos bêbados. — Durante toda a peça, eles

vão manter seus facões erguidos e entrecruzados. Mas isso eu já disse, acho. Quase não vão abrir a boca. Sua única maneira de falar será roçar os facões um no outro. Estou aprofundando a ideia, estou aprofundando...

Chegaram diante da casa de Roger. Ele estava visivelmente satisfeito por finalmente poder se desvencilhar de Cornelius.

— E qual vai ser o fim da história, eles vão encontrar o gato ou o quê? — ele perguntou, tocando a campainha da casa.

— Ah, não! Você não me conhece direito, não vou ser indulgente com o cretino do general Perrichon. Ah, sim, porque eu não disse que a mulher dele não para de choramingar o tempo todo. Ela vai deixá-lo, pois não quer saber de um general incapaz de proteger um gato contra um jardineiro etíope em tempo de guerra. Ele vai ficar louco de dor e no fim vai perambular pelo palco fazendo miau... miau...

— Boa noite. Amanhã nos falamos. É sério.

Cornelius continuou a caminhar sozinho miando, até Nyamirambo.

Cornelius desceu do micro-ônibus e ficou alguns minutos de pé na beira da estrada. Várias ruelas de areia seguiam uma encosta por uns 100 metros e depois subiam para a colina. Ele não sabia qual delas levava à casa de Jessica. Das indicações dela, só lembrava que veria, perto do ponto de ônibus, uma fileira de salões de cabeleireiro. Enveredou ao acaso pelas ruelas tortuosas. Eram como que rasgadas por sulcos que conduziam água suja. Perto de uma grande valeta a céu aberto jaziam pedaços de chapa enferrujada e latas de conserva, embalagens de papelão e galhos com folhas enlameadas. De vez em quando, vapores nauseabundos saturavam subitamente a atmosfera e ele apressava o passo. Chegando por trás dele muito lentamente, um velho carro branco de entregas levantava muita poeira ao passar. Cornelius encostou-se num muro para deixá-lo continuar, mas um vendedor de carvão estava instalado diante dele e uma nuvem preta se levantou no ar. Na esquina da ruela, um sujeito melancólico oferecia, numa mesa bamba, sapatos usados e completamente deformados. Será que alguém de fato parava para comprar coisas como aquelas? Aquilo pareceu-lhe de um absurdo quase desesperador. Ele parou perto de pequenas oficinas de costura; suas paredes amarelas eram ornadas com retratos de cores agressivas, de cantores e esportistas. Nos dias anteriores, ele tinha vislumbrado as colinas de longe, passeando pelas grandes avenidas de Kigali. Pareceram-lhe então de uma beleza

sublime. Agora a cidade lhe mostrava sua face oculta. Nada até então lhe fizera suspeitar a existência daquelas casas de adobe, sinistras, estreitas e sem janelas. Amontoadas umas sobre as outras, pareciam prestes a desmoronar a qualquer momento. Era o caos absoluto. Tudo parecia desconjuntado, ziguezagueante, deteriorado, torto, remendado, miserável. Nunca tivera contato tão direto e violento com a miséria. Diante daquele espetáculo, para ele inesperado, sentia-se quase traído. Como seria aquilo na estação das chuvas? O mais duro para Cornelius era não poder sequer imaginar que algum dia as coisas melhorariam um pouco. Entretanto, nada o impressionou tanto quanto o silêncio daquela colina superpovoada. Sua mente não estava completamente clara, mas pareceu-lhe não ter visto em nenhum lugar grupos alegres de crianças, vizinhos se chamando por cima das cercas ou simplesmente batendo papo na porta de casa.

Quase tinha esquecido que estava procurando a casa de Jessica. Depois de ter perambulado por uma hora, de repente se viu novamente na rua que beirava a outra vertente da colina e deu meia-volta. Uma criança suja e maltrapilha passou na frente dele, assobiando. Um pequeno rebento estragado pela miséria, entre centenas de milhares de outros. Era realmente insuportável.

Aguçou o ouvido e acreditou reconhecer na boca do menino uma canção de Koffi Olomidé.

— Ei, garoto!

O menino parou.

— Pode me mostrar a rua onde ficam muitos cabeleireiros?

— É do outro lado, *papa*. Venha.

Jessica vivia modestamente – de aluguel, ela esclareceu – numa casa de Kiyovu-des-Pauvres. Cornelius fez o possível para não reparar no despojamento da sala. No chão de cimento estavam dispostas uma mesa baixa e poltronas. As paredes tinham acabado de ser pintadas. Só uma janela minúscula deixava passar um pouco de ar e durante os primeiros minutos Cornelius teve dificuldade para respirar normalmente. A casa estava como morta. No entanto, outros locatários ocupavam a ala direita da construção. Cornelius só tomou consciência deles ao vê-los ir e vir na escada da frente e no quintal.

Porém não percebeu nenhum constrangimento da parte de Jessica, o que o deixou um pouco mais à vontade.

— E aí, Girino, tudo bem? – ela exclamou, rindo, assim que ele se deixou cair no sofá.

Cornelius arregalou os olhos.

— Do que você me chamou?

— Era esse seu apelido em Bujumbura, não era?

— Ah...

Ele tinha esquecido.

— Você tinha uma cabeça deste tamanho, então recebeu essa alcunha. Aliás, você era bem feio.

— Deu uma melhorada, não é?

— Você engordou muito desde então, até que não está tão mal para um velho de 37 anos.

A camisa mal abotoada de Jessica deixava à mostra o osso do peito. Ela tinha o corpo seco e sem graça. Cornelius achou que provavelmente ela estivera muito doente.

Eu era o Girino... Stan era o pequeno craque da escola. E ela?, perguntou-se Cornelius. Como fora sua verdadeira infância? Jonas Sibomana, o pai da Jessica, veio-lhe à memória. Breves aparições em Bujumbura. Ia embora de novo, mas ninguém nunca sabia dizer para onde. Tinha se juntado a uma das muitas guerrilhas dos anos 1960 e sua vida era envolvida em mistério. Ele adorava Jessica e queria moldá-la à sua imagem. E havia também a mãe de Jessica. Muito cedo enclausurada no silêncio e na loucura. Tinha alucinações e falava sozinha nas ruas de Buyenzi, bairro deles. Morreu muito jovem. No Djibouti, Cornelius recebera uma carta de Jessica. Ela dizia: “Minha mãe contou muito mais em minhas escolhas do que eu podia imaginar quando ela era viva. Sua imagem me acompanha por toda parte. Continua sendo, mesmo no túmulo, a testemunha secreta da minha vida”.

Cornelius apontou para um cinzeiro, sobre a mesinha, cheio de bitucas.

— Você deveria fumar menos, Jessica. Está se destruindo.

— Criei o hábito em Arusha.

— Arusha?

— Sim, eu estava na delegação da FPR. A gente quase nunca dormia. Então, eu tentava aguentar como podia. Cigarros e xícaras de café. Lá, quando saíamos à noite, falávamos suaíli e não quiniaruanda, para não chamar atenção dos tanzanianos.

Cornelius sentia-se cada vez mais relaxado com o passar dos minutos.

— Vou fazer uma pergunta e se você achá-la estúpida...

— Se for idiota, vou me dar o prazer de zombar de você.

— Ok. Você já matou alguém?

— Ah! – disse ela. — Não. Mas, durante a tomada de Kigali, eu estava com nossos homens em Rebero. Fomos antes dos outros para o

alto da colina e de lá vi acabarem com eles como coelhos.

Um pouco antes das onze horas, uma jovem de uns 20 anos chegou com um cesto na cabeça.

— Nicole é minha prima. Vai preparar o almoço para nós.

Cornelius ficou na casa de Jessica até o fim do dia. Era como se cada um deles tivesse guardado segredos para quando um reencontrasse o outro. Cornelius mencionou de novo a peça de teatro que queria escrever. Era a primeira vez que o fazia com tanta naturalidade.

— A peça sobre o genocídio? Roger me falou dela.

— Hum, conversei sobre isso com ele outra noite. Acho que falei bobagem. Eu estava atordoado demais, tinha exagerado um pouco no uísque.

— Ah, sim! Ele contou a noitada de vocês para todo mundo. Disse que você é um grande artista no seu gênero.

Jessica prometeu ajudá-lo a montar o espetáculo. Depois, mostrando a sala com um gesto cansado, acrescentou:

— Você vê como eu vivo... Os tempos estão difíceis.

Cornelius evitou olhar para ela.

— Você se arrepende, Jessica?

Jessica se calou por um instante, depois respondeu:

— Nos momentos muito duros, me sinto desamparada, é verdade. Mas em seguida tenho vergonha de pensar assim. Não, no fundo pouco importa o que acontece com uns e outros ou mesmo com o país. Nós lutamos para tornar Ruanda normal. Só isso. Era uma boa luta.

— No entanto, você continua fazendo coisas importantes.

Jessica se engajara como voluntária em inúmeras associações de ajuda aos órfãos do genocídio e às mulheres estupradas.

— Se algum dia eles tiverem meios de me dar um pequeno salário, tanto melhor. Enquanto isso, há todos esses ferimentos para curar.

Cornelius sentia que Jessica não costumava se entregar.

— Sim, há muitas coisas a fazer neste país. Se as pessoas fossem menos pobres, não teríamos chegado a esse ponto – ele disse.

— Isso todo mundo sabe, Cornelius. Mas nós vivemos uma época tão estranha. Na África, na Europa, em toda parte, os raros sonhadores que ainda têm vontade de mudar o mundo sentem como que vergonha de confessar isso, têm medo de se passar por idiotas.

Jessica tinha saudade, sem dúvida, do tempo de seu pai. Apesar dos resultados pouco brilhantes, aqueles revolucionários pelo menos tinham feito as coisas se mexerem.

Ela disse que às vezes tentava compreender e aceitar o horror.

— Tenho necessidade de acreditar que é possível conviver com o horror. Isso me acalma um pouco o coração.

— Sim – disse Cornelius. — Nunca se viu tanta sacanagem ao mesmo tempo. Balcãs. Argélia. Afeganistão. E sabe que em Serra Leoa eles se limitam a mutilar suas vítimas? É pior do que tudo. Não sei onde encontram força para cortar as pernas e os braços de uma menina antes de deixá-la ir embora. E todo mundo está se lixando.

— Não, Cornelius, pouca gente está verdadeiramente se lixando. Em 1994 eu pensava como você. Ficava louca de ódio vendo aquelas pilhas de cadáveres em Kigali. Mas você bem sabe que depois do genocídio a vida continuou. Estão massacrando em outros lugares e nós nos sentimos impotentes. Isso é que é terrível: a gente não pode fazer nada. Levaria uma vida inteira. Nossos dias são tão curtos e os assassinos têm muito mais energia do que os bons! Além disso, contentam-se em causar a devastação ao seu redor, nem precisam saber que o resto do mundo existe. Para eles é fácil ganhar o jogo.

Durante o almoço, falaram mais longamente de Zakya do que na primeira vez.

— Ela vem morar comigo aqui, mas antes preciso encontrar dois empregos num colégio.

— Ah! Não imaginava você vivendo do seu teatro.

— Não sou louco.

— Como ela é, Zakya Ina Youssouf?

— Ela tem caráter. Você vai ver, vocês vão se entender.

Zakya. Suas broncas afetuosas. Estava começando a sentir falta dela. A despedida deles no aeroporto de Djibouti. Ele identificara uma grande ansiedade no rosto dela enquanto ela acenava pela última vez. O que seria dele longe dela? Zakya certamente perguntava-se a mesma coisa. Imaginava Ruanda como um país completamente devastado por combates mortíferos que podiam recomeçar a qualquer momento. De todo modo, sempre tivera a impressão de que Cornelius correria perigo em qualquer lugar. Essa preocupação em proteger Cornelius de si mesmo tornava-a uma mulher madura demais para seus 28 anos. Aliás, Cornelius às vezes pensava que Zakya era, para ele, antes um irmão mais velho do que uma namorada. Ela quase o fizera jurar que lhe escreveria assim que chegasse a Kigali. Ele prometeu a si mesmo que lhe contaria na carta as pequenas coisas que estava vivendo. Por que lhe falar somente da morte?

— Já nos primeiros dias do nosso encontro, ela quis saber tudo de Ruanda – ele contou a Jessica.

— E, com certeza, ela tinha na cabeça os mesmos chavões: duas

etnias que se odiavam desde tempos imemoriais.

— Claro. Isso me irritava e tentei com paciência tirar essas bobagens da cabeça dela. Expliquei que não era verdade e, principalmente, que os primeiros massacres datavam de 1959, e não da noite dos tempos.

Mas Zakya não se deixava convencer facilmente. Um dia em que a sentiu um pouco menos desconfiada, ele disse que nunca houvera etnias em Ruanda e que nada separava os tuás, os hútus e os tútsis. Na mesma hora um raio atravessou o olhar de Zakya. Preocupado por ver nisso um sinal de que ela o tomava por mentiroso, lançou-se em explicações meio caóticas: “Temos a mesma língua, o mesmo Deus, Imana, as mesmas crenças. Nada nos separa”. “Separa, sim”, respondeu Zakya, maldosa. “Entre vocês há esse rio de sangue. Não se pode dizer que seja nada, afinal. Deixe de história.” Depois ela acrescentou: “Não sou nenhuma imbecil, e vocês terão de abordar os problemas do seu país de outro modo se quiserem resolvê-los”. Ele se assustou. Aliás, será que ele mesmo, de alma limpa e sã consciência, podia dizer que as coisas eram tão simples como tentava fazer Zakya acreditar? Que sentido dar à violência em seu país? Talvez fosse absurdo, da parte das vítimas, continuarem clamando tão obstinadamente sua inocência. E se esse castigo radical – o genocídio – fosse uma resposta a um crime muito antigo do qual ninguém mais queria ouvir falar? “Agora que estou de volta a Ruanda, vou perguntar tudo isso a Siméon Habineza”, pensou ele. Não tinha medo da verdade, voltara também para conhecê-la.

Confessou para Jessica.

— Zakya me fez duvidar. Voltei a estudar a história de Ruanda. No entanto, não encontrei nenhuma resposta. Os documentos provam que os hútus e os tuás, em outros tempos, foram oprimidos pelos tútsis. Eu sou hútu, mas não quero viver com essa herança. Recuso-me a pedir ao passado mais sentido do que ele pode dar ao presente. Tome o exemplo dos africânderes na África do Sul. Eles eram verdadeiros estrangeiros e mostraram-se particularmente cruéis com os negros do país. No entanto, lá as coisas acabaram se arranjando. Por que não aqui? Os negros do Soweto não disseram, quando Mandela ganhou: “Vamos matar todos, até o último!”?

Jessica sorriu:

— Concordo com você, ninguém teria achado normal, ninguém teria dito: “Ah! Aqueles pobres negros da África do Sul, afinal é preciso compreendê-los, sofreram tanto com a arrogância dos racistas brancos durante três séculos!”.

— No entanto, é isso que se diz hoje de Ruanda – observou Cornelius.

— Sim – respondeu Jessica –, e isso nos deveria fazer refletir. O respeito é um mérito.

Foi naquele dia – em Obock, no norte do Djibouti – que nasceu em seu espírito uma ideia que não o abandonaria mais durante seus anos de exílio. Ao ver Zakya raivosa, ele pensou: “No fundo, Ruanda é um país imaginário. Se é tão difícil falar dele de maneira racional, talvez seja porque não existe de verdade. Cada um tem sua Ruanda na cabeça, que não tem nada a ver com a dos outros”.

— Afinal, Zakya acabou entendendo?

— Sim. Ela ficou sobretudo comovida com meu desalento. Vale dizer que vivemos juntos o genocídio. Foi por ela que fiquei sabendo da morte de Habyarimana.

Certa manhã, Zakya inclinara-se para ele na sala dos professores: “Você está corrigindo provas. Tenho certeza de que não ouviu o rádio ontem à noite...”. Seu coração disparou. Tinha começado de novo, com certeza. Sempre começava de novo.

Saíram e ela contou-lhe que o Falcon 50 do presidente Juvénal Habyarimana tinha sido derrubado na véspera, em pleno voo. Cyprien Ntaryamira, chefe de Estado burundiano, também estava no avião. Não houve sobreviventes e todos eram acusados pelo atentado: os belgas, os franceses, a FPR e os extremistas do Hutu Power.

Cornelius telefonara para o pai. Do outro lado da linha, o dr. Joseph Karekezi estava tenso, mas calmo. “Certamente”, declarou com uma serenidade bastante tranquilizadora, “os agitadores e os fanáticos vão aproveitar para atacar inocentes”. No entanto, estava absolutamente otimista. Tudo se resolveria rapidamente. Vencendo certo pudor, ele perguntara ao pai: “Será que eles não vão atacar você por causa das suas posições do passado?”. O dr. Karekezi disse-lhe que não se preocupasse. Entretanto, Cornelius havia percebido um leve nervosismo em sua voz. “O fato de estar tão longe de Ruanda decerto me leva a julgar a situação mais grave do que é na realidade. Talvez isso irrite meu pai”, ele pensara, quase aliviado. Em seguida, tinha falado com a mãe e brincado um pouco com Julienne e François. Tudo parecia mais ou menos normal.

Mas o dr. Karekezi errara o diagnóstico: as notícias eram cada dia mais dramáticas. Quando não conseguiu mais falar nem com o pai nem com nenhum outro membro da família, ele simplesmente disse para Zakya: “Sei o que isso significa”. No círculo deles, ninguém parecia saber que estava acontecendo alguma coisa em Ruanda.

Aquela solidão na provação aproximara um do outro.

Depois de tê-lo ouvido sem reagir, Jessica disse delicadamente:

— Zakya e você vão poder construir alguma coisa. Seja como for, isso é bom.

— Quanto a isso, nada a temer. Somos feitos para nos entender.

Jessica contou-lhe a história de sua amiga Lucienne.

— Ela saía com um cara chamado Valence Ndimbati. Nunca vi dois jovens tão apaixonados um pelo outro. Aliás, todo mundo sabia. Eram vistos por toda parte e iam se casar em abril de 1994. Depois houve as matanças. No início, ele a protegia, mas um dia avançou para cima dela com o facão, gritando: “Hoje não tem amor!”. Lucienne ficou obcecada com a cena, não conseguia acreditar, falava disso o tempo todo, rindo e chorando ao mesmo tempo. Ela acabou se suicidando há três meses.

— E você, Jessica, como é sua vida amorosa?

Ele não a imaginava muito fácil. Era uma mulher de personalidade forte, do tipo que amedronta os homens. Sua resposta o surpreendeu.

— Foi bem mais rica do que você imagina. Não fique chocado se digo isso, mas gosto de sentir um homem se mexer dentro do meu corpo. É bom.

Sexo não era o tipo de assunto com que Cornelius se sentisse à vontade:

— Estou falando de uma relação amorosa de verdade.

— Ah! – Jessica gargalhou –, que anjinho!

— Está zombando de mim.

— Bem, digamos... Tenho cá minha teoria sobre isso, sabe: só se ama uma vez na vida. A questão toda é saber qual é essa vez.

— Depende. Zakya foi a única que contou na minha.

— Têm sorte, vocês dois. Quanto a mim, tem um cuja imagem me volta com frequência, não consigo esquecê-lo, mas não sei de fato se esse cavalheiro é o amor da minha vida.

Apesar do tom irônico, ela parecia amarga. Cornelius foi invadido por uma súbita tristeza. Achava injusto que, depois de ter dado tanto aos outros, Jessica não pudesse nem ser feliz, só porque não era bonita. Um homem sem dúvida compreendera Jessica, mas o destino barrara seu caminho. Outro segredo doloroso, a parte de sangue cobrada dela pelo genocídio.

— Ele foi morto...?

Jessica deu uma risada alegre.

— De jeito nenhum! O que deu em você, Cornelius, para pensar que ninguém mais está vivo neste país?

Eles foram até Ntarama. A viagem levou quase duas horas, tão acidentada era a pista. A poeira levantada pelo Datsun tingia de vermelho as bananeiras-anãs mais próximas da estrada. O olhar de Cornelius perdia-se na distância, entre os cumes de infinita doçura que, na bruma azulada, pareciam véus lentamente levantados pelo vento. Várias vezes cruzaram com caminhonetes carregadas de cachos de minúsculas bananas verdes e Jessica perguntou a ele se não queria comprar.

— Sou louco por elas. Na volta, talvez.

— Na volta pode ser que você não esteja mais com vontade.

— Por que está dizendo isso?

— Vamos ver coisas terríveis, Cornelius.

Na ponte Kanzeze, Jessica disse:

— Neste rio, o Nyabarongo, durante o genocídio foram contados até 40 mil cadáveres boiando ao mesmo tempo. Já nem dava para enxergar a água.

— Vi as imagens na televisão, no Djibouti.

— E o que os estrangeiros dizem quando mostram essas coisas?

— Nada, Jessica. As raras pessoas que se interessam ficam sinceramente desoladas. Elas pensam: os hútus estão matando os tútsis e os tútsis estão matando os hútus. Só isso.

— Você deveria ter explicado a eles.

Era a primeira vez que ele sentia um tom de reprovação na voz de Jessica.

— Tentei, mas seus sorrisos condescendentes logo acabam irritando a gente. Você diz: parem com essa história de ódio milenar, isso só começou em 1959! Você diz tudo e eles se limitam a menear a cabeça com ar meio cético.

— É muito difícil, eu sei – disse Jessica, estacionando embaixo de umas árvores.

Tinham chegado.

Bem no momento em que iam transpor o imenso portal da igreja de Ntarama, chamou atenção de Cornelius um grupo de camponeses sentados na grama, alguns metros à esquerda. Todos tinham se virado ao mesmo tempo para Cornelius e Jessica, observando-os em silêncio, mas com viva curiosidade.

Lá dentro, Cornelius viu pela primeira vez os cadáveres das vítimas do genocídio. Sobre duas mesas compridas, numa choça de palha retangular, estavam expostos restos humanos: os crânios à direita e diversas outras ossadas à esquerda. Num pedaço de papel preso a um pequeno maço de flores, alguém escrevera à mão: “O inocente não

morre, ele descansa”. No fundo da paróquia, à esquerda, um ambiente maior. Lá o vigia dava explicações a um grupo de visitantes. Os dois juntaram-se a eles e, por suas perguntas um pouco ingênuas e por suas expressões abatidas, concluíram que eram estrangeiros. O vigia, um homem baixinho, tinha o nariz achatado e cabelos bem brancos, que contrastavam com a aparente juventude de seu rosto. Com uma camisa azul muito suja, parecia intimidado pelos visitantes, e mantinha-se humildemente em pé, com as duas mãos cruzadas à altura das coxas. Nesse segundo recinto, os corpos encontravam-se no estado em que tinham sido deixados pelos assassinos quatro anos antes. Farrapos de roupas ainda estavam grudados nos corpos e havia um pente largado perto de um banco de madeira. Os estilhaços de granadas haviam salpicado no teto pequenos pontos luminosos. O vigia dava detalhes com sua voz monocórdica:

— Os milicianos Interahamwe chegaram por volta das onze da manhã, num dia de abril. Os tútsis tinham vindo se refugiar na sua paróquia, mas o padre já não estava aqui. Eu me escondi no pântano, entre os papiros. Durante vários dias, só ouvi os latidos dos cães.

Ele disse também que de 120 mil tútsis daquela comuna, 65 mil foram mortos.

Fora, os camponeses, ainda imóveis na grama, os viram partir em silêncio.

De Ntarama, foram para a igreja de Nyamata.

Entre 25 mil e 30 mil cadáveres estavam expostos na majestosa construção de tijolos vermelhos. Um outro vigia conduziu-os primeiro à cripta nº 1, um recinto amarelo situado no subsolo, iluminado por uma dezena de lâmpadas elétricas. Lá também ossadas amontoavam-se sobre uma mesa comprida coberta de areia fina. Numa das pontas, estava um corpo bem conservado, quase intato.

— Quem era essa moça? – perguntou Cornelius, voltando-se para o vigia.

— Chamava-se Theresa – respondeu o vigia. — Theresa Mukandori. Todos nós a conhecíamos muito bem.

A moça tinha a cabeça jogada para trás e o berro que a dor lhe arrancara imobilizara-se em seu rosto ainda contorcido. Tinha as tranças magníficas em desalinho e as pernas muito abertas. Uma estaca – de madeira ou de ferro, Cornelius não sabia, estava chocado demais para se preocupar com aquilo – permanecia enfiada em sua vagina.

A única coisa que ele conseguia fazer era balançar a cabeça, nervoso. Lembrou-se das afirmações de um famoso intelectual afro-

americano depois de passar por Nyamata. Completamente traumatizado, ele havia declarado a uma televisão de seu país: “Pois é, enganei-me a vida toda. Depois do que vi em Ruanda, acho que os negros são de fato selvagens. Reconheço meu erro. Já não tenho vontade de lutar por absolutamente nada”. Ver aquele sujeito perorar com tal cinismo deixara Cornelius fora de si. Mas agora compreendia por que ele perdera a cabeça.

Cornelius voltou-se para Jessica, esperando, de maneira absurda, que a explicação comesse imediatamente. Era como se ele nunca tivesse sabido das atrocidades cometidas no país. Estava prestes a deixar explodir sua fúria contra Jessica, mas ela, impassível, fingiu não ter reparado em nada. Ainda ouvia a voz de Theresa diante daquela mesma igreja: “Jessie, nunca poderão fazer isso sabendo que Deus está olhando para eles”. O diálogo horrível com a amiga prosseguia naquela distância de quatro anos. Ela pensou com súbita violência: “Naqueles dias, Theresa, Deus estava olhando para outro lugar...”.

— O irmão de Theresa é um dos sobreviventes de Nyamata – disse ainda o vigia. — Queria uma sepultura decente para a irmã, mas as autoridades suplicaram-lhe que deixasse o corpo como estava, para que todo mundo pudesse vê-lo.

Depois de alguns minutos, o cheiro se tornara francamente insuportável. Cornelius recuou até a entrada do corredor para receber de fora um pouco de ar puro.

Jessica foi com ele e visitaram a cripta nº 2, no pátio de trás da igreja. Assim que entrou, Cornelius foi literalmente projetado para fora pelo cheiro horrível que emanava de lá.

Um segundo vigia ouvia rádio numa laje de cimento. Muito diferente de seu colega, tinha o rosto terrivelmente magro e parecia flutuar dentro da camisa suja e da calça remendada nos joelhos e nas coxas. Cornelius impressionou-se imediatamente com seus olhos vivos meio escondidos pela viseira do boné preto. Ele falava um pouco inclinado para a frente e sua voz, muito cantada, tinha algo de único.

— Em Ruanda – ele declarou num estilo muito elíptico –, desde 1959, uma parte da população, sempre a mesma, massacra a outra parte, sempre a mesma. Quando houve rumores de matanças nas colinas, milhares de tútsis acorreram para a Casa de Deus. Depois, dois dias mais tarde, os soldados e os Interahamwe chegaram com granadas, fuzis e facões.

O vigia mostrou-lhes também dois túmulos no pátio da igreja:

— O padre enterrado aqui era um homem muito piedoso. Morreu

antes dos acontecimentos. Teve um ataque cardíaco ao saber da vinda do papa João Paulo II a Ruanda. Esse túmulo, ao lado, é de uma religiosa italiana. Chamava-se Antonia Locatelli. Quando viu, dois anos antes do genocídio, que iam fazer coisas erradas, ela disse numa rádio estrangeira: o que estão fazendo contra os tútsis de Ruanda está errado, não se pode ficar de braços cruzados. Depois disso, uns homens foram matá-la na casa dela.

Jessica levou Cornelius de volta a Kigali no começo da tarde. O cheiro acre dos corpos em decomposição parecia-lhe uma pequena bolha de fedor diluindo-se lentamente em seu sangue.

— Preciso devolver o carro – disse Jessica.

Um amigo o tinha emprestado. No centro de Kigali, Cornelius surpreendeu-se de novo por reencontrar a vida de todos os dias. Carros e motocicletas estacionados por todo lado. Meninos de rua oferecendo todos os tipos de pequenos serviços. Tiveram de fazer um grande desvio, pois a rua em frente da embaixada dos Estados Unidos estava bloqueada desde os atentados antiamericanos de Nairóbi e Dar es Salaam, alguns dias antes.

— Eu te pago um sanduíche no Glaçon e vamos andar um pouco, já que amanhã você vai para Murambi – disse Jessica. — Está bem assim?

— Perfeito – Cornelius respondeu maquinalmente, ainda assombrado pelo que acabava de ver em Nyamata e Ntarama.

Deram um longo passeio. Cornelius sentiu novamente a obstinação com que Kigali lhe escapava. Nunca sabendo onde estava, às vezes ficava desorientado quando descobria de repente, ao sair de uma avenida, toda a cidade a seus pés. Embora o ar estivesse ao mesmo tempo puro e fresco, às vezes ele tinha uma leve sensação de sufoco ao escalar as colinas.

Mas foi naquele dia que pela primeira vez uma parte da verdade se desvendou para ele. Já não havia sombra de dúvida: Jessica tinha alguma coisa para lhe dizer e de fato não tinha coragem. Devia ser muito grave.

A noite surpreendeu-os nos arredores de Kyaciru.

Cornelius convidou-a para ir com ele ao Café des Grands Lacs, onde deviam estar Stanley e seus amigos.

Em vez de responder, Jessica chegou-se a ele, passando a mão em suas costas, num gesto cheio de afeição. Ele pensou: “Ela vai se decidir”.

Estavam em pé, encostados numa balaustrada que margeava uma estrada íngreme deserta. Cornelius não sabia o nome do lugar. As

casas abaixo deles lhe deram por um instante a impressão de estarem diante do mar. A escuridão tornava as colinas quase invisíveis. Àquela hora, mal se adivinhavam suas formas ao longe, e as luzes da cidade pareciam suspensas no vazio. Era como se as colinas tivessem as estrelas a seus pés.

A gandura azul de Jessica – a que ele lhe trouxera do Djibouti – flutuava ao vento.

— Sei que você tem alguma coisa para me dizer, Jessica.

— É verdade – ela pronunciou lentamente, separando-se dele. — Siméon nos pediu que falássemos com você.

Sentiu-se aliviado. Saber, finalmente.

— Para Stan e você?

— Sim, mas você vai aprender a conhecer Stan. Ele cumpriu seu dever durante a guerra e não quer mais ouvir falar de tudo o que aconteceu. Stan é muito normal demais para este país.

Quanto a Jessica, seu espírito nunca tinha descanso. Cornelius percebia nela muita violência e uma recôndita loucura, quase impossível de detectar à primeira vista.

— Não é o seu caso, não é? – disse ele. — Você jamais saberá o que é tranquilidade.

Jessica levantou os olhos para ele:

— Mas não se trata de mim. Trata-se do seu pai, o dr. Joseph Karekezi. Ele não morreu, Cornelius...

Num lampejo e com uma lucidez que ele jamais conseguiu explicar, nem mesmo muitos anos depois, Cornelius pressentiu o que provavelmente acontecera. Não fez nenhuma pergunta e Jessica continuou:

— Amanhã você vai a Murambi e precisa saber que lá seu pai organizou o massacre de vários milhões de pessoas. A carnificina na Escola Técnica de Murambi, foi ele. Também precisa saber que lá ele mandou matar sua mãe, Nathalie Kayumba, sua irmã Julienne, seu irmão François e toda a família da sua mãe.

Jessica se calou.

Os dois mantiveram os olhos fixos no vazio. Cornelius ficou sem reação por alguns segundos.

E então aconteceu uma coisa surpreendente: ele sorriu.

Ele voltaria a pensar naquele sorriso muitas vezes ao longo das semanas e dos meses que se seguiram. Foi só naquele dia que compreendeu por que tantos sobreviventes do genocídio, ao contar a ele suas desgraças, interrompiam-se às vezes para menear a cabeça e rir com ar incrédulo.

Por mais horripilante que fosse a revelação de Jessica, Cornelius não a pôs em dúvida nem por um instante. Mas, para apagar a má impressão que acreditava ter causado em Jessica, ele disse:

— É difícil acreditar. Falei várias vezes com meu pai no início dos massacres. Ele estava horrorizado. Será possível que tenha feito isso?

— No entanto, você sabe que é verdade – Jessica disse baixinho.

Cornelius limitou-se a menear a cabeça, vencido.

— Não sei por que sorri há pouco.

— Fique tranquilo, não estou chocada. Muitas vezes vi a mesma coisa.

— Meu pai, Jessica!

— Sim. Seu pai.

— É tão estranho. Embora hútu, meu pai lutou a vida toda, tentou formar um movimento contra a impunidade. Ele se arriscou.

— Depois ele mudou. O dr. Joseph Karekezi já não era o mesmo havia muito tempo, mas ninguém sabia. Só ele pode dizer o que lhe deu na cabeça. Já não suportava, por exemplo, ser casado com uma tútsi.

— Ele fugiu com os outros?

— Foi evacuado durante a Operação Turquesa. Os franceses se instalaram na Escola Técnica, em cima das valas comuns de Murambi, e seu pai era seu único interlocutor. Nunca mais se ouviu falar dele.

Cornelius sentia a cabeça ferver. Todo tipo de sentimento e de ideia atropelava-se dentro dela numa confusão absoluta. Ele tinha apenas uma certeza: a partir daquele dia, sua vida já não seria a mesma. Era filho de um monstro.

— Você deve ter achado descabida minha ideia de peça de teatro, Jessica.

— Não necessariamente. Simplesmente avaliei até que ponto você se acreditava inocente.

Agora sua volta do exílio já não poderia ter o mesmo sentido. Dali em diante, a única história a ser contada era a sua. A história de sua família. De repente descobria-se sob os traços do ruandês ideal: ao mesmo tempo vítima e culpado.

Perguntou:

— Quantos mortos houve em Murambi?

— Entre 50 e 60 mil.

— Só na Escola Técnica?

— Sim.

— Você tem noção, Jessica? – ele disse, apavorado.

Sempre escrupulosa, Jessica tratou de corrigir:

— Há uma controvérsia a respeito do número de vítimas. Alguns falam em 45 mil, outros dizem que houve menos. Uma associação de sobreviventes, Ibuka, está fazendo a contagem dos mortos a partir dos crânios encontrados no lugar. Logo saberemos.

— Estranho, há indivíduos que acham que 45 mil mortos é pouco para africanos, é isso?

— Sim, mas nós nunca fizemos nada para lhes mostrar nosso respeito pela vida humana.

Calaram-se de novo. Depois de um tempo, ele disse com convicção:

— Foi bom, realmente, você ter me falado antes da minha ida para Murambi.

— Siméon Habineza quis assim. Se não fosse isso, talvez eu nunca tivesse tido coragem. Ouça bem uma coisa, Cornelius: depois de um genocídio, o verdadeiro problema não são as vítimas, mas os carrascos. Para matar quase 1 milhão de pessoas em três meses, foi preciso muita gente. Houve dezenas ou centenas de milhares de assassinos e a maioria era de bons pais de família. E você, você é apenas o filho de um deles.

— Acha que isso vai me consolar?

— Espero que não. Você tem um longo caminho a percorrer em seu coração e em seu espírito. Vai sofrer muito, e talvez seja bom para você.

— Estarei sozinho – ele disse.

— Sim, estará sozinho. Agora está na hora de voltar para casa, amanhã você vai ter de sair muito cedo.

— Mesmo assim espero vocês em Murambi, Stan e você.

— Vou com Stan, no mês que vem. Também isso foi Siméon que nos pediu.

Aquela noite, Cornelius não foi ao Café des Grands Lacs.

Parte III

Genocídio

Aloys Ndasingwa

Ao amanhecer, começamos a instalar o primeiro cordão em torno da igreja de Nyamata. Os milhares de *inyenzi* que se refugiaram naquela Casa de Deus acharam que jamais ousaríamos atacá-los. Aquelas baratas não vão demorar para entender que nunca se devem atribuir boas intenções ao inimigo. Segundo nossas informações, eles até se organizaram para preparar as refeições, cuidar das crianças, derrubar as árvores para acender o fogo e fazer outras tarefas domésticas do tipo. No entanto, deveriam ter se perguntado por que os padres de Nyamata, enclausurados há três dias, estão jejuando e rezando sem parar. Os padres, sim, eles sabem.

Chegou a hora de passar à ação.

Alguém deve ter dito aos refugiados que tinham sido apanhados na armadilha. De repente houve uma movimentação de gente, depois um imenso berreiro levantou-se de dentro da igreja. Gritavam: “Eles estão aí! Os Interahamwe estão aí!”, dando socos violentos no portal. Lançaram algumas pedras na nossa direção. Nós nos esquivamos sorrindo. Alguns tentaram saltar por cima da cerca. Esses literalmente caíram aos nossos pés. Foram os primeiros a serem eliminados. Chegaram elementos da guarda presidencial. Assim que entraram na igreja, os gritos dobraram de intensidade. Os soldados jogaram granadas e atiraram várias rajadas de armas automáticas na aglomeração. Em seguida, fizeram sinal para entrarmos. As pessoas corriam para todos os lados. Eram muitas: 25 mil ou 30 mil? Nunca teria imaginado que na igreja de Nyamata coubesse tanta gente. Não demos trégua. Uma velha nos disse: “Meus filhos, deixem-me rezar pela última vez”. Uma velhinha toda encarquilhada. É uma loucura a quantidade de gente que desde ontem pede para rezar antes de morrer. Nosso chefe lhe respondeu com ar falsamente espantado: “Ah! *Maman*, então você não sabia? Passamos a noite no céu e lá lutamos até o amanhecer contra o Deus dos tútsis! Nós o matamos e agora chegou a vez de vocês”. Com um só golpe de facão ele mandou a cabeça dela para o inferno.

Passamos a noite por ali. A gente se divertiu muito com as mulheres. Quando não são muito feias, acabamos com elas por último. Afinal, somos jovens e é preciso viver.

No dia seguinte, por volta do meio-dia, tudo tinha terminado. O

prefeito chegou com um pequeno séquito. Um cara de óculos. Estava de terno bege muito limpo e tinha passado perfume. Com as mãos no bolso, olhou com ar desconfiado os corpos espalhados pela igreja. Estava claro que procurava alguma coisa para nos repreender. Não gosto daquele sujeito e, por mim, ao menor sinal do nosso chefe, dou um jeito nele. É só olhar para suas mãos para saber que nunca pegaram num facão. Eles chegam da universidade e mandam em todo mundo, esses canalhas. Por quê? Não é justo. Se o chefe me diz: “Aloys, vai lá!”, na mesma hora eu o corto em dois. “Estão todos mortos, mesmo?”, perguntou, fazendo beijo. Nosso chefe, muito irritado, respondeu que ele podia verificar. O prefeito não esperava outra coisa. Deu um sorrisinho de lado e disse: “Tudo bem, vamos ver isso”. Com um gesto, ordenou a dois de seus homens que procedessem à verificação. Os dois fizeram sinal para nos afastarmos, depois lançaram granadas lacrimogêneas sobre os cadáveres empilhados sob nossos olhos. Os *inyenzi* que se tinham dissimulado debaixo dos corpos já respiravam com muita dificuldade. Com os gases lacrimogêneos, começaram a espirrar muito alto e não foi nada difícil pôr a mão neles. Só vendo os olhares apavorados dos infelizes. Era muito engraçado. Até que o prefeito não era bobo. Descobrimos quatro *inyenzi* fingindo-se de mortos. Espertinhos. O prefeito disse secamente: “Quatro. É muito”. Nosso chefe protestou: “E daí?”. É corajoso, o nosso chefe. Durão de verdade. Não é desses que se deixam humilhar. O prefeito disse: “Você não entende que amanhã esses quatro vão contar mentira nos jornais? Não dá para entender, não? Só queria saber como é que foram confiar num imbecil como você”. Então a coisa esquentou. “Não estou nem aí para os jornais”, nosso chefe rugiu, “e você, se for homem, venha fazer como nós!”. Ele se aproximou do prefeito e limpou o facão coberto de sangue no belo terno bege dele. Ah! Ah! O prefeito ficou escandalizado com tanta audácia. Quis dar uma bofetada no chefe, que pegou a mão dele no ar e a torceu para trás, segurando-a nas suas costas. Então ficou assim por alguns minutos, chamando o prefeito de bicha. O outro fazia caretas e seus óculos caíram no chão. Só vendo, mesmo. Foi muito divertido, depois ele pegou os óculos, dizendo a um dos seus seguidores: “Incidente em Nyamata. Quatro sobreviventes. Vias de fato contra a autoridade. Anote a data e a hora, por favor”. Depois disse em tom muito frio, inclinando-se levemente: “Senhores, até logo e obrigado”. Voltou para o carro preto com andar solene. Um de seus homens abriu a porta e ele sentou-se atrás, lançando-nos um último olhar com ar contrariado.

Antes de irmos embora, pegamos tudo o que podia ser interessante: joias, relógios, dinheiro, óculos escuros, sapatos e montes de miudezas. Um cinto. Um isqueiro descartável. Meias não muito gastas. Sempre podem ser úteis. Juntamos tudo para dividir entre nós no fim do dia. Essa foi uma boa ideia do nosso chefe; é bom para um chefe ser justo, assim ele é respeitado e não sai briga. Em outros grupos de Interahamwe, os homens já vão se batendo: um quer matar uma moça e o outro quer reservá-la para suas noitadas, e vice-versa. É humano, dirão. Admito. Mas, quando a gente começa a se deixar levar pelos sentimentos, não consegue mais parar e é o trabalho que fica prejudicado. Uma vez lá fora, vimos uma matilha de cães rondar Nyamata. Bandos de meninos esperavam nossa saída para correrem para dentro da igreja. Havia tantos cadáveres que os garotos mantinham a esperança de catar alguma coisa. Até me disseram que eles jogam futebol com os crânios, mas isso ainda não vi com meus próprios olhos.

Marina Nkusi

Nós o chamávamos de tio Antoine. Até onde chegam minhas lembranças, sempre o vi em casa. Era o melhor amigo do meu pai. Aliás, acho que o único. Já, quando eu era menininha, sentia que ele não se parecia com ninguém dos nossos conhecidos. Não era muito de rir, mas adorava fazer mágica com cartas. Sabia fazer também tartarugas ou libélulas projetando a sombra de seus dedos numa parede. Quando eu o via chegar, ia correndo ao seu encontro. Ele me levantava nos ombros e cantava, correndo em torno da nossa choupana: “Marina tem um avião, tio Antoine é o avião da Marininha!”. Eu era, acho, uma das raras pessoas que conseguiam desanuviá-lo.

Alguns dias depois dos acontecimentos, ele veio uma primeira vez à nossa casa. Meu pai e ele conversaram longamente em voz baixa.

Sabíamos que comandava várias barreiras em Kibuye. No entanto, estava com aquela expressão doce e um pouco triste que eu conhecia desde bem pequena.

Quando ele se foi, deixou meu pai com um ar muito preocupado.

— Ele sabe que escondemos essas crianças aqui? – perguntou minha mãe, inquieta.

— Não, mas diz que devo pegar o facão como todos os homens.

— Ah?

— Eu recusei. Não posso fazer isso.

Minha mãe não disse nada. Depois de uma pausa, ele ainda gritou:

— Sim, eu recusei!

Dois dias se passaram. Tio Antoine voltou.

Meu pai e ele se trancaram de novo na sala. Pela primeira vez na vida, ouvi tio Antoine levantar a voz.

Depois dessa segunda conversa, meu pai começou a mudar. Falava sozinho, indo de um cômodo para outro: “Ah! Não posso aceitar isso. Esses coitados não me fizeram nada! É selvageria!”.

No instante seguinte, ele dizia que precisava nos proteger. Se não fizesse nada, os Interahamwe viriam matar todo mundo da casa. No terceiro dia, ele não aguentou mais e pegou seu facão. Minha mãe e eu quisemos impedi-lo de sair. Então ele gritou: “Afinal, vocês não veem televisão? É como em todas as guerras, a gente mata as pessoas e pronto!”.

Ele foi para as barreiras. Ouvimos dizer que lá ele maneja o facão como um alucinado.

No entanto, ao voltar para casa, ele vai direto para o esconderijo das crianças, dá-lhes guloseimas e brinca com elas. Depois se retira para seu quarto. A mãe e eu não ousamos incomodá-lo.

Quando no dia seguinte ele sai bem cedinho, nós fingimos que ainda estamos dormindo.

Jessica

Ela sentou-se diante de mim e disse:

— Jessica Kamanzi?

Imediatamente pensei: “Pronto. Acabaram me pegando”. Aquilo aconteceria um dia ou outro. Eu andava de rosto descoberto desde o início dos massacres, menos por bravata do que para me proteger. Não tive medo. Hoje, para alguém como eu, o medo de morrer seria quase de mau gosto. Minha vida não vale mais do que a dos milhares de pessoas que tombam a cada dia.

Para ganhar tempo, fingi que não tinha ouvido.

— Está procurando quem, você disse?

Ela repetiu meu nome. Sustentei seu olhar.

Sua beleza tinha algo de infernal. O tipo de mulher que sempre suscita nos homens desejo, medo, sonhos loucos de recomeçar a vida e um vago sentimento de frustração. Ela era realmente deslumbrante. Não a conhecia. Enquanto perguntava a mim mesma que atitude deveria tomar, ela disse muito depressa, com voz nervosa:

— Sei quem você é e o que está fazendo em Kigali, mas não vim para falar disso.

— Desculpe, não a conheço – eu disse com prudência.

— Isso não tem nenhuma importância, Jessica. Só quero dizer que ontem à noite dormi com aquele padre.

Quase berrei:

— Que padre?

Na verdade, eu sabia muito bem de quem se tratava. Em Kigali, naqueles dias de loucura, todo mundo sabia. Entretanto, recusei-me a me expor. Lidamos com pessoas dispostas a tudo. Ficariam muito felizes de finalmente pegar uma verdadeira espiã da FPR, falam nisso há muito tempo.

— E daí? – falei com desenvoltura. — Não vejo o que isso tem a ver comigo.

— Você trabalha para a FPR em Kigali e só seu movimento pode dar fim a essa carnificina. Espero que consigam.

Estava sendo visivelmente sincera.

— Mas por que vir falar disso comigo?

— Porque você é uma pessoa boa, Jessica Kamanzi.

— Ah...

— E também porque eu vou morrer.

Eu continuava alerta, mas alguma coisa nela me tocava.

— Cada um de nós tenta sobreviver ao que está acontecendo. Você não deve se deixar abater.

Ela disse bem devagar e gravemente:

— Você olhou bem para mim, Jessica Kamanzi?

Ela sempre pronunciava meu nome inteiro, o que me deixava um pouco desconcertada.

— Sou bonita demais para sobreviver. Tenho a beleza do sol e, como o sol, não posso me esconder em lugar nenhum. Não vão acreditar nos próprios olhos quando me virem andando tranquilamente na rua.

Sim, aquela jovem era de uma beleza quase sobrenatural. Isso lhe tirava toda possibilidade de escapar dos assassinos. Eles a estuprariam mil vezes antes de matá-la. Ela sabia e estava enlouquecendo.

“A presença dessa desconhecida ao meu lado me põe em perigo, mas gosto da luz com que ela ilumina estes dias de horror”, pensei, continuando a fixá-la, como que para penetrar seu segredo.

Sua história. Tão comum, infelizmente... Ela encontrara refúgio numa das raras igrejas de Kigali – talvez a única, na verdade – em que, por alguma razão que ignoro, não houve matança em massa. Mas todas as noites os Interahamwe chegam com um caminhão e levam dezenas de pessoas para matá-las.

— O padre faz chantagem com as mulheres que estão lá – ela disse.

— Manda para a morte as que se recusam a dormir com ele.

— E...

Eu ia dizer uma bobagem. Consegui me deter a tempo.

Imaginava todas aquelas moças mortas de medo, arrumando o rosto esgazeado diante do espelho para seduzirem o padre. Eu estava com muita raiva! Mas quem dá a mim, Jessica, o direito de julgar? Não sei o que faria no lugar delas.

— Recusei o mais que pude – declarou a desconhecida.

O padre suplicava-lhe que acreditasse na palavra dele, jurava que a amava, pedindo-lhe que esquecesse o que estava acontecendo.

— Às vezes ele me dizia baixinho: “Depois de toda essa história, nós vamos embora...”. Quarta-feira passada – há quatro dias, portanto – ele disse, tirando a roupa: “Se continuar com essa brincadeira, vou entregá-la aos Interahamwe. Vou pedir que reservem um tratamento especial para você”. Sabe o que isso quer dizer, Jessica Kamanzi? Sabe como eles estupram as mulheres?

Sim, eu tinha visto. Vinte ou trinta homens sentados num banco.

Alguns de idade respeitável. Uma mulher, às vezes apenas uma menina frágil, estatelada contra uma parede, pernas abertas, totalmente inconsciente. Não há nenhuma violência naqueles pais de família. O sangue me gelara ao vê-los assim, falar de uma coisa e outra, no instante em que uma vida se desfazia para sempre debaixo dos olhos deles. E entre os estupradores há quase sempre, de propósito, portadores de aids.

— Sei como eles fazem – eu disse.

— Quando terminam, te jogam ácido dentro da vagina ou te enfiam cacos de garrafa ou pedaços de ferro.

— Sim.

Eu falara muito depressa. Tinha vergonha de ouvir aquelas coisas.

— Eu não queria sofrer, foi por isso que cedi àquele padre.

— Sim.

Aquele dia, ela tinha visto nos olhos do padre que ele não estava brincando.

— Você entende, Jessica, eu não queria morrer. Eles levavam todas aquelas pessoas no caminhão para cortá-las em pedaços.

“É esse o drama”, disse a mim mesma, “nas piores tragédias humanas sempre há sobreviventes e cada um pensa que basta ter um pouco de sorte ou de covardia para fazer parte deles”.

— Juro que te entendo – eu disse à desconhecida.

Tinha vontade de chamá-la pelo nome.

Ela me fez uma descrição obscena de suas relações com o padre. Ele lhe raspava o púbis bem devagar, com o olhar louco de desejo. Continuava hipócrita mesmo na abjeção. Queria obrigá-la a dizer que consentia.

Ela se calou por um instante e declarou:

— Ele me repetia sem parar que nunca tinha visto uma mulher como eu e que depois da guerra contra os *inyenzi* eu ficaria surpresa com a imensidão do seu amor.

Interrompi minha visitante com um gesto da mão.

— Como você se chama?

— Não tenho nome. Sou aquela que vai morrer.

— Mas está me contando coisas íntimas, não vale a pena entrar em detalhes.

— Ah! Sim! – ela exclamou com veemência. — Ah! Sim! Não quero morrer com isso.

“Em geral se diz: não quero viver com isso”, pensei ainda. Senti voltar minha raiva. Por que então o mundo inteiro se exime?

Ela baixou a voz:

— Ele fechou a porta e nenhum barulho mais entrou no quarto. Depois de ter enchido taças de vinho, pôs uma música muito suave, dessa música dos brancos, e começou a falar de sua vida e da grande carreira de jogador de basquete que poderia ter tido. Jessica Kamanzi, aquele homem é louco. Quando me perguntou se eu gostava do meu trabalho naquela pequena companhia de seguros, de repente compreendi tudo. Soube que os homens às vezes confiam a salvação de sua alma a seres dementes. Seus gestos tão perfeitamente comuns revelavam sua profunda desordem mental. E eu, tão cansada de tudo, Jessica Kamanzi, no meio da noite, acariciando-lhe os cabelos, eu disse que o amava. E ele explodiu em soluços. Chorava como uma criança perdida. Fizemos amor. De manhã, eu fugi.

Eu deveria responder. Mas o que poderia lhe dizer? Que, nas horas que lhe restavam de vida, sofrimentos maiores a esperavam? A cidade flutuava entre a vida e a morte, e os Interahamwe, vestidos com cascas de árvore e folhas de bananeira, passavam sob a janela gritando como hienas. Berravam a plenos pulmões: “*Tubatsembatsembe! Tubatsembatsembe!*”. Estava claro: não queriam que houvesse um só sobrevivente. Nós os ouvíamos, ela e eu. Sabíamos que aqueles gritos eram a única verdade do momento. Os dias um pouco melancólicos da esperança estavam muito distantes. Eu nem sequer conseguia mentir para ela.

Ela se levantou, suas pernas cambaleavam. Apoiou-se numa cadeira para esconder isso de mim.

— Vocês estão ganhando a guerra – ela disse em tom de admiração.

Era verdade. As cidades caíam uma depois da outra. Já tínhamos uma grande parte de Kigali. As tropas governamentais fugiam para todo lado diante dos nossos.

— A vitória também será sua.

Que vontade eu tinha de saber seu nome! Ela sorriu.

— Serei o sol. Lá de cima, vou estar de olho em vocês, de Ruanda. Sejam unidos. Não têm vergonha, filhos de Ruanda? O fato de alguém ser hútu, tútsi ou tuá, que diferença isso faz para vocês? Então, depois dessa história horrível, sejam sensatos e unidos, hein!

Ela já nos falava de um outro mundo. A desconhecida parecia ao mesmo tempo uma louca e uma menina. Eu estava enfeitiçada por ela. Imaginei que nunca mais poderia ver o sol sem pensar nela.

Ela foi embora. Acompanhei-a mentalmente. Decididamente, só ela sabia por que tinha agido daquela maneira. Mas seu gesto não podia ser totalmente sem sentido. Contra pequenos assassinos estúpidos e

miseráveis, quase inocentes de tão deploráveis, ela diria, durante sua breve travessia da cidade, o brilho triunfante da vida e da juventude.

Tudo isso é absolutamente inacreditável. Nem as palavras aguentam mais. Nem as palavras sabem mais o que dizer.

Rosa Karemera

Ontem de manhã, achei que minha hora tivesse chegado. Na minha idade, não conseguia correr como os outros. Além disso, havia aquela barreira terrível a alguns metros da minha casa. Lá, alguns dias atrás, os Interahamwe faziam todas as suas canalhices. Eu sabia que Valérie Rumiya, uma hútu que mora no outro extremo da nossa rua, estava feito louca desde o começo dessa história. Ela sempre me detestou – porque acha que pareço desprezar todo mundo, nunca cumprimento, me dou ares de grande senhora etc. Ela ia de barreira em barreira para perguntar aos Interahamwe: “E a tal Rosa Karemera, vocês têm certeza de que a mataram?”. Enfim, importunava todo mundo e, para se desvencilharem dela, os Interahamwe respondiam: “Mas é claro, *maman*, isso está resolvido”. Então ela tentava testá-los: “Digam como é a Rosa Karemera, para eu saber se estão dizendo a verdade! Vamos, digam, seus mentirosos!”. Os Interahamwe, pegos de surpresa, não sabiam o que responder, depois caíam na risada. Velhinha danada, aquela Valérie. Eles tentavam tranquilizá-la: “Mas, *maman*, não dá para saber, nós matamos tanta gente! Nenhum *inyenzi* deste bairro teve tempo de fugir!”. Apesar disso, ela não confiava e continuava perguntando a mesma coisa em todo lugar.

O genocídio dessa canalha é isso: mandar me matar, eu, Rosa Karemera. Eu não podia pôr o nariz para fora. Então, anteontem, à custa de um esforço sobre-humano, pulei o muro e aterrissei na casa dos meus vizinhos hútus. O pai, de início alarmado, disse que não queria problemas com o governo, depois aceitou que eu ficasse. Homem bom, que só escutou seu coração. Mas a peste da Valérie ficou sabendo e me denunciou.

Então um soldado da guarda presidencial – um sargento, acho – chegou. Estava muito bravo. Ele disse: “Aqui, em Butare, vocês nos criam problemas demais. Acham-se mais inteligentes do que os outros porque têm universidade. Estão escondendo *inyenzi*. Se não denunciarem a mulher que está na casa, mando bala em todos vocês”. Ele descreveu uma espécie de semicírculo com a arma. Ah! Nestes dias esses jovens estão se divertindo como loucos. Estávamos enfileirados no pátio. Saí da fila, arrastei minha perna até ele – eu manco desde criança, tive pólio – e disse: “Estou aqui, sou eu a mulher que está procurando”. Eu já não sentia medo. Queria que acabassem com

aquilo o mais depressa possível. Ele se virou para mim, olhou-me dos pés à cabeça e vi imediatamente como estava decepcionado. Valérie Rumiya devia ter contado que eu era uma daquelas espiãs que a FPR tinha infiltrado nas principais cidades havia cinco semanas. Ele me imaginava arrogante, muito alta, bonita e, em suma, de uma sensualidade enlouquecedora, e eu era apenas um caco de velha, além do mais aleijada. A família hútu que me tinha escondido estava ali e todo mundo olhava para ele em silêncio. Era fácil perceber seu embaraço. Então ele declarou de repente, virando o cano da arma para o chão: “Tudo bem. Deem-me 10 mil francos para a cerveja das crianças”. Entregaram-lhe o dinheiro e ele foi embora. É claro que tive de mudar de esconderijo e espero sobreviver a essa história toda. Só para ver a cara da Valérie Rumiya quando me encontrar no bairro.

Dr. Joseph Karekezi

Aconteça o que acontecer, terei feito meu dever.

O dever.

Uma palavra simples e da qual eu gosto.

O dia não foi fácil. Para reunir os homens necessários ao trabalho, tive de ir até Butare e de lá subir para Muciro e Rusenge, um pouco mais ao norte.

Graças a Deus, em todos os lugares aonde chego, imediatamente dizem com respeito: “Ah! É o dr. Joseph Karekezi”, e tudo corre bem. Também tive de entrar em contato com os grupos de Interahamwe mais sérios de Murambi. É que há cada vez mais gente naquela Escola Técnica. Lá vamos precisar de braços já amanhã. É urgente.

Infelizmente, ao longo dessa viagem, várias vezes tive a prova de que nossos Interahamwe precisam rapidamente voltar a ser controlados. Nos primeiros dias estavam cheios de entusiasmo, mas – não adianta esconder a verdade – há algum tempo o relaxamento é evidente. Entre as inúmeras cenas a que assisti ao acaso das minhas visitas às barreiras, há uma que me parece particularmente edificante. Vi com meus olhos um homem de meia-idade suplicar aos Interahamwe que acabassem com ele. Nada muito complicado: queria reunir-se ao filho na morte. Nossos homens, sentados sobre pilhas de cadáveres ainda quentes, tomavam sua cerveja e passavam cigarros uns para os outros, rindo na cara dele. Estavam completamente bêbados. Não pude deixar de sorrir quando um deles lhe disse em tom de troça: “Ei! Não enche, ruço, você fala demais, os escritórios da morte estão fechados, volta no começo da tarde”. O homem continuava a insistir. Teimoso, o cavalheiro. Eles o expulsavam e ele voltava à carga no minuto seguinte. Vencidos pelo cansaço, resolveram acabar com o importuno. O que me parecia ser o chefe dos Interahamwe fez sinal a um de seus homens para que se ocupasse dele. Seu subordinado então teve um acesso de raiva violento e súbito. Berrou com todas as forças: “Eu de novo! Sempre eu! Por quê? Os outros estão aí bebendo cerveja e você não lhes diz nada! Matei o dia todo, estou cansado!”. Foi nesse momento que um cachorro surgiu de um monte de cadáveres, com um pé de criança agarrado entre as mandíbulas. O homem, que sem dúvida tinha perdido a cabeça fazia muito tempo, murmurou então andando de mansinho na direção do

animal: “Ah! Ah! o que é que estou vendo? É o meu Damien, estou reconhecendo o sapato dele!”. Em seguida, pôs-se a descrever em detalhes a loja em que tinha comprado o sapato, observando de passagem que tivera de pechinchar muito, porque o vendedor era um caloteiro rematado. Também falou da alegria do seu pequeno Damien quando ganhou os sapatos novos em folha, da esposa que reclamou novamente porque ele mimava o menino, das boas notas que o garoto sempre tinha tirado na escola e tudo. Sim, ele estava completamente fora dos trilhos. Enquanto corria atrás do cachorro, este, achando que fosse brincadeira, saltava para todo lado, esperava por ele, depois saía correndo de novo, sob os vivas dos Interahamwe.

Claro, não gostei daquela cena. Não sou monstro nem imbecil. Mas estaria mentindo se dissesse que ela me afetou muito. A questão, quando se é um homem decidido, é saber o que se quer. Estamos em guerra, ponto final. A maneira um pouco sádica pela qual as coisas acontecem não tem importância. Nosso objetivo final é justo. Nada mais entra na conta. E, de todo modo, não podemos voltar atrás.

Quando os Interahamwe me viram, pararam de brincar e passaram o aviso: “*Papa* chegou!”. Foi assim que me apelidaram. Eles gostam de mim, pois sempre os ajudei. Disseram-lhes: “Durante anos, o doutor que é dono da fábrica de chá doou secretamente muito dinheiro!”. Estou quase todo dia em campo desde o início da guerra e eles também sabem que não brinco com o trabalho. E, naturalmente, quando estou por perto eles se mostram zelosos. Um deles avançou no pobre homem às machadadas, tratando-o ruidosamente de *inyenzi* imundo.

Eu disse a eles: “Amanhã preciso do grupo inteiro em Murambi”. O chefe me prometeu que obrigaria seus homens a descansar durante a noite. Dei-lhe dinheiro para o transporte da equipe e fui embora.

Desde o início dos acontecimentos, nunca estive tão preocupado. A verdade nua e crua é a seguinte: nossos homens estão cansados. Isso se lia nitidamente nas expressões dos que vi. Cansaço e enfado. Nossos Interahamwe decerto receberam um bom treinamento, mas provavelmente nós subestimamos o esforço físico que representa matar tanta gente com arma branca. Os que eles querem eliminar não lhes facilitam a tarefa, e dá para entender. Correm, gritam, agarram-se aos braços dos Interahamwe, tentam suborná-los por diversos meios, enfim, fazem de tudo para prolongar sua existência em dois ou três míseros minutos. É absurda e até misteriosa, em certo sentido, essa obstinação em viver, mas é assim. Nossos inimigos não querem compreender a situação: não estamos brincando e eles não têm

nenhuma chance. No final das contas, deixam nossos homens com os nervos à flor da pele e a cada dia diminuem seu potencial físico. Estes deveriam recuperar as forças à noite, mas é justamente o momento em que tratam de organizar bebedeiras colossais e de aproveitar as mulheres selecionadas durante o dia. Esses seres rudes talvez imaginassem que tudo acabaria em muito pouco tempo. Pelo contrário, têm a impressão de que a cada dia é preciso começar tudo de novo. Para alguns, a situação é simples: mataram os tútsis que por uma razão ou outra eles detestavam e, sem ousar dizer abertamente, gostariam de voltar para casa. A menos que.... Sim, nós os fizemos saborear o êxtase de existir. E eles não são bobos. Por instinto, sabem que se tudo isso acabar bem eles voltarão a seus pardieiros e que não iremos lá para tomar cerveja de banana com eles. Os amigáveis tapinhas nas costas, a fraternidade entre pobres e poderosos, tudo isso logo será esquecido. Um estranho círculo vicioso. Não é coisa pouca, o caos.

Fiz contato também com o coronel Musoni. Ele teve seu momento de glória durante a Segunda República. Mas, depois de tanto querer ludibriar todo mundo, acabou ficando de fora. Um verdadeiro lixo, o coronel Musoni. Homem amargo. Apostou sua vida, perdeu e acusa os outros de trapaça. Mas o coronel esperava sua hora. Com a morte do presidente Habyarimana, vestiu de novo sua farda de oficial para ir dizer aos camponeses nas colinas: “Como vocês todos sabem, eu estava na reserva e não queria mais fazer política porque sou honesto demais. Contudo, para matar os tútsis, esses jovens do governo só confiam em mim. Voltei para pôr minha experiência a serviço do país”. E funcionou. Em pouco tempo ele soube tornar-se indispensável.

Aliás, diga-se de passagem, o coronel Musoni começou imediatamente a se entregar a todos os tipos de tráfico, com desprezível frenesi.

Ele estava ao telefone quando cheguei. Os pés displicentemente sobre a escrivaninha, ouvia seu interlocutor triturando o próprio bigode. Assim que me avistou através da vidraça, ordenou ao interlocutor que ligasse depois e pulou da cadeira para vir abrir a porta para mim. Por esse tipo de detalhe avalia-se o próprio poder. O coronel Musoni soube que em algum lugar em Paris estão achando que eu deveria ser promovido. O coronel já me vê, como tantos outros, creio eu, à frente do país. Isso o deixa louco.

Perguntei-lhe em tom deliberadamente familiar, para acabar com suas maneiras irritantes de lacaio:

— Será que um velho amigo pode fazer algo por mim? Preciso de

homens para amanhã.

— Já dei as ordens, doutor. Somos assediados por todo lado, mas, em se tratando de você, sempre é sério.

Ele estava sabendo da Escola Técnica de Murambi.

— Não os segurarei por muito tempo – eu disse –, sei que seus soldados também têm de fazer a guerra.

Senti-o mais crispado que de costume. Visivelmente, estava com vontade de me dizer alguma coisa. Sabia que eu tinha bastante voz nos altos escalões e queria fazer confidências. Incentivei-o a desabafar:

— Parece que neste momento as coisas não vão muito bem, coronel.

— Sim, doutor, a revolta está rosnando na tropa, por assim dizer. Até alguns oficiais andam dizendo agora: “Os Interahamwe têm de se virar sozinhos, nossos homens já têm muito o que fazer com a FPR”.

— Eles podiam ter pensado nisso antes, não?

O coronel Musoni então se decidiu:

— Estamos caminhando para uma derrota total, doutor... Sou militar e sei o que estou dizendo.

Finalmente acabei entendendo aonde ele queria chegar.

Acrescentei lentamente, em tom de gracejo:

— A não ser que...?

Ele ergueu os olhos para mim:

— A não ser que nossos amigos estrangeiros interfiram.

— Os franceses, você quer dizer?

— E com quem mais podemos contar?

— Hum... Eles já nos salvaram duas vezes.

— Eu sei – disse o coronel Musoni. — Junho de 1992. Fevereiro de 1993.

— E você ainda quer contar com eles em 1994? Os franceses têm mais o que fazer...

— Nem mesmo para obrigar a FPR a um compartilhamento de poder?

— Conforme o previsto por Arusha?

— Parece-me uma boa ideia.

— Arusha desceu em pleno voo, meu amigo.

— Os políticos, afinal, deveriam ser capazes de resolver a questão – insistiu o coronel.

O recado era claro.

— Sim – eu disse vagamente –, os franceses nos apoiaram contra o mundo inteiro nessa história. Deveriam ir até o fim. Mas onde estão, então, os políticos de que você fala?

O coronel balançou a cabeça:

— Quase todos fugindo, você tem razão, doutor...

O jogo do gato e do rato estava cada vez mais estimulante.

— Então... É isso mesmo, meu amigo.

O coronel se jogou de cabeça:

— Conheço sua modéstia, doutor. Mas ainda restam alguns... e principalmente... tem você, doutor.

Fiz um esgar por puro coquetismo. Não me deixei enganar. O coronel estava deixando registrado. Amanhã, ele poderia dizer: no momento em que todo mundo só pensava em salvar a própria pele, eu estava ao lado do presidente Karekezi, estávamos sós no meio da tempestade, enfrentamos os inimigos da nação ruandesa, nós dois, e ninguém mais, salvamos o país. Estava encenando seu grande teatro patriótico. Pode render muito para quem sabe fazê-lo.

Presidente Karekezi... Hum! No fundo, é uma ideia interessante. Por que não?

Eu tinha o maior desprezo por aquele oficial carreirista até mesmo na derrocada. Tipo do velho bonito. Cabelos grisalhos. Ereto, bem barbeado, bigode bem cuidado. Ao que parece, toda noite ele encomenda para entrega um pacote de virgenzinhas. Tentei fazer o suspense se prolongar:

— Para ser franco, coronel Musoni, pode ser que eu vá embora para o Zaire. Por que esperar aqui a FPR? Pense bem. Você mesmo diz que está tudo perdido.

Eu o vi me sondar com seus olhos astutos para saber o que lhe convinha responder para não se comprometer demais.

— Sim, er... Sim, por que aceitar ser o cordeiro do sacrifício, não é? – ele declarou com ar de velho manhoso que já tomou suas precauções.

Depois acrescentou para todos os efeitos:

— De todo modo, é preciso estar preparado para retomar o combate em outro lugar.

Esse coronel Musoni deveria fazer política. Rapaz muito bem-dotado, na minha opinião.

— Obrigado por sua boa vontade em me ajudar – eu disse, me levantando. — Preciso ir à Escola Técnica de Murambi.

— Estive lá ontem à noite, por volta das oito horas. Nossos amigos pareciam incrivelmente confiantes.

— Nunca lhes faltou nada.

O coronel sabe que Nathalie e meus dois filhos, Julianne e François, estão entre os refugiados. No entanto, não dissemos uma

palavra sobre isso.

A caminho da Escola Técnica, pensei em Julienne, François e na mãe deles. O que vai acontecer não é culpa de ninguém. Na última hora, ela vai me maldizer, pensando que nunca a amei. Não é verdade. É só a história que quer sangue. E por que eu derramaria apenas o dos outros? O deles é igualmente podre. E eu, Joseph Karekezi, sei que cometi um erro de juventude que estragou toda a minha vida e nada vai me fazer recuar para repará-lo.

Em Murambi, encontrei todos os meus protegidos em ótima forma. Insisti muito para que fossem bem alimentados durante esses dez dias. A Escola Técnica acabou tendo uma excelente reputação. Ela parecia tão segura que alguns fugitivos que já estavam bem perto da fronteira com o Burundi preferiram voltar para instalar-se nela. E, porque lá pelo menos não se passa fome, muitos hútus fizeram-se passar por tútsis para os membros da guarda presidencial postados na entrada. Ordenei que os deixassem entrar. Esses canalhas também devem morrer. Será seu castigo por terem deixado o trabalho para os outros fazerem.

Como sempre que chego à escola, os refugiados me cercam para me receber. Todos querem me agradecer. Fui ver Nathalie. Um quarto foi arrumado para ela e as crianças. Os refugiados a tratam como rainha. A esposa do bom dr. Karekezi. Quanto a eles, vivem praticamente amontoados uns sobre os outros nas salas de aula, mas também no pátio e até nos degraus das escadas. Disse mais uma vez a Nathalie que essa história terminaria logo. Beijei Julienne e François.

Sei que não vou mais vê-los.

De acordo com um ritual tão imutável quanto misterioso, é no momento em que volto a meu carro que os refugiados vêm me apresentar suas reclamações. Em geral, trata-se de pequenas divergências devidas à promiscuidade. Hoje de manhã até aconteceu uma coisa bem singular: um jovem alto e barbudo me chamou de lado violentamente. Foi tão inesperado que fiquei perturbado. Será que ele estava desconfiando de alguma coisa? Queixou-se, num tom duro, da falta de água corrente em certas horas. Os outros refugiados estavam escandalizados com tanta ingratidão. O jovem barbudo tinha todo o jeito do sindicalista desafiando publicamente o mau patrão da fábrica num dia de greve. Nunca vamos conseguir mudar as pessoas. Ele realmente me deixou fora de mim. Nossos olhos se encontraram. Havia um brilho estranho em seu olhar. Disse-lhe que eu tentava fazer o melhor possível e que cada um precisava compreender certas pequenas dificuldades, inevitáveis numa situação como aquela.

Quando meu motorista arrancava, abracei com o olhar a colina de Murambi.

Amanhã estarei aqui. Sombras na bruma do amanhecer, diante das árvores imóveis. Gritos se erguerão para o céu. Não sentirei tristeza nem remorso. Serão sofrimentos atrozes, certamente, mas só as almas fracas confundem o crime e o castigo. Naqueles gritos vulgares, baterá o coração puro da verdade. Não sou dos que temem as sombras de sua alma. Minha única fé é a verdade. Não tenho outro Deus. O lamento do supliciado não é mais que artimanha do diabo. Quer obstruir a respiração do justo e impedir sua vontade de se realizar.

Estou transtornada. Dias como estes que estamos vivendo também geram seres sublimes. Acabo de ser informada das circunstâncias da morte de Félicité Niyitegeka, religiosa hútu de Gisenyi. Uma mulher indomável. Ela disse: “Eles que digam o que quiserem, mas não matarei ninguém e farei tudo o que puder para salvar vidas humanas”. Ela ajudava os tútsis perseguidos pelos assassinos a atravessar a fronteira do Zaire. Seu irmão, que é coronel do Exército regular em Ruhengeri, fez chegar uma carta até ela, clandestinamente: “Eu imploro, Félicité, pare com isso que está fazendo, os Interahamwe estão sabendo das suas atividades, eles vão à sua casa”. Félicité Niyitegeka respondeu: “Que venham. Vou continuar salvando vidas humanas”. Os Interahamwe foram então pegá-la em Gisenyi. Lá estavam 43 tútsis que ela preparava para fazer passar para o outro lado da fronteira, naquela noite.

— Vamos matá-los – declarou o chefe dos Interahamwe.

— Quero morrer com eles.

— Não faremos isso. Seu irmão é dos nossos. Suplicou que a poupássemos.

Ela repetiu:

— Quero morrer com eles.

— Vamos dar um tempo para você refletir. Vai ver que não viemos aqui para nos divertir.

Então, diante dos olhos de Félicité Niyitegeka, eles retalharam com facão, lentamente, infligindo-lhes todos os tipos de torturas, os 43 refugiados.

Depois lhe perguntaram de novo:

— Continua querendo segui-los no lugar onde estão?

— Sim – ela respondeu simplesmente.

— Então reze por minha alma – o miliciano Interahamwe disse para Félicité Niyitegeka.

E ele a abateu com um tiro de pistola direto no coração.

Félicité deixou para o irmão a seguinte carta: “Irmão querido, obrigada por querer me ajudar. Mas, em vez de salvar minha vida e abandonar as 43 pessoas por quem sou responsável, escolho morrer com elas. Reze por nós, para que cheguemos até Deus, e diga adeus à nossa velha mãe e ao irmão. Rezarei por você, ao chegar a Deus. Fique

bem e muito obrigada por pensar em mim”.

A conversa com meu informante – que insistiu no fato de que tudo o que relatou, inclusive a carta de Félicité, é verdade – me fez refletir. Não soube exatamente o que pensar disso. De início, tive um sentimento de esperança. Disse a mim mesma: “Nem tudo está perdido, podemos nos tornar um país como os outros. Feliz ou oprimido pela miséria, não sei muito bem. Um país como os outros, só isso”. Mas em seguida pensei nos milhares de ruandeses, às vezes até homens de Igreja, que encharcaram as mãos no sangue dos inocentes. O gesto de Félicité poderá, amanhã, fazer esquecer o comportamento ignóbil de tantas outras pessoas? Depois da vitória, inevitavelmente será feita a pergunta: o que vale um perdão sem justiça? Os organizadores do genocídio sabem muito bem. Estão fugindo e sua fuga os livra de um julgamento que curaria nosso povo de seu trauma.

Os que sofreram tanto terão dificuldade de considerar as circunstâncias, de esquecer o pior para lembrar-se apenas do melhor. É fácil avaliar a angústia de quem diz: “Vocês querem que eu perdoe, mas sabem que na colina de Nyanza meus sete filhos foram jogados vivos numa fossa?”. Se a pessoa acrescentar: “Pensem nos instantes em que aquelas crianças foram asfixiadas por massas de excrementos antes de morrer, pensem só naqueles segundos e nada mais”, ninguém saberá o que responder. Será suficiente então, para acalmar esse sofrimento, lembrar o martírio da irmã Félicité Niyitegeka ou os riscos aceitos por outros cidadãos ruandeses anônimos? Isso só o futuro dirá.

Por enquanto, a certeza de sua derrota iminente deixa os matadores como que loucos de ódio. Tornam-se cada vez mais cruéis. Muitas vezes exigem que as mães espanquem seus bebês antes de elas mesmas serem executadas. Há exatamente três dias, na Escola Técnica de Murambi, no sudoeste, o dr. Joseph Karekezi – infelizmente, pai de um amigo de infância exilado no Djibouti – soltou seus matadores em cima dos milhares de tútsis que ele fingia proteger. Será verdade que sua mulher e seus dois filhos, conforme me contaram, estavam entre as vítimas? aguardo a confirmação, sem muita ilusão: estaria absolutamente dentro da ordem anormal das coisas. O novo credo deles parece resumir-se ao seguinte: certamente não podemos eliminar todos, mas façamos pelo menos de modo que os raros sobreviventes morram de dor, em fogo lento, durante o resto da vida.

Como não conseguiram se desvencilhar de todos os tútsis, agora dizem: cada hútu deve ter matado pelo menos uma vez. É um segundo genocídio, dessa vez pela destruição das almas. Muitos cidadãos comuns aceitaram a incumbência. Isso torna a infâmia mais viva e

mais colorida, porém não mais suportável. E não é fácil para todo mundo. Só vendo aquelas pessoas muito simples em ação. Não estão preparadas, em absoluto, para o que se espera delas. Então, se não berrarem, não conseguirão nunca. Compreendo aquela histeria. Se gritam tão alto, é principalmente para manifestar sua inocência: “Não mato o Outro para me apropriar de seus bens, não, não sou tão mesquinho, nem sequer o odeio, mato o Outro porque estou completamente louco e a prova é que os suplícios que lhe inflijo são únicos na história do sofrimento humano”.

O resultado são as dezenas de milhares de corpos putrefatos espalhados pelas ruas, pelos lugares de culto e pelos edifícios públicos. Alguns transeuntes transportam para suas casas poltronas ou televisões roubadas das vítimas. Jovens circulam em alta velocidade em carros que não lhes pertencem. Os bandos armados são cada vez mais numerosos e anárquicos, mas o fervor dos primeiros dias diminuiu. Já não é como no começo, quando não queriam compreender nada. Naquele momento, só os mais afortunados podiam negociar sua morte com um Interahamwe. Diziam: eu te dou tanto de dinheiro e em troca você me mata com arma de fogo e não com facão. Então, essa preocupação com a dignidade custava caro. Agora os Interahamwe se deixam corromper muito facilmente. Por quase nada, eles salvam sua vida. Sabem que acabou. Os chefes sonham apenas em deixar o país. As barreiras que ainda não foram desmanteladas estão quase todas desertas. Mas de vez em quando, numa esquina, ouvem-se risos e palmas alegres. Um tútsi acaba de ser descoberto por acaso. Saiu cedo demais do esconderijo. Acabam com ele de passagem. Como uma barata que se aventura pelo meio do pátio ofuscada pela luz. Alguém a esmaga com o salto do sapato sem prestar atenção.

Coronel Étienne Perrin

O dr. Karekezi se afastou para me deixar entrar, depois voltou a fechar o pesado portão de ferro de sua casa.

— Eu o esperava, coronel Perrin... Seja bem-vindo.

O tom era amável. Reteve por um instante minha mão na sua, decerto para me manifestar sua simpatia. No entanto, adivinhei por esse gesto corriqueiro o homem seguro de si e habituado a ser obedecido.

Uma longa alameda levava à residência. Era ladeada por arbustos que eu ainda não tinha visto em Ruanda nem nos países vizinhos. O doutor me explicou que mandara trazê-los da África do Norte. Cuidava deles pessoalmente. Gostava daquilo, era uma maneira de relaxar depois dos dias árduos na sua fábrica de chá ou no consultório.

— Ficamos no jardim?

— Sim, está uma noite agradável – respondi.

Ficamos por um momento em pé no gramado, bem ao lado da quadra de tênis de sua suntuosa propriedade. Poltronas de madeira de tuia esculpida rodeavam uma mesa baixa de mármore.

— Já nos encontramos muito brevemente, creio – ele disse, convidando-me a sentar.

É verdade. Recorri a ele quando tínhamos decidido instalar o quartel-general da Operação Turquesa de Gikongoro na Escola Técnica de Murambi. Havia aqueles milhares de cadáveres por todo lado. Ele deu ordens para que os fizessem desaparecer. Os Interahamwe cavaram imensas covas no local para enterrar os corpos. Um trabalho. No entanto, eles se saíram bem.

— Estou satisfeito por finalmente poder agradecer pessoalmente sua ajuda, doutor.

— Não foi nada...

Fiquei impressionado com sua voz grossa e um pouco arrastada. Ofereceu-me um uísque e levantou-se para ir buscá-lo dentro da casa. Segui-o com o olhar, pensando com estupefação quase risível, levando em conta minhas funções: “Pois bem, esse então é o famoso Açougueiro de Murambi”. Ele parecia um homem normal. Na verdade, talvez só no cinema os matadores pareçam matadores de verdade. Não direi, certamente, que o dr. Joseph Karekezi é um homem qualquer. Alto, sólido, tem a fronte meio calva, porte altivo e olhar desafiador.

Ao longo da minha carreira, muitas vezes encontrei seres humanos chamados a tomar decisões difíceis em lugar dos outros. O dr. Karekezi pertence a essa categoria um pouco especial, mas nada leva a suspeitar nele um indivíduo grosseiramente odioso e fanático.

Ele voltou a passos lentos, com uma bandeja equilibrada na mão direita.

— Gelo, coronel?

— Sim, obrigado.

Serviu-se de uma Coca e achou-se no dever de se desculpar:

— Há duas coisas que perdi na vida: o álcool e os bailes de sábado à noite. Eu era do tipo estudioso e bastante tímido. Quando quis começar a beber e a dançar, era tarde demais. Saúde, coronel Perrin!

— Saúde – repliquei, perguntando a mim mesmo a que poderíamos brindar.

A nada, evidentemente. Carregávamos o peso de um genocídio de uma selvageria sem precedentes e uma humilhante derrota militar. E, de qualquer modo, não sabia se tinha vontade de brindar ao que quer que fosse com o dr. Karekezi. Ele me inspirava aquela espécie de repugnância e de fascínio que sentimos diante daqueles assassinos sádicos de que os jornais falam.

Mas, por outro lado, eu tinha respeito por sua coragem próxima da temeridade. No meio da derrocada, era uma das raras personalidades que não perderam nem a dignidade nem o sangue-frio. Sei do que estou falando. Há alguns dias, meu trabalho consiste principalmente em evacuar para Bukavu ministros, prefeitos e oficiais superiores. Esses senhores só têm uma ideia na cabeça: não estar no local quando a FPR chegar. Passaram a mão nas reservas do Banco Central e levaram ou destruíram os documentos e os bens da administração. Ao verem seus chefes fugirem, centenas de milhares de cidadãos também estão deixando o país rumo ao Zaire, à Tanzânia ou a outros países vizinhos. É um espetáculo alucinante toda essa miséria solta nas estradas. Por uma vez, concordo com nossos jornalistas: é o êxodo mais gigantesco dos tempos modernos.

Quanto ao doutor, ele é um pouco o capitão heroico que se recusa a abandonar seu posto durante o naufrágio. Não parece ter nenhuma consciência do perigo. Todas as vezes que nos falamos ao telefone, só senti nele despeito e sobretudo raiva do Exército governamental. Em nenhum momento me pareceu alarmado ou simplesmente preocupado. Ele sabe que não tem nada mais a fazer em Murambi e que de um momento para outro soldados inimigos podem arrombar sua porta e pegá-lo. No entanto, em vez de pensar em se refugiar,

empenhou-se em retomar o controle da situação. Aliás, é simples: se ele não estivesse ali, não teríamos encontrado ninguém com quem falar.

— Também vai embora, doutor, não é? – perguntei.

— Não estou bancando o herói, o senhor sabe, coronel Perrin. Vou embora e quanto antes melhor.

— Butare vai cair em algumas horas. Provavelmente amanhã à tarde. Você tem pouco tempo para se preparar.

— Está dizendo isso para mim? Não há mais o que esperar, eu sei.

Ficou em silêncio por alguns segundos, olhar perdido no vazio, ar ausente. Depois, girando o copo de Coca nas mãos, ergueu os olhos para mim:

— Nestes dias, tenho pensado com frequência naquele homem que teve um comportamento tão surpreendente em Musebeya: em abril, quando nossas operações começaram, ele vestiu sua roupa de festa e sentou-se na sala, com todas as portas escancaradas. E ficou esperando tranquilamente seu fim. Os milicianos chegaram e aquele homem morreu sem um grito. Devo dizer que nossos Interahamwe de Musebeya ficaram muito impressionados, não paravam de contar essa história...

— E o que eles achavam?

O doutor fez um esgar em que senti uma mistura de afeição e de desprezo pelos Interahamwe:

— São gente simples, coronel, o sentido de um gesto como aquele lhes escapa. Para eles, o homem era só o tútsi ideal: suficientemente compreensivo para se deixar eliminar sem muitos rodeios.

Depois de uma pausa, acrescentou em tom divertido:

— Sabe que em Ruhengeri corriam atrás de suas vítimas, que aliás conheciam bem, suplicando-lhes que parassem para que eles pudessem matá-las mais facilmente?

— E o senhor, doutor, como julga a atitude daquele homem?

Ele riu baixinho. Uma espécie de risadinha irônica.

— Se isto não é um interrogatório, está começando a parecer, hein!

Mas, vendo que me deixara constrangido, apressou-se em retificar:

— Estou brincando, coronel. Acho que, apesar de tudo, respeito aquele sujeito. Adoraria ser capaz de fazer como ele, mas não tenho vontade de morrer.

— Ah?

Senti-me quase aliviado por finalmente me encontrar em terreno familiar. Um homem que tem medo da morte, pelo menos sei o que ele quer dizer.

— Sim – insistiu o doutor –, quero continuar lutando.

Acendi um cigarro. O cão dele veio deitar-se a seus pés.

— De que raça ele é?

— Um appenzeller.

— Conheço mais o queijo.

— É do mesmo lugar, do cantão de Appenzell, na Suíça alemã. Daí seu nome.

— Mandou trazê-lo de lá?

Depois de ter confirmado com a cabeça, um pouco irritado, ele disse:

— Também podemos falar de política, acho. O senhor sabe qual é a minha posição. Está fora de questão deixar o país para essa gente.

A única coisa que interessava o dr. Karekezi era saber até onde estávamos dispostos a chegar. O que eu podia lhe responder? Tinha quase tantas informações quanto ele. Em Paris, a confusão estava no auge. Alguns exaltados já nos viam aos socos com os maquis da FPR nas ruas de Kigali, para de certo modo acertar as contas de homem para homem. Outros diziam: já bancamos demais os idiotas, agora chega. Conforme o lado que fosse ganhar em Paris, eu podia ordenar a meus paraquedistas que saltassem sobre Kigali ou que se deixassem filmar com tútsis arrancados das garras de terríveis Interahamwe. Vamos ver. Vim com minha bateria pesada de morteiros de 120 mm Marine e caças-bombardeiros Jaguar, mas também com montes de pacotes de leite em pó... Creio, no entanto, que o incidente de Butare vai pesar muito na decisão de nossos políticos. Ontem, um comboio nosso foi imobilizado pela guerrilha na estrada de Butare: 25 de nossos veículos militares inspecionados um a um pelos elementos da FPR. Fomos obrigados a deixá-los agir. Ao menor gesto, morreríamos todos. Uma humilhação. Mas está fora de questão falar sobre isso com o dr. Karekezi. Para ganhar tempo, declarei:

— Se o senhor está decidido a ir para o noroeste, estou à sua disposição. Já devemos partir amanhã de manhã.

— Não estou falando nisso. Tenho certeza de que me compreendeu bem, coronel Perrin.

— Perfeitamente. Só que não sou eu que tomo as decisões. Ainda não sei o que vamos fazer.

— Não tem ideia?

— Nenhuma.

— Perfeito. Está nos deixando porque acha que exageramos um pouco? Pois bem, continuaremos o combate. Sem o senhor.

Limitei-me a menear a cabeça. Àquela altura da discussão, o

silêncio era meu melhor aliado. Entretanto, a resolução do doutor não deixava sombra de dúvida. Ele não era do tipo de falar por falar. A única coisa que lhe importava era inverter a situação por todos os meios.

De repente compreendi um pouco melhor por que o dr. Joseph Karekezi tinha adeptos tão fervorosos nos meios franceses encarregados, como se diz, do “dossiê ruandês”. Antes dos acontecimentos, seu nome voltara às conversas com frequência. Ele tinha um perfil fantástico. Médico hútu rico e influente, casado com uma tútsi, destacara-se durante longos anos no combate contra a impunidade em Ruanda. Várias vezes denunciara publicamente os massacres de tútsis. Fora preso e torturado, e sua família sempre vivera na insegurança. Um de seus filhos vivia exilado no Djibouti havia anos. Habyarimana o temia um pouco, pois sabia que no nosso país era apoiado por alguns círculos poderosos. Depois o doutor deixara subitamente de se interessar pela vida pública. Esse recuo conferia-lhe a imagem de homem de boa vontade, suscetível, é verdade, porém íntegro demais para gostar dos jogos políticos. Enfim, ele podia aparecer como um recurso para o país e uma alternativa a um presidente ruandês um pouco ultrapassado desde as negociações de Arusha.

Os partidários parisienses do dr. Joseph Karekezi não ignoravam nada de suas atividades ocultas. Sabiam dos tráficos duvidosos que sua fábrica de chá encobria. Mas a seus olhos isso o tornava mais interessante ainda: o homem poderia continuar mascarado por muito tempo. Só uma coisa não fora prevista: a volta estrondosa do dr. Joseph Karekezi à política, a liquidação planejada de 45 mil pessoas em Murambi – entre as quais sua mulher e seus dois filhos. Era bastante constrangedor. Mas talvez fosse preciso mais do que isso para tirá-lo do jogo. Os estrategistas parisienses continuavam a coçar a cabeça: e então, dr. Karekezi ou não? Alguns diziam: concordo, ele é sórdido. E daí? Na África, as brigas políticas não se resolvem por toda parte com extrema crueldade? Aliás, acrescentavam os mesmos, os sobreviventes desse pretenso genocídio seriam os primeiros a esquecer o episódio.

Apesar de tudo, alguns homens experientes continuavam a confessar sua perplexidade: esse dr. Karekezi é de confiança? Ele tem um caráter esquisito, é imprevisível e mais dia menos dia vai escapar ao controle. Respondiam-lhes: “Bah! Nós o temos nas mãos desde aquela história de Murambi”. E os homens experientes, com um sorriso cheio de subentendidos, deixavam escapar: “O massacre de

Murambi? Meu caro, talvez seja ele que nos tem nas mãos depois daquela história infame...”.

E então, dr. Karekezi ou não? Nas altas esferas, a posição era: “Nada de vitória total da FPR”. Em outras palavras: vamos obrigar os vencedores a aceitar uma partilha do poder com os vencidos. Era tanto mais difícil quanto já não se sabia com quem contar. Que cartas ainda tínhamos na mão? O dr. Karekezi, apesar de tudo? Algum outro? Mas quem?

Enquanto não se tinha uma ideia mais clara, encarregaram-me de fazer Joseph Karekezi atravessar a fronteira e, principalmente, de manter contato com ele. É uma missão como qualquer outra e eu a estou cumprindo sem me perturbar. Aliás, devo dizer que sempre me sinto mais à vontade longe de Paris. Fico meio desconcertado com aqueles homens que só têm uma ideia na cabeça: “É a nossa África, não vamos largá-la”. Todos lá são um pouco loucos. Fabricam em seus escritórios chefes de Estado africanos. E estes telefonam tarde da noite para se lamentar, pedinchar, protestar: esse chato desse opositor que me arrasta para a lama e eu não posso fazer nada o senhor acha isso normal com essas suas bobagens de direitos humanos sim mas no seu país eles dizem no rádio que o presidente passou aids para a mulher opa ele disse isso mesmo, vou falar com ele tudo tem limite afinal foi longe demais e depois vocês franceses são promessas e promessas e a gente nunca vê nada meu governo continua esperando esse financiamento para a segunda universidade ah a segunda universidade sim é verdade o dossiê está tramitando digamos mais alguns meses mas não senhor não posso dizer se será antes ou depois de sua reeleição isso sinceramente não posso dizer sim boa noite para o senhor também obrigado até logo senhor presidente. E patati, patatá e quando há alguém no escritório dizem desculpe eu estava com o presidente fulano é minha sina cotidiana minha via-crúcis doce Jesus quem me salvará dos Salvadores da Pátria...

Pude observar que os mais frágeis acabam se tornando racistas. Como da África só conhecem suas criaturas distantes e dóceis, justamente escolhidas por sua mediocridade, são levados a se convencer, mesmo que nunca possam dizê-lo em voz alta, de que a África é pura merda. Por isso, aliás, acharam que apelidando os combatentes da FPR de “khmers negros” voltariam contra eles o planeta inteiro. Mais uma inépcia. Nada deu certo para nós nesse caso de Ruanda. Nos ministérios parisienses, estão passando apertado neste momento. Há todos esses jornalistas e defensores dos direitos humanos que não estavam exatamente previstos no programa.

Resultado das corridas: uma Operação Turquesa que está fazendo todo mundo dar risada. Bancar as boas almas depois de ter deixado nossos protegidos cometerem todas essas atrocidades estúpidas! Ninguém é bobo. A prova: só Dacar – como de hábito – entrou na tramoia. Nenhum outro país quis enviar tropas.

— Ouça, doutor – eu disse –, respeito sua recusa da derrota... No entanto, durante os últimos três meses, seu exército renunciou a lutar. Para o militar que sou, é difícil compreender.

— Eu sei – disse o dr. Karekezi, puxando a coleira do seu cão –, eu sei, sim... Eles foram uns imbecis.

Ele não estava com nenhuma vontade de abordar a questão. Insisti:

— Era realmente mais importante matar toda aquela gente desarmada do que lutar contra a FPR?

Vi uma centelha acender em seus olhos e ele falou, com uma lentidão estudada, com o polegar direito voltado para baixo:

— A verdade, coronel, é que é preciso ter ou não. E vocês não tiveram.

— Como?

— Vocês não tiveram colhão.

Com o cenho franzido, me empertiguei. Naquele exato momento tive a impressão de finalmente estar lidando com o verdadeiro dr. Karekezi, não com aquele que até então me falara com ar desiludido e cortês.

— Retire o que acabou de me dizer, doutor.

Minha voz era ao mesmo tempo calma e tensa, um pouco ameaçadora. Suas palavras eram insultantes e eu não pretendia deixá-las passar.

Satisfeito por ter obtido o efeito desejado, o dr. Karekezi disse, negligente:

— Claro, não estou falando do senhor, coronel Perrin...

— Quero desculpas, por favor.

Ele compreendeu que eu não estava brincando. O clima começou a degenerar. Ele falou num tom muito frio:

— Pois bem, todas as minhas desculpas. Imaginei que poderia me permitir essa liberdade com um combatente como o senhor. Digamos então que nossos amigos não ousaram levar sua lógica às últimas consequências.

— E o senhor, acaso acha que os ajudou?

— Conheço essa música. O bando de assassinos de Kigali. De repente vocês descobriram que deixamos de ser respeitáveis, é isso?... Vocês não sabiam... Belo pretexto... Tudo aconteceu à luz do dia.

Uma rádio advertia os matadores: “Opa, que incompetência é essa? Localizado pelos lados de Nyarubuye um bando de tútsis prestes a atravessar para a Tanzânia. Vamos, rapazes, e rápido!”. Vocês controlavam este país, coronel. Conheciam cada engrenagem da máquina de matar e olharam para o outro lado porque lhes convinha.

Apesar da severidade de suas palavras, o dr. Karekezi se expressava com calma, sem parar de puxar de leve a coleira do animal.

Por puro reflexo profissional, pensei: “Esse homem é realmente perigoso”. Ele tinha a cabeça quente, não era em absoluto do tipo que se deixa levar sem reagir. Talvez fosse melhor não o ter como adversário. Aliás, para mim era difícil contradizê-lo. Eu era praticamente da mesma opinião que ele.

Lembrei-me de Jean-Marc Gaujean. Um jovem do ministério, bastante idealista e atormentado, sempre disposto a me fazer confidências. Estávamos tomando um café na La Mandoline, no 11º distrito. Ele parecia preocupado. “Aquele caso ainda, meu caro?”, perguntei, tocando-lhe o braço. “Sim, está cheirando muito mal. Vão continuar a falar no assunto, Ruanda daqui, genocídio dali, todo dia vão nos tirar um cadáver do armário.” Acrescentou: “Não é nossa culpa”. “Não”, respondi, “é culpa dos próprios ruandeses. A história é deles e vão ter de se virar com essa gigantesca mancha de sangue. Dizer o contrário é achar que são crianças irresponsáveis. Mas nós, Jean-Marc, não fizemos nada para impedir os massacres. Éramos os únicos no mundo que poderíamos fazer algo”. Deslizei um dedo pelo meu braço esquerdo e declarei: “Meu caro Jean-Marc, estamos até aqui de sangue nesse caso”. Era evidente, ele sabia. Balançando a cabeça, disse: “E cá estamos nós, obrigados a ajudar os matadores a escapar da justiça do país deles...”. “É uma lógica terrível, mas não podemos fazer outra coisa. Se houver julgamentos, eles vão tentar salvar a pele jogando tudo nas nossas costas. Estamos de fato encurralados.” Então ele me fez a pergunta que o preocupava: “Algumas comparações, no entanto, são exageradas, você não acha?”. Nós dois sabíamos a que ele se referia. Raramente vi um ser de tanta pureza: não estava pensando nem num continente nem numa raça, mas nos milhões de vidas interrompidas. Isso era bem simpático. Um monte de gente à minha volta clama ostensivamente seu amor pela África, o que sempre me parece um pouco suspeito: as pessoas querem que seus méritos sejam admirados porque acham que é preciso ser grande coisa para respeitar um continente tão desprezível. No fundo, Jean-Marc queria que eu o tranquilizasse. Não consegui me dispor a isso. “Um genocídio é um genocídio”, respondi, “pois bem, com este

será a mesma coisa, quanto mais tempo passar, menos será esquecido”. Tínhamos um trecho de metrô a percorrer juntos na linha Balard-Créteil, bem próxima. Jean-Marc me disse, pouco antes de descer em Richelieu-Drouot: “Estranho. Se você for para lá, vai trabalhar com aquele doutor que organizou o massacre numa escola?”. “Sim”, respondi, “e cá entre nós, Jean-Marc, tenho vontade de ver como ele é”. “Até amanhã, Étienne”, disse ele. Tínhamos uma reunião no ministério no dia seguinte sobre a Operação Turquesa. Jean-Marc foi engolido ao mesmo tempo que a multidão parisiense por uma escada rolante e imaginei-o em visita a Ruanda. Um *tête-à-tête* entre Jean-Marc Gaujean e o dr. Karekezi... Certamente ele não se recuperaria. Uma boa aula de história para aquele jovem funcionário público ainda cioso de virtude.

Enquanto eu agitava essas lembranças, o doutor limitara-se a me olhar, espreitando minha reação.

— O senhor acaba de dizer, doutor, que essas matanças nos convinham. Não vejo de que maneira.

Ele torceu a boca com ar condescendente. Visivelmente esperava a pergunta.

— Lá em Paris e no seu exército, muita gente acabou sentindo tanto ódio da FPR quanto nós. Caras vindos de outros lugares. Vocês não os controlam. Eles falam inglês e desprezam vocês. É o cúmulo, não é? Negros que não fazem mesuras diante de vocês. O ódio vocês toleram, mas essa indiferença, não. É bem conveniente matar algumas centenas de milhares de tútsis.

— Nenhum francês derramou sangue ruandês – eu disse categórico.

Ele deu uma breve risadinha que me pegou completamente desprevenido:

— E eu, coronel Perrin? Olhe minhas mãos. Acha que já peguei num facão? Sou um pobre médico. Salvo vidas! Também nunca derramei uma gota de sangue.

— Talvez tenhamos cometido erros de avaliação, mas nunca matamos nem mandamos matar ninguém.

Não tenho certeza de que ele me ouviu. Disse de repente, com sua calma fascinante:

— Além disso, eles lutam incrivelmente bem, esses rapazes da FPR.

— É o senhor que está dizendo isso, doutor?

— Sou lúcido, caro amigo, só isso. A propósito, sabe que eles decidiram tomar a última cidade, Ruhengeri, só no dia 14 de julho? Que falta de tato, hein? Um 14 de julho! Isso mereceria uma reação da sua parte, não?

Que sujeito infernal! Recusei-me a seguir pelo caminho por onde ele queria me levar.

— Na minha opinião, doutor, o senhor deveria perguntar-se principalmente o seguinte: e se fosse para fazer de novo?

— Não me arrependo de nada – ele declarou imediatamente. — Os jornalistas e toda essa escória vão berrar como menininhas que têm medo do escuro. Vou lhe dizer uma coisa de que talvez o senhor não vá gostar: para mim, a ideia de que a vida humana tem algum valor é pura convenção.

— Mesmo a sua, doutor?

— Isso não é da sua conta.

De repente o tom se tornara mordaz. “Que sujeito abjeto!”, pensei.

— Pois bem, a verdade, dr. Karekezi, é que o senhor mandou construir um castelo no leste do Zaire para o caso de a situação aqui ficar ruim, e ainda insulta aqueles que mandou para a morte. É muito fácil.

Eu estava fora de mim. Até tremia de raiva. Ele não reagiu. Voltei à carga.

— Não é verdade que é proprietário de um palácio à beira do lago Kivu?

— Exato – ele disse secamente, antes de acrescentar –, eu os enviei à morte, mas em Murambi seus homens construíram quadras de vôlei e instalaram churrasqueiras em cima de suas valas comuns. É isso sua porra de humanismo?

Acabaram-se as boas maneiras. Mostrei a piscina, a quadra de tênis e as plantas raras e disse:

— O senhor filosofa, doutor, mas matou sua mulher e seus dois filhos para não perder todas essas coisas bonitas. O senhor não é um ser excepcional, doutor, mas um político multimilionário desgraçado da África. Liquidou milhares de inocentes por pura ganância.

Ele se pôs a tamborilar no braço da poltrona. Esperava fazer-se passar a meus olhos pelo Anjo da Morte: terrível, mas justo. Falhou. E que se foda esse filho da puta!

— Obrigado por sua acolhida – eu disse, empurrando meu copo. — Virei buscá-lo amanhã, pessoalmente.

— Muito obrigado, coronel Perrin. Isso nós vamos ver.

Estávamos em pé. Ia deixar aquele homem sem saber nada dele, no final das contas. Tinha vontade de lhe fazer mal e, mesmo sabendo que estava lidando com um monstro da pior espécie, achava-o vagamente tocante. Abaixei-me para acariciar o cão.

— Chama-se Taasu – ele disse com voz neutra.

— Taasu? Nome engraçado.

— Não fui eu que lhe dei – explicou o doutor, de repente de cara fechada.

“Os filhos certamente descobriram esse nome estranho em algum desenho animado... Tudo isso está além da minha compreensão”, pensei.

— Vejo que Taasu não ficou agressivo, como... como os outros...

— Está querendo falar desses cães que de tanto se fartar de carne humana durante a guerra agora atacam os passantes?

— É o que me contaram.

— Não – ele declarou suavemente, com uma leve careta de asco –, não é o caso deste animal. Só os cães dos bairros populares se alimentavam dos cadáveres dos tútsis. Bem pode imaginar, coronel Perrin, que meu Taasu não come desse pão.

Todo o encanto um pouco ambíguo da conversa se dissipou imediatamente. Eu disse severamente, encarando-o:

— O senhor banca o cínico porque perdeu tudo. Os criminosos de guerra sempre acabam por ser derrotados.

— Coronel Perrin, estamos no mesmo barco. O que aconteceu em Ruanda é, o senhor goste ou não, um momento da história da França no século XX. Saiba que não sou amador: estou a par do que aconteceu com seu comboio de Butare, ontem ao amanhecer. O senhor tinha pedido ao general canadense Dallaire que advertisse o comando da FPR: proibição absoluta de entrar em Butare, o senhor não permitiria. Estava fazendo seu teatrinho de grande potência. Os caras da FPR responderam: Ah, é? Isso é o que nós vamos ver. E vimos. Isso nunca lhe tinha acontecido. É o começo do fim, caro amigo. O senhor vai deixar a África pela porta de trás.

Eu não podia perder uma oportunidade tão boa de lembrá-lo de sua situação miserável. Perguntei em tom de despeito, com um sorriso nos lábios:

— E o senhor, doutor, vai deixar seu país ou não, amanhã ao amanhecer? Preciso de uma resposta.

— Até amanhã, coronel Perrin. Se bem entendi, o senhor é... como dizer... obrigado a evacuar o criminoso de guerra para Bukavu? Essas são as ordens de meus bons amigos de Paris?

— Espere-me no pátio, por favor. É só isso. Suas elucubrações não me interessam.

O doutor sorriu:

— Venha mesmo. Mas pode ser que eu me recuse a ir, só para chateá-lo. Até logo.

Não tive tempo de responder. Ele fechou o portão devagarinho. Mas eu sabia que o encontraria pronto. É um covarde. Só um covarde pode se comportar como ele fez na Escola Técnica de Murambi.

Kigali está definitivamente em nossas mãos. Lá os massacres cessaram. Sábado e domingo tomamos o controle do aeroporto e do acampamento de Kanombé, antes de investirmos contra o palácio presidencial. Hoje de manhã fiquei sabendo que as cidades de Gitarama e Kabgayi também caíram. No ritmo em que vão as coisas, tudo terá terminado até a terceira semana de julho ou talvez até antes.

Nestes últimos dias, falou-se muito de uma intervenção militar francesa. Como um grande país pode abandonar amigos em dificuldade? Paris gostaria de fazer alguma coisa. Só para nos impor um compromisso com seus aliados de sempre. Mas estes, por assim dizer, foram longe demais. Não se deram conta de que sua barbárie espetacular era, afinal, um erro político. Quanto a nós, estamos dispostos a todos os sacrifícios para defender uma vitória adquirida a um custo tão alto.

A situação para seus homens está tão ruim, sob todos os pontos de vista, que os franceses julgaram mais prudente aguardar. Dois mil e quinhentos soldados deles, com equipamento pesado, estão tomando posição em Goma e Bukavu, no Zaire. Estão chamando essa ação de Operação Turquesa. Ao que parece, trata-se de acorrer em socorro dos tútsis ameaçados de genocídio. Veremos como eles vão fazer para salvar pessoas mortas há tanto tempo. É uma farsa muito sinistra.

Os derrotados, afinal, tiveram tempo de recuperar esperanças. Nos raros lugares em que ainda podem se mover com plena liberdade, os Interahamwe percorrem as ruas aos gritos de “Viva a França!”. Quando passam as tropas estrangeiras, eles aplaudem ruidosamente.

A Rádio-Televisão Livre das Mille Collines diz: “Minhas irmãs hútus, embelezem-se, os soldados franceses chegaram, é a oportunidade de vocês, pois todas as moças tútsis morreram!”.

Parte IV

Murambi

No fim do caminho, uma cerca de madeira atravessava o capim alto levemente encurvado pelo vento. O ar estava seco e o céu, limpo. Cornelius adivinhou à sua direita, a alguns metros, uma minúscula construção com telhado de zinco e paredes rachadas e sujas.

Sua casa natal.

Apesar do esforço, não conseguiu encontrar a porta de entrada. Ficou imóvel por alguns minutos, voltando a cabeça para todos os lados, como que para surpreender, no âmago do silêncio, um eco do passado. Ansiava por risos claros de crianças que lhe dissessem com voz familiar: “Ah, é você, Cornelius Uvimana, então está de volta. Esperamos tanto tempo por você!”. Ou até, levantando-se subitamente por todos os lados, os gritos de terror das noites em que desconhecidos vinham saquear, incendiar e matar. Afinal, estavam lá a carne e o sangue de seu exílio. Sabia por que a casa estava vazia. No entanto, era-lhe penoso admitir que estivesse morta em sua memória também. Teriam os mortos levado com eles sua infância, deixando-lhe como herança apenas seus nomes? Nenhum rosto emergia nitidamente de suas lembranças.

Adolescente em Bujumbura, via refugiados chegarem todos os dias com más notícias. Stan, Jessica e ele já formavam uma pequena turma. Ouviam os adultos falarem de massacres em Ruanda. Diziam: “Éléonore Mwenza, mulher de Siméon, foi estuprada por uns meninos”. Tia Éléonore, aquela que sempre ia à igreja de vestido azul? Sim, lembravam-se do nome, mas não sabiam quem era. Siméon estava no campo. “Eles a viram apagar o incêndio sozinha, depois fizeram suas sacanagens com ela antes de matá-la.” Outro dia, ficavam sabendo que não havia mais ninguém da família de Siméon em Bugesera.

No Djibouti, também, ele recebia cartas avisando da morte de parentes seus. Seu primo Gaétan, filho da tia Rosalie, lembrava-se dele? Não, não se lembrava. Era o tempo em que o tempo, desvairado de ódio, retrocedia titubeante. A morte precedia a vida. E, mais tarde, Murambi. Sua mãe, Nathalie. Quase não a conhecia, tampouco ela. Em sua mente, flutuava a imagem de uma mulher baixinha, um pouco gorducha, muito retraída e de saúde delicada. Julienne e François. O irmão e a irmã nascidos depois de sua partida.

Depois de breve hesitação, ele se esgueirou por uma fresta da cerca para chegar à casa. A parede era tão próxima que quase bateu a testa

nela. No meio do pátio, contornou um riacho, decerto ressecado havia muito tempo. Só lhe chegava o barulho de seus passos sobre as folhas mortas.

Tufos de capim brotavam num canto da parede rachada. Trepadeiras enlaçavam numa grande desordem os troncos das árvores. Tudo crescia numa espécie de ímpeto selvagem.

Cornelius dirigiu-se para o lugar em que antigamente ficava o cercado. Lá tinham sido queimados vivos os bois de Siméon.

Aquilo ele não conseguia esquecer.

Muitas vezes vivera seu retorno em pensamento. Chegava à noite a uma casa adormecida e ficava no meio do pátio, com uma trouxa pousada a seus pés. Nada mais. A simplicidade desse primeiro contato o fascinava.

— O que está procurando, estrangeiro?

A voz vinha de trás dele. Ele se voltou.

O homem, vestido com um velho terno de tecido cáqui, um cachecol vermelho enrolado negligentemente no pescoço, estava encostado no batente de uma porta, com as duas mãos apoiadas na sua bengala. Decerto observara Cornelius em silêncio durante os poucos minutos em que este andara em círculos pelo pátio.

“Siméon Habineza...”, murmurou Cornelius sem sair do lugar.

O nome se formara sozinho em seus lábios.

— Então não está me reconhecendo, Siméon?

Estava quase chocado. O homem sorriu com ar malicioso:

— Não te reconhecer, Cornelius Uvimana? Você? Vamos, vem cá.

Abraçaram-se sem uma palavra. O olhar de Siméon, doce e um pouco triste, aumentava a serenidade de seu rosto. As provações o haviam enfraquecido, estava magro e cheio de rugas, mas sentia-se nele uma grande força espiritual.

— Então você não desceu do ônibus na estação rodoviária?

— Não. Por quê?

— O jovem Gérard Nayinzira foi até lá te buscar.

O nome lembrava vagamente alguma coisa a Cornelius.

— Quem é ele? Eu o conheço...?

— Ele vai com frequência a Kigali. Seus amigos lhe deram outro nome...

— Marinheiro?

— Sim. Quando pequeno, ele sonhava em ser marinheiro.

— Ah... Mas aqui não temos nem mar!

— E daí? Um verdadeiro sonho não é justamente isso? Ele lia montes de livros e agora sabe muito sobre os oceanos e a vida a bordo

dos barcos. Gérard é de Bisesero, mas agora vive em Murambi. Você vai encontrá-lo. Vamos para dentro, vou te mostrar teu quarto.

O cômodo era muito modesto: um armário marrom de duas portas, um grande colchão de espuma colocado direto no assoalho, cuja cor hesitava entre o azul e o verde. Siméon mandara instalar também no canto direito uma mesa de trabalho e uma cadeira.

Cornelius sentiu instintivamente que o quarto permanecera fechado durante muito tempo, talvez durante anos. Ficou comovido por ver que Siméon o arrumara especialmente para ele. Até onde alcançava sua memória, sempre vira o tio ajudar os outros.

Siméon verificou que estava tudo em ordem, deu algumas explicações e foi sentar-se na sua esteira, no meio do pátio. Apesar de sua gentileza, seus gestos eram marcados por um comedimento que forçava o respeito. Ele impunha, sem querer, certa distância. Em sua presença, Cornelius tinha a estranha impressão de ser novamente o menino de 12 anos que partira de Murambi para Bujumbura, depois Djibouti.

Mas talvez a gente não saia do exílio sem voltar a ser criança. Era tão duro voltar para casa depois de 25 anos de ausência sem poder pedir notícias de ninguém.

A casa mergulhara de novo em torpor e tristeza. Pensar em Siméon esperando por ele sozinho no pátio apertou-lhe o coração. Fez um pequeno pacote com os presentes que lhe tinha trazido e colocou-os perto do travesseiro. Mais tarde entregaria para ele.

Foi ter com Siméon no meio do pátio.

— Eu trouxe chá do Djibouti – disse, sentando-se diante dele.

— Acabei de pedir a Thérèse para nos fazer um chá.

— O meu também é bom, você vai ver.

— Esse chá eu mesmo vou preparar – disse Siméon.

Cornelius viu-se de novo no mercado de Djibouti, fazendo compras com Zakya. Ela dissera: “Você me falou tantas vezes de Siméon Habineza que tenho a impressão de já tê-lo encontrado. Eu mesma vou escolher todos os presentes dele”.

Ele passeou os olhos ao redor e disse, mostrando uma fileira de tijolos à sua direita:

— Ali é que ficava o cercado.

— Vi você indo para lá agora há pouco. Jessica e Stanley também me falaram dele uma vez.

— E o que você respondeu?

— Que é bom se lembrar de certas coisas. Às vezes ajuda a encontrar seu caminho na vida.

— O que isso quer dizer?

Cornelius viu pela expressão do rosto de Siméon que ele não queria se estender sobre o assunto. No entanto, o velho respondeu:

— Assim a gente sabe as provações que foi preciso superar para merecer viver. A gente sabe de onde vêm.

— As lembranças me voltam aos poucos – disse Cornelius.

— A casa continuou sendo a mesma. Isso é necessário numa família.

Uma mulher – de cerca de 50 anos – veio lhes servir chá.

— Thérèse, este é Cornelius Uvimana, meu sobrinho. Você o conhece de nome. Ele voltou ao país.

Cumprimentaram-se.

— É parente nossa? – perguntou Cornelius, depois que Thérèse saiu.

— Não, uma vizinha. Ela cuida bem de mim.

Seus olhares se cruzaram e Siméon acrescentou:

— Cornelius, eu sei, é difícil voltar para casa depois de tantos anos e pensar nos seus sem sequer ousar dizer seus nomes.

Ele se calou. Cornelius repetiu, como um eco, para si mesmo:

— Sim, não é fácil, estava pensando nisso há pouco.

— Entretanto, eu gostaria de que falássemos do dia em que te levei às margens do lago Mohazi. Lembra?

Cornelius olhou para ele com emoção:

— Lembro-me daquele menino tocando flauta. Nunca esqueci.

— Vejo que você tem muito boa memória.

Em seguida, Siméon ouviu Cornelius recordar que 29 anos antes ele, Siméon, o levava à colina de Gasabo e lhe dissera, mostrando as margens do lago Mohazi com um amplo gesto com a mão: “Foi aqui que nasceu Ruanda”.

Naquela manhã, conforme o sobrinho o fez lembrar, os olhos de Siméon de repente tornaram-se mais intensos.

Cornelius recordava tudo. Sob seus pés, o chão lamacento e em alguns trechos encharcado de uma água pesada e escura. O pastor esfarrapado levando dois ou três animais ao bebedouro. O touro de chifres compridos e pontudos que lhe formavam um círculo sobre a cabeça. A leste, atrás da colina de Gasabo, uma mancha branca no céu. E, principalmente, o menino da flauta. No momento em que Cornelius esmagava entre os dedos uma folha de goiabeira para sentir seu aroma, o som claro e puro de uma flauta erguera-se para o céu. Um menino de uns 10 anos, decerto filho do pastor, passara diante deles parecendo não os ver. A cena, que permanecera viva em seu

espírito, alimentara seus anos de exílio. Dependendo do dia, voltava-lhe em fragmentos – então um detalhe era capaz de mergulhá-lo em longo devaneio – ou então como um quadro de harmonia quase perfeita.

— É isso que deve permanecer – disse Siméon, depois do relato de Cornelius.

— Sempre achei isso – respondeu o jovem.

— E agora me diga o que você fez naquele país...

— No Djibouti? Eu era professor de história num colégio.

— E que história você ensinava às crianças?

Cornelius adivinhou a alusão de Siméon.

— Não se falava muito de Ruanda.

— Como assim? Então os alunos do Djibouti não sabem que Deus acha nossa Ruanda tão agradável que nunca passa a noite em outro lugar? – disse Siméon em tom zombeteiro.

Cornelius voltou-se para as luzes espalhadas pela colina de Murambi e respondeu em tom um pouco desiludido:

— Meus alunos não acreditariam se eu dissesse isso. Para todo mundo, a palavra Ruanda evoca sangue e massacres sem fim.

— Cada país é o mais bonito do mundo – observou Siméon. — Quero que me fale do Djibouti.

Aos 77 anos, Siméon nunca tinha ido além do Burundi. Cornelius tentou fazê-lo entender o quanto o Djibouti era diferente de Ruanda.

— Lá, a gente encontra o vazio por todo lado. É um país menor do que o nosso, mas dá a impressão de que não acaba nunca.

Com que palavras descrever para Siméon as cores vermelhas e pretas do deserto?

— O calor às vezes é terrível... No fundo, não consigo explicar o Djibouti. Vou tentar em outra ocasião.

— Talvez seja mais fácil você me falar de Zakya, então?

Siméon pareceu divertir-se com o ar perplexo de Cornelius.

— Diga uma coisa, Siméon Habineza, como você faz para saber tudo?

— Teus bons amigos. Jessica me disse: “Quando Cornelius fala daquela moça do Djibouti, os olhos dele brilham!”. Agora há pouco, ao te ouvir, vi que ela tinha razão.

Cornelius riu com vontade.

— O que estão tramando pelas minhas costas? Eu nem sabia que Stan e Jessica vieram te ver nesse ínterim.

— Ela vem pra cá, Zakya?

— Sim.

— Gosto da ideia de pessoas de todo lugar se misturarem. Talvez tenhamos ficado tempo demais entre nós, aqui em Ruanda.

— Ela se chama Zakya Ina Youssouf.

— Estou sentindo que se eu não te interromper ela vai nos fazer passar a noite aqui fora. Fica para amanhã. Já é tarde, vamos descansar. Se precisar de alguma coisa, não deixe de chamar Thérèse. Ela sabe o que você representa para mim.

Novamente atravessaram o pátio, onde reinava uma atmosfera de desolação total. Havia utensílios de cozinha jogados no chão e não se via nenhuma marca de passos na areia. Cornelius compreendeu pelos gestos hesitantes de Siméon que ele já não enxergava muito bem. Mas a solidão e a miséria não tinham conseguido vencer o velho.

Ao chegarem aos degraus da porta, Siméon assumiu sua expressão mais grave:

— Cornelius Uvimana?

— Sim.

— Está me ouvindo, Cornelius Uvimana?

— Sim, Siméon.

— Eu te levei há muito tempo a Gasabo porque sabia que um dia você partiria. Você voltou e momentos difíceis te esperam. Aconteceu o que você sabe e estamos sofrendo muito, mesmo que não dê para ver. Alguns sentem-se culpados por não terem sido mortos. Perguntam-se qual foi o erro que cometeram para ainda estarem vivos. Entretanto, você, trate de pensar no que ainda pode nascer, e não no que já morreu.

Cornelius pensou de novo no menino que encontraram às margens do lago Mohazi. A imagem de um mundo que nada podia destruir. A imagem da eternidade.

— Boa noite, Siméon.

— Cubra-se bem, nesta época pode fazer muito frio à noite.

— Percebi isso em Kigali – disse Cornelius, ajudando-o a chegar até seu quarto.

A moça de bata verde estava sentada sozinha num banco no corredor.

Assim que viu o visitante transpor o portão da Escola Técnica, enfiou suas luvas de plástico e entrou num amplo recinto.

Ao se aproximar, Cornelius percebeu que ela estava ocupada arrumando restos humanos. Pegava uma tíbia, colocava-a perto de outras de mesmo comprimento, arrumava em cima de uma pilha de ossadas um crânio que estava largado no meio no caminho e polvilhava tudo com um produto branco de cheiro desagradável.

Aqueles gestos de banalidade assustadora e a necessidade de ordem deviam fazer parte da rotina de sua existência, Cornelius pensou. Pessoas importantes às vezes vinham em delegação de países distantes visitar a Escola Técnica de Murambi. Ela fazia o possível para acolhê-las corretamente.

Cornelius tinha se preparado para o pior. No entanto, a visão dos primeiros esqueletos atrás de uma janela teve sobre ele um efeito inesperado: pensou imediatamente em ir embora. Aqueles mortos estendidos no chão pareciam-lhe muito diferentes dos que já tinha visto. Em Nyamata e Ntarama, o tempo finalizara a obra dos Interahamwe: os crânios, os braços e as pernas tinham se separado dos troncos e fora necessário enfileirar separadamente os diferentes tipos de ossadas encontrados no lugar. Em Murambi, os corpos, cobertos por uma fina camada de barro, estavam quase todos intatos. Sem saber dizer por quê, as ossadas de Murambi lhe davam a impressão de ainda estarem vivas. Teve medo. Em vez de entrar nas salas de aula, pôs-se a andar pelo corredor lançando olhares indecisos para todos os lados, como que para procurar por onde fugir. A saliva se acumulava sem cessar na sua garganta e ele a engolia para dissimular o asco. Mesmo de fora, o cheiro dos cadáveres era insuportável.

Um homem barbudo, de uns 40 anos, alto e magro, de calça cinza e camisa branca, apareceu no fundo do pátio e dirigiu-se a ele:

— Posso ajudá-lo, senhor?

Cornelius olhou para ele sem o enxergar.

— Voltei do estrangeiro há uns dez dias – ele disse. — Meus parentes foram mortos aqui.

Depois de uma breve hesitação, acrescentou:

— Meu nome é Cornelius Uvimana. Sou filho do dr. Joseph Karekezi.

Não tinha nada a esconder. Todo mundo devia saber de que personagem infame ele era filho.

Mas o homem pareceu não o ter ouvido. Cornelius seguiu-o, sem deixar de notar que ele próprio não se havia apresentado.

A Escola Técnica de Murambi era constituída por sete ou oito blocos, dispostos sem ordem aparente num amplo terreno de vários hectares.

O homem deu a Cornelius explicações detalhadas. O Banco Mundial, disse ele, concedera um financiamento para a construção da escola, mas os trabalhos tinham sido interrompidos pelos acontecimentos. As salas do fundo deveriam servir de oficinas de aprendizagem para os alunos do liceu. Mais adiante, atrás das árvores,

estava previsto um campo de futebol. Ele apontou para as construções e voltou-se para Cornelius:

— Como o senhor vê, aliás, não tiveram tempo de pintar os locais. De fato, as paredes eram todas de um cinza sinistro.

Em seguida, o homem se pôs a falar do massacre:

— Durante o genocídio, um homem importante de Murambi agrupou aqui milhares de tútsis, prometendo protegê-los. Depois, quando já eram bem numerosos, os Interahamwe chegaram e começou a carnificina.

Cornelius declarou calmamente:

— Foi meu pai que fez isso.

— Eu sei – disse o homem, sem manifestar a menor emoção.

Cornelius teve vontade de confessar que tudo tinha acontecido por culpa dele, mas não fez nada. “Se eu disser uma coisa dessas, ele vai achar que sou louco”, pensou.

— Quantas pessoas eles mataram aqui?

— Entre 45 e 50 mil.

Na entrada de cada sala, o homem voltava-se para Cornelius e dizia:

— Há 64 portas como esta...

E a cada vez Cornelius pensava: “As portas do inferno”. Será que o homem se expressava propositalmente de maneira tão estranha?

Naquele lugar convergiam, na dor e na vergonha, sua própria vida e a história de seu país. Nada lhe falava tanto dele mesmo como aquelas ossadas espalhadas pelo chão nu. As palavras de Siméon lhe voltaram à memória. Ele dissera alguns dias antes: “Cornelius, não se arrependa de ter ido embora, pois você, mais do que ninguém, mereceu viver”. Ele perguntara por que e Siméon respondera: “Porque tua mãe, Nathalie, te pôs no mundo correndo para escapar de gente que queria matá-la”. E ali se fechava o círculo de seu destino: uma jovem em trabalho de parto escondendo-se de moita em moita em Bugesera, e agora ele, Cornelius Uvimana, em pé no meio das ossadas de Murambi. Então, podia acrescentar: “Mesmo assim, ela acabou sendo morta. Pelo meu pai. E seu corpo está aqui, perdido entre milhares de outros”. Nathalie Kayumba. Julienne. François. Pedacos de ossadas insignificantes. Sim, ele tivera razão de sorrir na conversa com Jessica. Em certo sentido, aquilo tudo era cômico.

Mas por que as salas em que os cadáveres se amontoavam o faziam pensar mais na vida do que na morte? Seria por causa de todos aqueles braços estendidos para os Interahamwe numa última e absurda súplica? Uma floresta de braços ainda murmurando gritos de

terror e desespero. Ele parou perto de um corpo: um homem ou uma mulher de quem tinham cortado o pé esquerdo na altura do tornozelo. O que restava de sua perna era rígido como uma verdadeira muleta. Surpreendia-o não pensar em nada definido. Limitava-se a olhar em silêncio, aterrorizado.

— Quer continuar, senhor?

O homem devia ter percebido o esforço de Cornelius para aguentar o cheiro nauseabundo dos corpos em decomposição.

— Sim. Quero ver tudo.

— São os mesmos corpos que vai ver em todo lugar.

— Não – Cornelius disse secamente –, não creio.

Estava tão furioso com o desconhecido que quase lhe pediu que o deixasse sozinho. Esse súbito acesso de raiva revelou-lhe seu próprio sofrimento, bem mais profundo do que acreditava.

O homem disse:

— Sim, tem razão. Desculpe.

Claro que ele tinha razão. Cada um daqueles corpos tivera uma vida diferente da de todos os outros, cada um deles havia sonhado e navegado entre a dúvida e a esperança, entre o amor e o ódio.

Agora Cornelius compreendia melhor a decisão tomada pelas autoridades de não enterrar as vítimas do genocídio, apesar da controvérsia que se levantara a respeito no país. Alguns diziam: é preciso dar-lhes uma sepultura decente, não é certo exibir cadáveres desse modo. Cornelius não aprovava essa visão. Ruanda era o único lugar do mundo que aquelas vítimas podiam chamar de seu país. Ainda tinham vontade de seu sol. Era cedo demais para jogá-las nas trevas da terra. Além disso, cada ruandês precisava ter a coragem de encarar a realidade. O cheiro forte dos cadáveres provava que o genocídio acontecera apenas quatro anos antes, e não em tempos muito antigos. Na hora de morrerem sob os golpes, os supliciados tinham gritado. Ninguém quisera ouvi-los. O eco daqueles gritos devia se prolongar pelo maior tempo possível.

Cornelius às vezes demorava-se nos rostos das crianças bem pequenas. Pareciam tranquilas, como que simplesmente adormecidas.

Continuaram a visita. Num corpo, ele viu pedaços de tranças; num outro um pedaço de tecido verde; um esqueleto estava dobrado sobre si mesmo como um feto: alguém que devia ter se resignado à morte sem ousar olhá-la nos olhos. Um crânio isolado num canto impressionou-o intensamente. A vítima – decerto um colosso quando em vida – tivera o nariz cortado antes de ser decapitada. Vagas manchas pretas ainda eram visíveis em sua bochecha direita. Um traço

escuro, ligeiramente curvo, representava a boca. Parecia uma máscara mortuária esquecida no meio dos outros corpos. Ou – no entanto, Cornelius não ousou deixar essa ideia vagamente indecente se fixar em sua cabeça – algum palhaço com cara de lua cheia. Era como se o acaso tivesse esculpido cuidadosamente, seguindo um modelo misterioso, aquele rosto volumoso de expressão meio amuada.

Numa outra sala, o guia lhe mostrou as armas utilizadas pelos Interahamwe: bastões, porretes espetados com pregos enferrujados, machados e, claro, facões.

Quando atravessavam o pátio dirigindo-se a outros blocos, Cornelius de repente ergueu a cabeça para o homem:

— Como sabe quem eu sou?

— Em Murambi, todo mundo sabe que o filho do dr. Joseph Karekezi chegou à cidade.

Cornelius se calou. Essa era outra história. Por enquanto era preciso ocupar-se principalmente dos mortos.

— Houve uma dezena de sobreviventes, parece...

— Eu sou um deles – declarou o homem.

Chocado, Cornelius voltou-se bruscamente para ele.

— Você não me disse nada...

— Você não me perguntou nada. Meu nome é Gérard Nayinzira. Foi o velho que me encarregou de recebê-lo aqui.

— O velho?

— Siméon Habineza.

— Pensei que você fosse o vigia. Desculpe.

— Ainda não sabe quem eu sou? – disse o homem, por sua vez.

Cornelius compreendeu na mesma hora. O Marinheiro.

— Chamam você de Marujo, não é? Nós nos vimos uma noite, em Kigali.

— Sim, no Café des Grands Lacs.

— Lamento muito mesmo, Gérard. Não me queira mal.

— Entendo perfeitamente o que deve estar se passando na sua cabeça neste momento.

O homem mostrou-lhe um buraco no meio do capim selvagem:

— Há vários nesta escola. Esses fossos serviram de valas comuns.

— Ouvi dizer que em Murambi as vítimas foram enterradas e depois exumadas – disse Cornelius.

— É verdade. Os corpos estão intatos porque o solo aqui é argiloso. Aliás, você deve ter notado que os esqueletos estão todos um pouco vermelhos.

Ainda era possível ver, nas bordas das valas, uma parte da areia

retirada no momento da exumação dos corpos, depois da vitória da FPR.

— Mas quem tinha mandado enterrá-los?

— Oficiais franceses da Operação Turquesa.

— Ah, é?

— Sim. Venha comigo, vou lhe mostrar uma coisa.

Levou-o para trás de outras salas, maiores, e o fez tocar o mastro de uma bandeira erguido sobre um montículo de pedregulhos marrons:

— Foi aqui que eles içaram sua bandeira. Ao chegarem, viram que esta escola servia para o que precisavam. Mas havia aqueles cadáveres por todo lado. Um tal coronel Perrin pediu às autoridades que encontrassem uma solução.

— Está querendo dizer que ele se dirigiu a meu pai?

— Sim. O dr. Karekezi ordenou aos Interahamwe que colocassem os corpos naquelas valas. Na época, os milicianos já não obedeciam a ninguém, mas tinham muito respeito pelo doutor, que chamavam de “papa”.

— Entendi – disse Cornelius.

— Os militares franceses emprestaram o material e, quando os cadáveres foram reunidos nas valas, instalaram-se em cima.

Cornelius, atônito, mudo de estupefação, tardava em deixar a Escola Técnica de Murambi. Voltou a percorrer as salas de aula na esperança de que aqueles corpos lhe revelassem seu segredo. Qual? Havia um segredo, sentia-o confusamente.

No caminho de volta, Gérard lhe confessou:

— Naquela noite, no Café des Grands Lacs, eu estava prestes a fazer uma bobagem.

— Estava com raiva de mim. É normal.

— Estava com raiva de você, sim. Foi seu pai que fez isso. E você não estava aqui enquanto sofriamos.

— Muita gente certamente pensa assim, mas não posso fazer nada. Em todo caso, aprecio que você me fale com tanta franqueza, Gérard.

— Eu tinha ido àquele café para te chamar publicamente de filho de assassino. Mas na última hora me lembrei de Siméon Habineza. É um homem tão correto. Não podia fazer isso com ele.

Cornelius pensou que Gérard nunca esqueceria nem lhe perdoaria a carnificina de Murambi. Para ele mesmo, tudo tinha sido tão fácil: nunca seria capaz de compreender sofrimentos que não foram seus. Sua volta tornava-se quase um outro exílio.

— Você estava ali, no Café des Grands Lacs, muito à vontade,

seguro de si, e não sabia que todo mundo seguia seus menores gestos e ouvia suas palavras. Vinha gente de propósito para ver com os próprios olhos o filho do Açougueiro de Murambi, e também havia uns caras da segurança. E você não se dava conta de nada.

— Eu não tinha como saber.

Estava ficando cada vez mais exasperado com as acusações de Gérard, sem ousar manifestá-lo, pois este só esperava uma oportunidade para deixar explodir sua raiva. “Está me segurando como um animal segura sua presa e não me largará tão cedo”, pensou.

— Tudo bem – disse Gérard –, mas pelo menos fique sabendo que a gente está de olho em você. Sempre. Não esqueça nunca.

— Mas, afinal, o que foi que eu fiz? – Cornelius gritou de repente.

Estava decidido a cortar o mal pela raiz. Melhor ouvir Gérard chamá-lo de filho de assassino do que deixá-lo fazer com ele aquele jogo tão cruel.

— Você começou a falar daquela mulher bonita que te lançou olhares num bar de Abidjan – disse Gérard friamente –, fazia gestos largos, soltava o corpo, ao passo que nós, com o tempo, aprendemos a recolher nosso corpo, levamos tanta pancada, hein! E lá, no GL, a gente só ouvia você, que brincava o tempo todo com Franky, o garçom, enfim, estava se sentindo incrivelmente bem. No primeiro dia, você estava mais alerta, decerto dizendo a si mesmo: “Ah! Eles sofreram tanto, é melhor eu ficar quieto”, mas logo achou que, genocídio ou não, afinal você podia se divertir!

— Você está sendo injusto, Gérard.

Subitamente Cornelius compreendeu, pela simples intensidade da voz de Gérard, que este poderia matá-lo a qualquer momento.

— Injusto, eu? Não mais do que o bom dr. Karekezi!

Cornelius resolveu pegar o touro pelos chifres:

— Se é para a gente brigar, melhor que seja de cara limpa, Marujo. Meu pai cometeu um crime abominável, concordo, mas não vou me deixar destruir por causa do que ele fez.

A firmeza de Cornelius pareceu impressionar Gérard:

— Eu bebi sangue – ele declarou num tom menos duro e desviando o rosto.

A resposta surpreendeu Cornelius. No Café des Grands Lacs, Cornelius tinha ouvido as mesmas palavras da boca dele e ficara intrigado. No entanto, não era hora de fazer perguntas. Quis acrescentar alguma coisa, mas desistiu ao ouvir Gérard chorar baixinho.

- Foi até lá? – perguntou Siméon.
- Sim – respondeu Cornelius, simplesmente.
- Viu tudo?
- Sim.
- Está bem.

A noite estava clara e suave. Eles falavam tão baixo que pareciam duas sombras no meio do pátio. Siméon, sempre senhor de si, permanecia pensativo.

- Os corpos estão intatos – disse Cornelius.

— Sim, são os que estavam no meio, nas valas comuns da Escola Técnica. Nos primeiros dias, dava para reconhecer algumas pessoas. Alguns habitantes de Murambi sabem quem são seus parentes entre aquelas ossadas... Vão até lá, olham os corpos, depois vão embora. Gérard te disse que no começo o sangue subia à superfície?

- Não.

— Em cima de cada vala, vimos formarem-se pequenos charcos de sangue, Cornelius. À noite, os cães iam lá matar a sede.

Calafrios percorreram o corpo de Cornelius. Teve a visão fugaz de uma matilha de cães bebendo ao luar, sem pressa, sangue dos supliciados de Murambi. Imaginou o reflexo da lua num lago de sangue.

Os cães: formas escuras e vagas, recortadas nas trevas.

Pensou que Siméon estivesse tentando abrir para ele o mundo dos símbolos. Em sua busca de si mesmo, ele ouvia o velho. Graças a ele, dominaria os sinais e saberia ler os mistérios.

— Monstros saciando-se com o sangue de Ruanda. Compreendo o símbolo, Siméon Habineza.

— Não é um símbolo – Siméon disse baixinho. — Nossos olhos viram isso.

- Será possível?

— Nossos olhos viram isso – repetiu Siméon.

Depois de um breve silêncio, acrescentou:

— Não, não houve sinal, Cornelius. Não dê ouvidos aos que dizem ter visto manchas de sangue na lua antes dos massacres. Nada disso aconteceu. O vento não gemeu de dor durante a noite e as árvores não se puseram a falar entre elas da loucura dos homens. A questão foi muito simples. Na nossa região, um prefeito tinha dito: “Não, nada desses crimes bárbaros entre nós”. Eles o mataram imediatamente. Sabíamos que chegaria nossa vez. Então, uma noite, fui ver as casas lá do alto. Era uma noite como esta, tranquila e clara, mas havia menos luzes do que habitualmente na colina de Murambi. Então, sim, pensei

que cada morada sem luz era um túmulo futuro.

Cornelius estava obcecado pela imagem do lago de sangue.

— Como isso é possível, Siméon?

— É assim, e é obra do seu pai. Queria que você soubesse de tudo antes de vir a Murambi. Eu disse a Jessica e Stanley: falem com ele. Veja, nessa história muitos mataram por avidez, por tolice, por medo da autoridade ou não sei o que mais. Joseph, seu pai, sabia o que estava fazendo. Matador frio e resoluto, ele soube melhor do que ninguém pôr a artimanha a serviço do ódio. Para que lhe serviram os estudos? Na escola, ele era sempre o melhor. Às vezes fico horas sentado nesta esteira e digo a mim mesmo: “Joseph, tão inteligente, será que era ao mesmo tempo completamente louco? Como pôde fazer todas essas coisas horríveis?”. Conseguiu enganar todo mundo. Ninguém desconfiava de nada. Em Murambi, os moribundos lhe pediam socorro. Para eles, o dr. Karekezi não sabia que estavam massacrando seus protegidos.

Cornelius recordou furtivamente a imagem de sua mãe, Nathalie. Será que ela havia compreendido no último momento? O que pode passar pela cabeça de uma mulher que descobre uma duplicidade tão abjeta quando já não há nada a fazer? Os mesmos pensamentos voltavam, obsessivos, sob o olhar calmo de Siméon. “Tua mãe, Nathalie, te pôs no mundo correndo para escapar de gente que queria matá-la.” Nathalie Kyumba. Nunca saberia mais nada sobre ela. E o marido, seu pai, jovem doutor da selva de olhar febril, idealista e audacioso. Bastava-lhe entrar na lógica dos matadores para fazer uma bela carreira. Mas Joseph Karekezi, naquele tempo, só tinha desprezo por tais raciocínios.

— Quando foi que meu pai mudou?

Siméon não respondeu na hora, limitando-se a olhar para a frente. Depois retomou:

— Vou te dizer mais uma coisa, Cornelius: mesmo em seus melhores anos, Joseph não suportava ver seus inimigos muito mais ricos do que ele. Desprezava-os, sabendo que o consideravam menos que nada, um pobre-diabo com belos diplomas. Sofria muito com isso. Isso eu enxergava muito bem. Quando teu pai resolveu tornar-se um homem poderoso, ele sabia que teria sangue nas mãos. Desde a época do presidente Kayibanda, o tempo todo as pessoas matavam os tútsis e depois voltavam para casa para brincar com os filhos. Dezenas de mortos. Centenas de mortos. Milhares de mortos. A gente já não se dava nem o trabalho de contá-los. Aos poucos, tornou-se uma coisa normal. E teu pai devia pensar: “Sou um grande médico, não vou viver

para depois morrer como um pobre coitado”. Joseph Karekezi nunca teve medo de nada nem de ninguém. Aliás, na nossa família é assim, somos temerários. Quando um homem assim decide fazer o mal, ele é mais perigoso do que todos os outros.

— Siméon – disse Cornelius de repente –, você não teve pelo menos um pressentimento, você que o conhecia tão bem?

Siméon balançou a cabeça lentamente:

— Sim, quando o vi reunir as pessoas naquela escola, chamei-o aqui e disse: “Joseph, por acaso está envolvido nessas histórias?”. Ele fez cara de espanto: “Eu, Siméon?”. “Sim, você”, respondi com calma. Ele me encarou longamente e perguntou: “Está desconfiado de mim?”. “Sim”, respondi. Ele declarou que eu sempre tinha sido lúcido, mas que estava começando a raciocinar atravessado. Lembrou-me que não fazia política havia muito tempo. Eu disse a ele: “Muitas coisas que ninguém ousaria imaginar há apenas um mês estão acontecendo, muita gente ao meu redor enlouqueceu”. Ele se aprumou na cadeira, cruzou os dedos como fazia com frequência e disse, inclinando-se para mim: “Tudo isso é só *muyaga*, Siméon...”. Sabe o que é *muyaga*, Cornelius?

— É um mau vento, um período conturbado, mas passageiro.

— Isso. Seu pai então disse: “Já conhecemos histórias como esta, vai passar”. Em seguida, me jurou pela sua fé de cristão que não tinha má intenção nenhuma e acrescentou: “Estou entre os dois sangues, Siméon, se me puser a matar, o que vou fazer com Nathalie e as crianças?”. Chamei sua atenção: “Só há um sangue, Joseph, será que você esqueceu?”. Mais tarde me dei conta de que a frase lhe tinha escapado. Mas ele não se deixou abalar: “Que seja”, declarou, rindo, “você sabe muito bem que é um modo de dizer. Aliás, para te provar minha boa-fé, vou levar Nathalie e as crianças para aquela escola”. Ele amava sua mãe e era literalmente louco pelos dois filhos. Isso me tranquilizou. Eu só não sabia até que ponto dessa vez eles estavam decididos. E logo compreendi esta coisa estranha: seu pai tinha um coração frio e vazio, não amava nem odiava ninguém, e por isso ele foi capaz de matar tantos inocentes ao mesmo tempo.

Em seguida, Siméon lhe contou a cerimônia da despedida.

O dr. Joseph Karekezi voltara para vê-lo, com Nathalie e os dois filhos, vestidos como príncipezinhos. Filhos de ricos, turbulentos e vivos, mas também tão frágeis.

— Julien e François sempre me chamaram de avô, embora eu só fosse seu tio. Sempre aparentei ser muito mais velho que Joseph. Disseram-me com orgulho que na Escola Técnica teriam um quarto só

para eles, para brincar. Sua mãe estava calada, como sempre. Seguias com um olhar enternecido. Parecia uma mulher feliz e tranquila. Joseph era seu deus. Ele a tinha anulado, ela já não existia por si mesma e via o mundo através dos olhos do marido. Num dado momento, pronunciamos seu nome e Joseph disse que na véspera vocês tinham conversado por telefone.

— É verdade – Cornelius deixou escapar com desprezo.

Mas viu-se imediatamente tentado a sorrir, como no dia em que Jessica lhe falara daquela história pela primeira vez.

— Só uma pessoa compreendeu tudo – continuou Siméon.

Cornelius teve um sobressalto:

— Quem?

— Gérard Nayinzira. Aquele que queria ser marinheiro. Adivinhou em tempo as intenções do seu pai. É por isso que ele ainda está vivo.

Era a primeira vez que ele saía em Murambi. A partir do cruzamento que funcionava como centro comercial, uma longa avenida cortava a cidade de oeste para leste. A Murambi faltavam alma e animação. Essa impressão de languidez era reforçada pelo aspecto envelhecido dos escritórios e estabelecimentos comerciais enfileirados dos dois lados da avenida principal. No terraço de um hotel, ele viu uma dezena de clientes sentados às mesas diante de garrafas de cerveja e xícaras de café. Alguns deles, arriados nas cadeiras, lançavam olhares abatidos sobre os transeuntes. Decerto estrangeiros em missão que, obrigados a permanecer alguns dias em Murambi, bem gostariam de estar em outro lugar. Como em Kigali, micro-ônibus japoneses, brancos ou amarelos, percorriam as ruas em busca de passageiros de partida para as localidades vizinhas. Aliás, ele tinha desembarcado de um daqueles micro-ônibus no dia de sua chegada. As expressões dos raros pedestres continuavam fechadas. Alguns se voltavam quando ele passava, por curiosidade ou talvez para ajudá-lo a encontrar o caminho. Por seu ar hesitante era fácil adivinhar que não conhecia bem a cidade.

Entrou numa loja de ferragens para pedir indicações sobre a casa em que vivera o dr. Joseph Karekezi antes de fugir para o Zaire. O vendedor cochilava atrás do balcão. Um vago sorriso iluminou seu rosto quando o outro se apresentou como sobrinho de Siméon Habineza.

— Conheço bem Siméon – disse o homem, saindo de seu canto para chegar até ele.

— Meu nome é Cornelius Uvimana e sou filho do dr. Joseph Karekezi.

— É você, então, que estava no estrangeiro?

— Sim – respondeu Cornelius.

Achou que o vendedor fosse acrescentar alguma coisa, mas ele limitou-se a dar a informação solicitada. Entretanto, entre duas frases, lançava-lhe olhares insistentes.

Cornelius agradeceu e voltou a caminhar, mas logo parou na altura de um estacionamento. Tirou dinheiro do bolso do casaco e contou. “Tem o suficiente para ligar para o Djibouti”, pensou. Estava com vontade de ouvir a voz de Zakya. Deu meia-volta e dirigiu-se novamente ao vendedor:

— Gostaria de ir antes ao correio. É longe daqui?

O homem lhe mostrou uns escritórios a cerca de 50 metros deles.

— Está vendo o carro preto que um menino está lavando?

— Sim.

— Está parado bem em frente do correio.

Zakya não estava em casa. Falou com o irmão dela, Idriss, e prometeu ligar de novo. De todo modo, a ligação estava ruim. Resignou-se a enviar um cartão-postal que comprou num dos guichês.

Quando voltou a passar em frente à loja de ferragens, o vendedor estava na porta com dois homens e uma moça. Decerto lhes tinha informado que o filho do dr. Joseph Karekezi estava por ali. Conversavam em voz baixa, olhando para ele.

Cornelius atravessou um terreno baldio. Em frente, apareceram motoristas de libré, postados ao lado de grandes carros, e jardineiros ocupados em cortar sebes floridas. O bairro residencial de Murambi assemelhava-se a todos os bairros residenciais. Silêncio. Tédio. Felicidade entorpecida. Reconheceu facilmente o longo muro branco que o homem lhe dissera para procurar. Mesmo de longe, percebia-se que a casa do dr. Joseph Karekezi estava abandonada havia muito tempo.

Gérard Nayinzira esperava-o diante do portão.

Numa placa azul coberta de poeira, ele leu uma inscrição em letras brancas: “A Casa da Felicidade”. Dentro, tudo fazia pensar no fausto agressivo e vulgar dos novos-ricos. Uma piscina em forma de peixe gigante. Uma quadra de tênis cercada de grades altas. Árvores de flores brancas e roxas, bem próximas umas das outras, ao longo de um caminho de lajes triangulares. A propriedade era tão grande que a residência – uma construção cor-de-rosa e branca de três andares – parecia estar muito longe à sua frente. “Eis a África”, ele pensou com amargura, “todos esses sujeitos querendo morar em casas maiores do que escolas. Nosso problema talvez não seja nossa pobreza, mas

nossos ricos.” Ele fulminou por dentro: “Aliás, é simples, eles reúnem as crianças nas escolas para massacrá-las!”.

Gérard, que até então cuidara para se manter a uma boa distância dele, precedeu-o na varanda. No vestibulo com jeito de sala de espera, a mesma camada fina de pó se formara sobre as poltronas estofadas e as esculturas de madeira.

O corredor que levava à escada, mal iluminado, cheirava a fechado. No entanto, tudo estava intato e cada objeto encontrava-se em seu lugar.

Um velho cão de pelagem preta malhada de branco e com o rabo enrolado para cima veio até eles com passo indolente.

— Certamente é o famoso Taasu. As crianças sempre me falavam dele por telefone. Elas o adoravam.

— O doutor também gostava muito do cão dele.

Cornelius notou o tom áspero de Gérard, que pensou destinado a machucá-lo. “Ele ainda vai me detestar por muito tempo”, pensou. “Esse homem deve ter vivido momentos aterradores.” Fez como se não tivesse percebido nada.

— Por que ele não levou Taasu?

— O coronel Perrin recusou – respondeu Gérard. – Eu estava lá no alto – acrescentou, levantando a cabeça na direção das árvores. — Eu os vi. No fim, o coronel e ele se odiavam de verdade.

— Parece uma peça de teatro – disse Cornelius, pensativo. — Como foi que aconteceu?

— Era de manhã bem cedo. O coronel disse: “Não, o cão não”. O doutor protestou: “Não vou embora sem Taasu”. Então o coronel lançou, muito seco: “Está de brincadeira comigo? O senhor liquida milhares de pessoas, mata sua mulher e seus filhos e cria confusão por causa desse animal! Não tenho tempo para perder. Até logo”. Deixou-o ali e foi voltando para o carro. Vi o doutor hesitar, depois acariciar Taasu pela última vez e ir correndo ao encontro do coronel, com uma mala em cada mão. Era grotesco. O dr. Karekezi. Um sujeito que tanto bancava o orgulhoso. Chegou ao carro suando e sem fôlego. O coronel olhou-o com desprezo e disse: “Está ofegante, doutor”. Tive vontade de sair do meu esconderijo e gritar: “Estou aqui, dr. Karekezi, eu estava naquela Escola Técnica e não morri, ninguém é capaz de matar todo mundo!”.

Nas palavras e nos gestos de Gérard havia uma violência quase insuportável. Acrescentou que o doutor tinha suplicado ao coronel Perrin que lhe permitisse levar umas poucas coisas.

— O coronel autorizou?

— Claro – disse Gérard –, ele fazia questão de humilhá-lo até o fim.

— Era a derrocada – disse Cornelius, surpreso com o próprio regozijo.

— A derrota total. Será para sempre o dia mais bonito da minha vida.

A voz de Gérard era dura, tensa e vibrante, também era de uma alegria cheia de ódio.

— Sabe, Marujo, eu conheço a tua história.

A expressão de Gérard se tornou sombria:

— Você quer dizer a maneira como consegui escapar da carnificina?

Cornelius sentiu que Gérard escondia alguma coisa. Ele carregava um segredo pesado.

— Na verdade, só fiquei sabendo que você tinha adivinhado as intenções do meu pai.

Gérard pareceu aliviado.

— Ah! Ele foi nos visitar na véspera do massacre. Antes de chegar à escola, eu tinha visto coisas absolutamente insuportáveis. Já não conseguia acreditar na bondade dos homens. Muitas vezes dizia a mim mesmo, ao observar os soldados que supostamente nos protegiam: “Estamos fodidos”. Mas eu não tinha como saber o que nos esperava. Então, naquele dia, aproximei-me do seu pai no fim da visita. Insultei-o na frente de todo mundo, para ver. Ele não estava acostumado. Lá ele era um deus. Enquanto ele tentava me tranquilizar, nossos olhos se encontraram e, na mesma hora, entendi tudo. Entendi que íamos todos morrer.

Gérard se calou, depois disse em voz baixa:

— Eu me virei, queria salvar minha pele... Não podia fazer nada pelos outros.

Cornelius surpreendeu-se falando como Siméon:

— Nessa história, cada um tem seus segredos. Guarde os seus para você, Marujo.

Gérard contou que tinha ido falar com Siméon depois do massacre. Ele lhe aconselhara refugiar-se na casa do dr. Karekezi, o único lugar seguro de Murambi.

— Instalei-me entre os galhos de uma árvore, no quintal, e então fiquei esperando.

Taasu, que se desinteressara deles, saiu gingando pelo quintal.

— Não fique chateado, Gérard – disse Cornelius enveredando pela escada –, mas quero ficar sozinho para visitar os quartos.

— Impossível – disse Gérard, se adiantando. — Vou com você.

— Por quê? – perguntou Cornelius, estupefato.

— Siméon. Ele insistiu.

— O que tem nesses quartos?

— Nada. Estão vazios e abandonados há quatro anos. O velho insistiu. Não sei por quê.

Eles percorreram os cerca de trinta cômodos da construção imensa. Cornelius sentou-se numa das camas gêmeas, no quarto das crianças. Cadernos de escola espalhavam-se pelo chão, entre brinquedos multicoloridos. Ele leu as iniciais num caderno: J. K. Que idade ele, Cornelius, tinha no dia em que fez ao pai a pergunta que o perturbava havia muito tempo? Quando o acompanhava até a casa de um doente, de repente lhe perguntou:

— O que há atrás das colinas, papai?

Na mesma hora a resposta estalou na boca do pai:

— Nada.

Afinal, só guardava dele essa lembrança. Uma palavra. A palavra “nada”. Ou seja: nada. Aliás, o pai deve tê-la pronunciado sem pensar. Mas o que lhe importava agora? A seus olhos o dr. Karekezi, decerto rondando por algum lugar entre Goma e Bukavu, não estava morto nem vivo. Como pudera se renegar a tal ponto? Só para enriquecer? Fome de poder, aquela máscara ostensiva da infâmia e da servidão.

Documentos espalhavam-se pelo tapete de veludo no escritório do dr. Karekezi, e havia entre eles álbuns que ele não teve coragem de abrir. Colocou-os sobre uma mesinha, depois voltou a pegá-los. Tinha visto as ossadas de Murambi e agora precisava ver as fotos de seu pai: aquela casa também era um cemitério. Nas fotos, era possível ver como o doutor havia engordado ao longo dos anos. O homem jovem, de ar resoluto e até um pouco violento, apesar dos olhos pensativos e dos óculos de intelectual, tinha, no final, um rosto típico de homem importante ligeiramente calvo, de olhar apagado e ansioso. Virando as páginas do álbum, Cornelius sentia os olhos atentos de Gérard sobre ele. Teve de vencer suas hesitações para perguntar:

— O que meu pai fez na noite do massacre?

— Ele foi a uma reunião com o coronel Musoni e homens importantes vindos de Kigali e de outras cidades do país. O doutor dava ordens. Todo mundo obedecia.

— Vou levar muita coisa daqui – declarou Cornelius.

— A polícia se adiantou a você, veio várias vezes.

— É normal – constatou Cornelius.

Cornelius arrumou vários documentos num fichário. Lá havia endereços e números de telefone – entre os quais o dele, no Djibouti –

e um caderninho em que o doutor anotava suas consultas e escrevia com letra ligeira suas impressões. Pegou também algumas coisas de sua mãe. Tudo aquilo lhe permitiria, embora ainda não soubesse como, emendar os fios rompidos ou distendidos de sua existência. Ele sabia: aceitar seu passado era o preço a pagar para começar a reencontrar a serenidade e o sentido do futuro.

— Acho estranho os habitantes de Murambi não terem tomado posse dos lugares – ele observou.

— Eles tentaram. Queriam quebrar tudo. Siméon falou com eles: “Quando eu era jovem, foi assim que as coisas começaram. Depois de destruírem essa mansão, vocês vão voltar para casa de vocês. No caminho, alguns vão dizer: aqui mora um hútu, para nos vingar vamos pegar seus bens e matar seus filhos. Só que depois, durante anos, não vão mais conseguir parar. Quero lhes dizer o seguinte: vocês sofreram, mas nem por isso são melhores do que aqueles que os fizeram sofrer. São pessoas como vocês e eu. O mal está em cada um de nós. Eu, Siméon Habineza, repito que vocês não são melhores do que eles. Agora voltem para casa e reflitam: há um momento em que é preciso parar de derramar sangue num país. Cada um deve ter a força de pensar que esse momento chegou. Se alguém de vocês não tiver essa força, é porque é como um animal, não é digno de ser chamado de humano. A casa do meu irmão não será destruída. Ela vai acolher todos os órfãos que estão largados pelas ruas de Murambi. E vou lhes dizer uma última coisa: quando chegar o momento, que nenhum de vocês tente saber se esses órfãos são tuás, hútus ou tútsis”. Ninguém ousou insistir, todo mundo sabe quem é Siméon Habineza.

— É um homem livre – disse Cornelius. — Certamente você conhece nosso provérbio: “Quem não tem cerca em torno de sua casa não tem inimigos”. Siméon não tem cerca na cabeça.

— Sim, mas cuidado, Cornelius: hoje Siméon detesta provérbios e tudo o que a gente chama de sabedoria dos antigos – observou Gérard.

— Ele mudou muito.

— Posso te dar minha opinião?

— Claro – disse Cornelius.

— Mesmo com respeito à religião, agora o velho está meio assim-assim. Ele acha que nosso povo foi traído por Imana.

— Ele te disse isso?

— Não.

Cornelius lembrou-se das palavras de Siméon, alguns dias antes: “Não, não houve sinal Cornelius...”. Será que ele pensava que um pacto fora rompido?

Todos os dias, ao amanhecer, Cornelius era tirado do sono pelas batidinhas secas da bengala de Siméon nos degraus da porta. Ouvia o barulho diminuir lentamente, depois virava-se para a parede, com o espírito ainda enevoado. O rito, familiar e assegurador, anunciava o passeio de Siméon por Murambi. Mas naquela manhã ele não conseguiu dormir de novo. No meio da noite tinha levantado para tomar um comprimido de Detensor. O único efeito do sonífero tinha sido deixá-lo mais agitado ainda. De olhos abertos no escuro, tentava, sem sucesso, pôr ordem nas ideias. Distantes ou recentes, lembranças se atropelavam em sua mente, recusando deixá-lo descansar.

Cruzavam-se, tocavam-se e às vezes se chocavam antes de se dissiparem lentamente. Desse caos, emergiam situações ou imagens bastante nítidas: Zakya, com quem não conseguia falar ao telefone havia alguns dias; a máscara mortuária – ou rosto de palhaço? – entre as ossadas de Murambi; a mistura de hostilidade e simpatia que ele sentia por parte dos habitantes da cidadezinha; o rancor tenaz e silencioso de Gérard; Stanley e Jessica. Eles deveriam chegar a Murambi pela manhã. Só pensar nisso já o incomodava. Tinha quase vergonha de reencontrá-los. Era culpa de seu pai. Havia traído a infância deles.

De repente teve vontade de se sentar no banco de pedra na frente da casa para ver Siméon dobrar a esquina.

Boina preta na cabeça e cachecol enrolado no pescoço para se proteger do orvalho, Siméon caminhava apoiado na bengala, com passo lento e regular. Cornelius sentiu-se invadido por uma súbita tristeza diante da ideia de ter sob os olhos, naquele instante exato, a própria imagem da morte de Siméon. Era impensável que tanto esplendor – lembrava-lhe o menino tocando flauta perto do lago Mohazi – nada tivesse a ver com o fim próximo do velho. Siméon emanava de si uma força indescritível. Pouco lhe importava o número de anos que Siméon ainda viveria. Até o fim de seus dias, Cornelius o veria irradiando com sua presença a rua deserta. Assim, no próprio país em que a morte se empenhara tanto em vencer toda energia, a força de vida continuava intata.

De volta de seu passeio, Siméon veio juntar-se a ele no banco de pedra.

Apesar do esforço que acabara de fazer, sua expressão estava descansada e seus olhos brilhavam com uma bela luz.

— Levantou cedo esta manhã, Cornelius. O que está acontecendo?

— Queria assistir ao seu passeio, só isso.

Siméon fez um trejeito divertido:

— Poderia ter ido comigo. Fui à casa de Joseph. Os jovens já instalaram os colchões para os órfãos. Jessica virá de vez em quando de Kigali para ajudá-los.

— Gérard também. Ele está muito contente por poder dar uma mãozinha.

— Você não vai poder, já sei.

— Mais tarde. Preciso de tempo.

“É agora que preciso falar com ele”, pensou Cornelius.

— Por enquanto quero pedir perdão pelo que meu pai fez.

Siméon ficou impassível. Cornelius teve a impressão de tê-lo pegado desprevenido.

— Quer voltar à Escola Técnica? – perguntou sem olhar para ele.

Cornelius hesitou:

— Talvez. Não sei.

— Cada um deve procurar sozinho a sua verdade. Ninguém vai poder te ajudar.

— Nem você?

— Seja como o viajante solitário, Cornelius. Se ele se perde, ergue a cabeça para o céu e para as árvores, olha em todas as direções. No entanto, o viajante poderia dizer a si mesmo, olhando para o chão: vou perguntar à estrada, pois ela, que está neste lugar há tanto tempo, deve poder me ajudar. Ora, a estrada nunca lhe mostrará o rumo a seguir. O caminho não conhece o caminho.

— Não encontrarei as palavras para falar aos mortos.

Ele surpreendeu uma expressão fugaz de despeito – ou talvez de raiva – no velho.

— Não existem palavras para falar aos mortos – disse Siméon com voz tensa. — Eles não se levantarão para responder ao que você disser. O que você vai ficar sabendo lá é que tudo terminou para os mortos de Murambi. E talvez então você respeite ainda mais a vida humana. Nossa existência é breve, é um rosário de ilusões que se arrebatam como bolhinhas nas nossas entranhas. Nem sabemos que jogo a vida está jogando conosco, mas não temos nada além disso. É a única coisa mais ou menos certa nesta terra.

Pela primeira vez desde sua volta a Ruanda, Cornelius sentiu lágrimas formarem-se na borda de suas pálpebras.

Foi uma manhã inesquecível. Enquanto o bairro acordava pouco a pouco, ficaram horas sentados no banco de pedra. Siméon falou-lhe longamente. Sem dúvida nenhuma, era o fim de alguma coisa. Siméon o tinha esperado. Ele viera, e agora Siméon despedia-se dele.

— Há quatro anos, houve gente que disse: os tempos estão difíceis,

talvez se matarmos uma parte da população tudo melhora. Não era uma maneira espantosa de pensar? A moça matou o pai. A mãe matou o filho. O marido matou a mulher. E todos o fizeram com alegria. Reuniam-se nas igrejas para zombar dos que estavam morrendo com sofrimentos atrozes.

Continuou dizendo que ele, Siméon, não conseguia compreender aquela alegria da multidão, que lhe parecia muito mais difícil de suportar do que os gemidos dos moribundos. Cada vez que pensava nisso, sentia vergonha de ser ruandês.

Depois Siméon falou de sua infância. Quando era jovem, contavam-lhe sobre a chegada do primeiro europeu. Algumas pessoas ainda se lembravam dele. Era um alemão. Tinha pedido para ser recebido pelo muami^[7] na corte real de Nyanza. No rosto afável e sorridente, os olhos do estrangeiro não paravam de se mexer. Parecia que ele pensava e ouvia com os olhos. Detinha-os longamente em todas as coisas, como que para penetrá-las com um só olhar. Sem dizer uma palavra sobre si mesmo, fazia perguntas. As pessoas se apressavam em responder. Antes de vir a Ruanda, ele havia subjugado, no litoral e no interior muito distante das terras, povos semelhantes ao de Ruanda. Isso ninguém sabia. Chegando de longe, trouxera presentes que ninguém nunca tinha visto. Foi muito bem acolhido.

Depois vieram os missionários. No começo, os *padri* se mantiveram sossegados. Passavam os dias na selva. O que faziam lá? Alguns disseram que os viram observar as plantas e as pedras, ou estender cordas em cima das colinas para tomar medidas. Seria verdade ou mentira? Ninguém sabia. Quando anoitecia, fechavam-se numa choupana para cantar à luz das velas. Depois começaram a converter seus criados. Logo pediram ao muami que se desfizesse do tambor Kalinga. Declararam: vamos bater esse tambor e não vai nos acontecer nada. Eles o fizeram e nada lhes aconteceu. Disseram ainda ao muami: se continuar a venerar objetos, sua alma será condenada, você queimará nas chamas do inferno e conhecerá mil sofrimentos. Exigiram que fosse mudado o nome de Imana. Homens do nosso país, cheios de bom senso, responderam: é loucura. Os *padri* os castigaram sem piedade. Fizeram com que engolissem à força os cauris sagrados misturados com geleia. O pai dele, de Siméon Habineza, estava entre os que ousaram se revoltar. Sim, seu pai havia recusado. Um dos *padri* golpeou-o violentamente no peito. Seu pai levantou-se e disse: “Que Deus mau então é o seu, homem branco, para que você só possa me fazer adorá-lo pela força e não pela persuasão!”. O próprio muami advertiu seus súditos: “Uma grande desgraça nos acontecerá por culpa

desse novo Deus. Eu lhes digo, não mudem o nome de Imana, o mundo pertence aos que dão nome a Deus”. Mas já estava tudo perdido. Muitos chefes tinham se convertido à nova religião. Os estrangeiros expulsaram o muami recalcitrante e puseram outro em seu lugar. Pela primeira vez na vida, os habitantes de Ruanda viram um muami de capacete, botas, casaco e calças. Era um homem jovem, cheio de vaidade, que criou o hábito de se pavonear pelas ruas da cidade real de Nyanza para que admirassem suas belas indumentárias. Quando os *padri* lhe deram um carro, ficou quase louco de alegria e de orgulho. Para todos, o muami era a própria presença de Deus na terra. Ver seu Deus ir à missa no domingo provocou um choque imenso entre os que não queriam por preço nenhum trocar Imana por uma divindade estrangeira. Tiveram de se resignar. O mundo já não era o mesmo. Cada dia que passava era diferente dos outros. Os *padri* tinham vencido.

Siméon falou ainda dos massacres organizados depois da morte do presidente Habyarimana. Quem tinha sido responsável por aqueles atos bárbaros? Ele ouvira acusarem os estrangeiros. Alguns diziam: é tudo culpa deles. Talvez fosse verdade. No entanto, Siméon queria, mais uma vez, que explicassem a alegria dos matadores em Kibungo, em Mugonero ou em Murambi. Também tinham ordenado a eles que ficassem alegres? Acreditava conhecer a história de Ruanda, mas nada via nela que pudesse justificar um ódio tão feroz. No passado, os estrangeiros haviam dito aos tútsis: vocês são tão maravilhosos, têm o nariz longo e a pele clara, são altos e têm os lábios finos, vocês não podem ser negros, só uma má sorte os trouxe para o meio desses selvagens. Vocês vêm de outro lugar. O que deveria espantar mais? A audácia desses estrangeiros ou a incrível estupidez dos chefes tútsis da época? No entanto, acrescentou Siméon, não adiantava nada gemer, deitado no chão. Nem por isso o vencedor lastimará ter sido o mais forte. Não dirá: desculpem-me por ter conquistado seu país, foi um erro, lamento sinceramente. Não julgará nem mesmo ter cometido um crime ao se apropriar dos seus bens à força. Não, quem lutou para submeter uma nação por astúcia ou por crueldade não tem nada a ser perdoado. Não terá vergonha de seus feitos. Nunca se viu isso na história dos homens.

Siméon disse:

— Sei o mal que nos fizeram os estrangeiros há quatro anos e bem antes. Mas esse mal só foi possível porque não éramos homens livres. Nossos grilhões algum dia nos incomodaram? Às vezes penso que não. Não podemos querer mal a ninguém por nossa falta de orgulho.

Siméon disse ainda com força:

— Cornelius Uvimana?

— Sim.

— Está me ouvindo?

— Estou te ouvindo, Siméon Habineza.

— Enfim, o que aconteceu há quatro anos só tem um nome: derrota. Desde a época dos últimos muamis, desconhecidos nomeiam para dirigir o país chefes que lhes são devotados. Isso precisa acabar. Então, Cornelius, se o senhor é um escravo, não se deve obedecer a ele. Deve-se combatê-lo. Gostaria de que você se lembrasse disso, aconteça o que acontecer.

— Como é preciso lembrar-se do menino da flauta às margens do lago Mohazi – disse Cornelius. — Sei que é a mesma coisa.

— Você me compreendeu.

— Esse é pelo menos um símbolo, não é, Siméon Habineza?

— Você sabe que não gosto dessas palavras que com tanta frequência mascararam nossa servidão, mas talvez aquele menino seja um de fato.

As palavras de Siméon Habineza eram de grande pureza. No anoitecer de sua vida, ainda ousava comportar-se como um viajante solitário. No fundo, o que ele dizia era simplesmente o seguinte: todo o sangue derramado no chão de Ruanda deve obrigar cada um a se recompor.

Siméon pegou sua bengala:

— Vou para meu quarto. A luz do sol incomoda um pouco meus olhos.

Cornelius hesitou, depois disse:

— Estou triste por te ouvir falar assim.

— Imagino por quê. Fique tranquilo, não sinto minha hora se aproximar. Tive oportunidade de falar com você esta manhã e o fiz. Só isso.

— Compreendo – declarou Cornelius.

No entanto, não tinha certeza de ter compreendido exatamente.

Seus dois amigos chegaram por volta do meio-dia.

Assim que se instalou na esteira, Jessica começou a provocar Siméon:

— Continuo esperando meu poema de amor, velho Siméon.

— Quando criança, brinquei na corte do muami – disse Siméon. — Fazíamos concursos de poemas para nossas bem-amadas.

Jessica fingiu estar zangada:

— Você ousa me falar das moças que amou?

Ela era a única que não se intimidava com Siméon. Os dois tinham uma profunda admiração mútua. Siméon nunca falava das provações de sua vida. No entanto, na véspera dissera a Cornelius: “A filha de Jonas Sibomana me faz esquecer todos os meus filhos desaparecidos”. Via nela o tipo de pessoa de que Ruanda precisava para se reconciliar consigo mesma.

Stanley estava calado. Cornelius viu que ele o observava com atenção, como no dia em que fora com Jessica recebê-lo no aeroporto. Cornelius pensou que, no fim das contas, Stan era, de todos eles, o que mais sofria.

Um pássaro esgueirou-se entre as árvores e seu grito breve se perdeu na noite quase imediatamente. Ao longe, uma matilha de cães acompanhava com seus latidos a passagem de um automóvel. Os faróis do carro iluminaram por um instante um pedaço de horizonte ao norte, depois tudo voltou a escurecer.

Um pouco mais embaixo, a cidade dormia. Cornelius, no entanto, sabia por experiência que, para os habitantes de Murambi, era o momento mais difícil, em que as lembranças amargas vêm à tona. Talvez de manhã cedo, passando por uma rua, tivessem avistado o homem que degolara sob seus olhos, quatro anos antes, todos os membros de sua família. Mas nem era preciso tanto. Bastava muito pouco para reavivar os tormentos: a cor ou o desenho de um vestido, um trecho de música ou o som de uma voz.

Ficar sentado no chão, de olhos semicerrados e mente vazia, lhe proporcionava uma intensa sensação de paz interior. Embora não soubesse nada do mundo dos sonhos, parecia-lhe estar mergulhado nele, bem acordado, havia longas horas. Tudo concorria para tornar o instante irreal: as árvores levantando calmamente para o céu seus troncos finos e escuros e as marcas imprecisas de passos na areia vermelha.

Sentia sua solidão como um eco abafado da solidão dos refugiados de Murambi quatro anos antes. Muito antes da chegada dos Interahamwe, cada um deles já estava absolutamente só, dividido entre a angústia e absurdas esperanças.

Gérard Nayinzira finalmente decidira lhe contar como havia conseguido escapar do massacre. “Eu vinha de Bisesero. Lá, nós todos tínhamos nos concentrado na colina de Muyira. Tínhamos dito a Aminadabu Birara: todo mundo te respeita, você será nosso chefe. Os mais fracos iam catar pedras e nós as usávamos para nos defender como possível. Apesar da chuva, do frio e das privações, formávamos

sempre um bloco compacto. Aminadabu Birara ficava em pé atrás de nós para mostrar como manter nossa posição. Quando ele ordenava, despencávamos em massa colina abaixo para avançar sobre os Interahamwe, obrigá-los ao corpo a corpo e provocar algumas perdas em suas fileiras. Até conseguimos tirar dois ou três fuzis deles. Se pudemos aguentar por muito tempo, foi porque eles nunca conseguiram nos dispersar. Eu sabia então que em Murambi os soldados do seu pai seriam os primeiros a entrar em ação. Sabia que atirariam na multidão para nos separar uns dos outros. No pânico, os que ficassem isolados seriam despedaçados pelos Interahamwe. Para salvar a pele, decidi permanecer sempre colado a um grupo, acontecesse o que acontecesse. Mesmo quando os soldados começaram a atirar saraivadas em todas as direções, permaneci muito lúcido. Deixei-me cobrir pelos corpos das primeiras vítimas. Mas ainda estava meio visível. Então rezei intensamente para que outros caíssem a meu lado e foi isso que aconteceu. Eu tinha sangue nas roupas, nos olhos, em toda parte.” Naquele momento do relato de Gérard, Cornelius e ele observaram-se em silêncio. Cornelius dissera baixinho: “Na boca também, Marujo?”. Sem tirar os olhos dele, Gérard perguntara então em tom duro, quase desconfiado: “Que história é essa?”. “No Café des Grands Lacs você disse: ‘Eu estou com o sangue cheio de sangue’. Você não se dá conta, mas fala nisso o tempo todo”. Então Gérard baixara a voz: “Sim, eu era obrigado a engolir e cuspir o sangue deles, que me entrava no corpo todo. Durante aqueles minutos, pensei que tentar sobreviver talvez não fosse a decisão certa. Mil vezes me vi tentado a me deixar morrer. Alguma coisa me chamava, alguma coisa de uma força terrível: era o nada. Uma espécie de vertigem. Eu tinha a impressão de que haveria certa felicidade em despencar no vazio. Mas continuei a chafurdar no sangue deles. Sabe, o sangue não é nada, os poetas acabaram por torná-lo quase bonito. Derramar seu sangue pela pátria. O sangue dos mártires. Pois é. Isso não diz nada, Cornelius, da urina e dos excrementos espalhados pelo chão, das velhas correndo nuas, do barulho dos membros estilhaçados e de todos aqueles olhares alucinados, dos Descarados que usam os feridos como escudo contra os facões, isso não diz nada de todos os desgraçados que desprezam tanto uns aos outros que nem pensam em odiar seus carrascos. Ao contrário, eu os ouvi suplicar-lhes que salvassem sua vida. Os Interahamwe vestiam-se de trapos, fediam a cerveja ruim, mas eram deuses pois tinham o poder de matar, ninguém era capaz de impedir que o fizessem, só vendo suas vítimas de rostos macilentos abrir os braços para eles num gesto de amor desesperado! Em Bisesero as coisas foram

diferentes. Resistindo aos matadores, nós os obrigamos a permanecer seres de carne e de sangue como nós. Tinham medo de morrer, aqueles delicados. A simples ideia de terem alguns dodóis lhes era insuportável, não fazia parte do jogo, seu plano era degolar inocentes, ir gozar a vida, se deslocar para outro lugar para supliciar outros inocentes e assim por diante. Nós os fizemos sentir que não era tão simples. Na colina de Muyira, cada um de nós podia ler no olhar do outro o orgulho de lutar, de recusar deixar-se levar docilmente para o matadouro como gado. Ah, sim, eu vi a diferença. E todas as palavras bonitas dos poetas, Cornelius, não dizem nada, te juro, das 50 mil maneiras de morrer como cães, em algumas horas. Em Murambi, no início do ataque, vi um Interahamwe estuprar uma mulher debaixo de uma árvore. Seu chefe passou e gritou: ‘Ei, você aí, Simba, aonde a gente vai é sempre a mesma coisa, primeiro as mulheres, as mulheres, as mulheres! Vê se acaba logo com as tuas flexões, prometemos para o *papa* fazer um bom trabalho!’. O chefe deu alguns passos e, mudando de ideia, voltou e esmagou a cabeça da moça com uma pedra grande, e na mesma hora só ficou aquele caldo vermelho e branco no lugar do crânio. Isso não interrompeu o miliciano Interahamwe, que continuou a mexer o corpo agitado por pequenos sobressaltos. Tinha os olhos saltados, virados para o céu, e até acho que estava mais excitado ainda do que antes”. Gérard tinha insistido: “Vi com meus próprios olhos. Acredita em mim, Cornelius? É importante você acreditar em mim. Não estou inventando nada, não é necessário desta vez. Se preferir pensar que imaginei esses horrores, vai sentir o espírito descansado e não será bom. Esses sofrimentos se perderão em palavras opacas e tudo será esquecido até os próximos massacres. Eles realmente fizeram todas essas coisas. Isso aconteceu em Ruanda há apenas quatro anos, quando o mundo todo jogava futebol na América. Eu às vezes volto a Murambi. Olho o local onde meus ossos deveriam estar e digo a mim mesmo que alguma coisa não está certa, mexo minhas mãos e meus pés porque acho estranho que ainda estejam no lugar, e todo o meu corpo me parece uma alucinação”. Depois de outra pausa, mais longa, Gérard tinha dito, talvez pela décima vez: “Eu não podia fazer nada por eles. Tive pouco tempo para refletir. Não teria adiantado nada resistir, não era como em Bisesero. Em Murambi, os outros estavam acampados havia vários dias no topo da colina”.

Cornelius bem sabia que um genocídio não é um desses filmes de ação em que os fracos sempre podem contar com a chegada, na última hora, de um jovem herói cheio de força e bravura. Longe de pensar em censurá-lo, ele admirava a coragem de Gérard. Foi preciso tê-la para

conseguir confessar. Cornelius só esperava que esse segredo compartilhado com ele fosse o primeiro passo de Gérard Nayinzira rumo ao perdão.

A solidão era também a moça de preto que ia quase todos os dias à Escola Técnica. Ela sabia exatamente quais eram, entre todos os esqueletos encavalados no cimento frio, os de sua filhinha e de seu marido. Dirigia-se diretamente para uma das 64 portas e se punha no meio da sala, diante de dois corpos entrelaçados: um homem estreitando num abraço uma criança decapitada. A moça de preto rezava em silêncio e ia embora.

A Escola Técnica era um ponto de convergência, um dos raros lugares de Ruanda onde tinham se encontrado todos os atores da tragédia: as vítimas, os carrascos e as tropas estrangeiras da Operação Turquesa. Estas tinham acampado, com pleno conhecimento de causa, em cima das valas comuns. Eram péssimas maneiras. Ao agirem assim, acaso acreditaram que faltava aos mortos de Murambi o tudo-nada que fazia deles seres humanos, acaso acreditaram que lhes faltava uma alma ou algo do tipo?

Cornelius pensou no Velho.

“Naqueles países, um genocídio não é muito importante.”

Nem mesmo um detalhe, decerto. O Velho. Coração amargo. Espírito seco. Voz dura. Ofendido, ao que parecia, por se descobrir, já velho, afinal de contas um pouco mortal. Um buquê de flores para a Viúva. Palavras de desprezo pelas vítimas. Aquele, a história vai lhe baixar a crista. Mas, no fundo, pouco lhe importava. Cornelius sentia apenas um vago amargor. Confiava no futuro, em sua longa memória e na sua infinita paciência. Cedo ou tarde, na África e em outros lugares, pessoas diriam calmamente: vamos voltar a falar um pouco dos Cem Dias de Ruanda, não há genocídio sem importância, tampouco Ruanda é um detalhe insignificante da história contemporânea.

Cornelius ficava muito mais perturbado com os apelos à razão vindos daqueles por quem ele tinha estima e muitas vezes até uma grande amizade. Aqueles estrangeiros, tão horrorizados quanto ele com as matanças de Kigarama, de Nyamata e de outros lugares, tinham compreendido o seguinte: um genocídio fala a cada sociedade humana de sua fragilidade essencial. Convidavam-no, entretanto, a tomar distância: sim, diziam, tudo isso é terrível, mas há vida depois do genocídio, está na hora de passar para outra coisa. Seguia-se quase sempre a longa lista das abominações no mundo. Ele recordava, como um alucinado, mil cenas de terror. Freetown. Ruas pelas quais

vagueiam crianças-cadáveres de olhos vivos e assustados. Já não basta matar. É preciso também atingir os espíritos. Então, eis os rebeldes que sabem inventar como ninguém a dor humana. Vamos testar, dizem eles, a eterna agonia de um povo sem braços nem pernas. E põem-se a agir.

Ele se esforçava para explicar: cerca de 1 milhão de mortos em tão pouco tempo, era realmente único na história da humanidade. Replicavam-lhe – e ele adivinhava uma mistura de piedade e ironia nos olhares dos amigos: afinal, não é uma guerra de números, cada sofrimento equivale a milhões de outros. Por que ele se obstinava em carregar tudo nas costas? Era triste dizer, mas era preciso admitir: Ruanda não tem estatura para perturbar o sono do universo. Se ele continuasse a falar assim, poderiam supor que fosse presunçoso...

O que responder a isso?

Época estranha.

Sentia-se dilacerado.

O quarto genocídio do século continuava sendo um enigma e talvez fosse preciso procurar sua chave na cabeça de um louco ou nos misteriosos movimentos dos planetas. Aquela orgia de ódio ia muito além da luta pelo poder num pequeno país. Pensou num Deus subitamente acometido por demência, afastando as nuvens e as estrelas com grandes gestos raivosos para descer à terra de Ruanda.

Aquela tarde mesmo – estavam todos ali: Jessica, Stanley, Gérard e ele –, ouvira Siméon interpelar Imana. O canto de Siméon continuava ecoando em sua cabeça. O velho murmurava, acompanhando-se à cítara:

Ah! Imana tu me espantas

Dize-me o que te provocou essa cólera, Imana!

Deixaste todo esse sangue derramar-se sobre as colinas

Em que vinhas repousar ao anoitecer

Onde passas agora tuas noites?

Ah! Imana tu me espantas!

Dize-me então o que te fiz

Não compreendo tua cólera!^[8]

Sim, era um caso muito obscuro.

Aqueles dias cruéis não se assemelhavam a nada conhecido. Tecidos de raios, eram atravessados por todos os delírios. Cornelius tinha consciência de que nunca conseguiria controlar aquele turbilhão, aquelas cores vivas, seus bramidos e suas espirais. Quando muito, Siméon fizera-o pressentir o seguinte: um genocídio não é uma

história como as outras, com começo e fim, entre os quais se desenrolam acontecimentos mais ou menos comuns. Sem nunca ter escrito uma só linha em toda a vida, Siméon Habineza era, a seu modo, um verdadeiro romancista, ou seja, no fim das contas, um contador de eternidade.

Cornelius envergonhou-se um pouco de ter pensado numa peça de teatro. Mas não renegava sua atração pela palavra, ditada pelo desespero, pela impotência diante da extensão do mal e também, sem dúvida, pela consciência pesada. Não tinha a intenção de se resignar por seu silêncio à vitória definitiva dos assassinos. Não podendo pretender rivalizar com a força de evocação de Siméon Habineza, reservava para si um papel mais modesto. Diria incansavelmente o horror. Com palavras-facões, palavras-porretes, palavras espetadas de pregos, palavras nuas e – com todo o respeito a Gérard – palavras cobertas de sangue e de merda. Isso ele podia fazer, pois também via no genocídio dos tútsis de Ruanda uma grande lição de simplicidade. Todo cronista pode pelo menos aprender – coisa essencial à sua arte – a chamar os monstros por seu nome.

Por isso ele escolhera estar ao lado de seus mortos. Não queria rezar nem chorar. Não esperava nenhum milagre diante das ossadas petrificadas de Murambi.

Já não restava um só eco dos milhares de gritos de terror que certa manhã se ergueram para o céu. Deus os ouvira. O caso estava arquivado. É que a eternidade dura tão pouco tempo, diga-se o que disser. O lago de sangue já havia secado. Durante longos meses, os abutres limpavam os cadáveres de seus últimos farrapos de carne pútrida. Depois voaram para alguma outra carniça distante. Não faltavam delas pelo mundo. Veio à mente de Cornelius que os abutres abrem todos os dias novos e misteriosos rastros no céu, a caminho dos países onde outros cadáveres apodrecem sob o sol.

Um leve ruído indicou que acabavam de empurrar o portão da Escola Técnica.

Passos se aproximavam.

Ele se deixou embalar por seu rangido regular sobre a areia. Logo o ruído começou a diminuir antes de se interromper bruscamente.

Primeiro imaginou que o recém-chegado tivesse dado meia-volta. No entanto, sentia a seu lado uma presença humana cada vez mais forte.

Alguém estava atrás dele e o olhava em silêncio.

O visitante decerto se detivera, hesitando em avançar, surpreso por ver um desconhecido de manhã tão cedo em Murambi.

Cornelius poderia se levantar e ir ao encontro do visitante, ou pelo menos tranquilizá-lo com um simples aceno. Não fez nada.

O ruído, novamente, de passos na areia informou-lhe que o outro resolvera retomar sua caminhada.

O vulto passou perto dele.

Reconheceu a moça de preto.

Era evidente que ela não queria ser vista. Chegando à altura de Cornelius, dobrou, aliás de maneira bastante inesperada, à esquerda. Ele mal teve tempo de entrever seu rosto de perfil.

Vendo-a dirigir-se para o bloco principal, pensou que o caminho que a levava a seus mortos não se perdia nos labirintos da história.

Quanto a ela, estaria morta ou viva? Cornelius gostaria de poder fazer essa pergunta aos que, sob pretexto de chegar à conta exata das vítimas do genocídio, lançavam-se números na cara furiosamente. Um milhão de vítimas. Não vamos exagerar, senhor, afinal não houve mais de 800 mil mortos em Ruanda. Não, 1 milhão e 200 mil. Muito mais. Um pouco menos. Tinha vontade de lhes perguntar qual era o lugar da moça de preto nas estatísticas e nos gráficos deles. No entanto, era tão fácil de entender: depois de uma história como aquela, seja como for, todo mundo está um pouco morto. Talvez restasse menos vida nas veias da desconhecida do que entre as ossadas de Murambi.

Entretanto, a moça de preto era a sombra que espreitava o amanhecer havia muito tempo.

Cornelius resolveu esperá-la.

Precisava ver seu rosto, ouvir sua voz. Ela não tinha razão nenhuma para se esconder e ele, por sua vez, tinha o dever de se manter o mais perto possível de todas as dores. Queria dizer à moça de preto – assim como mais tarde aos filhos de Zakya – que os mortos de Murambi também sonham e que seu desejo mais ardente é a ressurreição dos vivos.

■ ■ ■

Posfácio do autor^[1]

La Mise Hôtel. É o nome curioso, e talvez até único, do hotel onde nosso grupo de autores depôs as malas num certo mês de julho de 1998. Para o governo de Kigali que lá nos instalou, somos o que se pode chamar de visitantes incômodos. O fato é que, ao cabo de dois anos de discussões, nossos anfitriões ainda não têm certeza de saber o que nos leva realmente a seu país. Maïmouna Coulibaly e Nocky Djedanoum^[2] bem que lhes explicaram que viemos, “como irmãos africanos”, ouvir as vítimas dos massacres de 1994 e tentar, graças a nossos livros, levar o mundo todo a conhecer seus sofrimentos, mas isso não os emocionou inteiramente. Conforme o que me foi possível saber, por muito tempo Kigali reagiu com uma mescla de irritação e troca à ideia de que iríamos escrever romances sobre o genocídio dos tútsis de Ruanda. Os interlocutores do Fest’Africa, todos membros da guerrilha da FPR recém-saídos do maqui, sentiam acima de tudo desconfiança em nosso coro de carpideiras de 25^a hora. Por que o súbito interesse por sua história da parte de escritores de língua francesa, ainda mais por meio de um projeto parcialmente financiado por uma fundação francesa? Só mais tarde eu viria a compreender sua perplexidade. Na época, não tinha como saber que Vénuste Kayimahe, um dos dois participantes ruandeses (com Jean-Marie Vianney Rurangwa) no projeto Fest’Africa, abandonado aos matadores por seus superiores e seus colegas franceses da embaixada da França e do Centro Cultural, só escapara da morte por milagre. Eu também ignorava que em junho de 1994 os militares da Operação Turquesa, durante semanas e com pleno conhecimento de causa, tinham jogado voleibol em cima das valas comuns de Murambi, tal como lembra, aliás, um painel ainda bem visível no local. Em suma, eu ainda não sabia que a França estivera, retomando o título da excelente obra de Jacques Morel, “no coração do genocídio dos tútsis”. Certamente eu não era o único e hoje me dou conta de que, sem a intervenção de amigos ruandeses de Paris e, particularmente, a do jornalista Théogène Karabayinga, a residência “Ruanda: escrever por dever de memória” jamais teria se realizado.

Kigali não é uma cidade grande e rapidamente correu o rumor de que escritores estrangeiros se alojariam no bairro popular de

Nyamirambo. Durante os dois meses que lá permanecemos, o bar-restaurant do La Mise Hôtel esteve sempre cheio. Com exceção de um velho belga grosseiro e taciturno, acusado de pedofilia e à espera de julgamento – ou de extradição? –, nós éramos os únicos ocupantes dos dez quartos do hotel, apertados, até um pouco lúgubres e mobiliados muito sumariamente. Foi a partir desse lugar que percorremos Ruanda para ir à descoberta de ossários como os de Nyarubuye – na fronteira com a Tanzânia –, de Kigarama ou de Nyamata, mas também foi lá que os personagens de nossos futuros romances foram ao nosso encontro... Intelectuais, artistas ou simples cidadãos desejosos de confiar seu drama pessoal a quem os quisesse contar compartilharam conosco alguns copos de “maracujá” ou de cerveja de banana até tarde da noite. E com tanta frequência nos confessaram não ter compreendido nada do que lhes acontecera que às vezes era de suspeitar que contassem conosco para desvendar o mistério de um ódio tão radical e devastador...

Alguns escritores, como se sabe, gostam de se acreditar perseguidos por seus personagens e, ao que parece, há até os que perdem o sono de tanto brincar com a ideia de que seu herói vai escapar de uma hora para outra das páginas do romance para lhes arrebentar o crânio a machadadas e, ainda por cima, berrar-lhes todos os tipos de obscenidades. Mas esse fascínio por criaturas imaginárias só tem sentido porque, literalmente, é apenas uma *visão do espírito*. O que dizer então quando de repente um ser de carne e sangue senta-se à nossa frente e, mordendo com muito apetite seu espetinho de cabrito, nos intima por muitos gestos, silêncios e insinuações a fazer dele um ser irreal? Percebe-se então, aliás muito depressa, a ambiguidade desse “comando de escrita” de um tipo muito particular, pois, embora deseje tornar-se irreal, nosso interlocutor também não tem muita vontade de que o façamos outro que não ele mesmo... Para quem, como eu, se manteve sempre na outra margem da metamorfose – feliz como uma criança por ser alternadamente um caçador ilegal, um falsário ou um contrabandista –, havia motivo para sentir-se intimidado. O que determinados críticos chamaram mais tarde, com um sorrisinho de canto de boca, nossa “expedição ruandesa” começava então sob o signo de uma perturbadora incerteza e obrigava todos nós, de um modo ou de outro, a reformular nossa própria escrita.

Mas em Ruanda, em 1998, ninguém estava realmente disposto a se exaurir atrás de miragens. Encontrar-se, quatro anos depois do genocídio, em contato com um país devastado pelo Hutu Power[3],

estar imerso em relatos horríveis, inconcebíveis para um espírito humano comum, tentar compreendê-los, isso nos distancia muito depressa de sabe-se lá que tormentos estéticos voluptuosos. Cada um de nós se arranjou como pôde e creio que minha formação de jornalista me foi de grande ajuda: durante dois meses limitei-me a fazer perguntas e a ouvir em silêncio, com infinita paciência, as respostas que as pessoas quisessem dar. Além disso, livros e filmes sobre a história de Ruanda foram postos à nossa disposição em uma das salas do La Mise Hôtel transformada em centro de documentação, e estudei-os com muita atenção. A meu ver, era essencial não apenas acumular o máximo de informações sobre o genocídio, mas também encontrar a chave do enigma seguinte: em Kibungu, Butare e outros lugares em Ruanda, ou seja, não tão longe, pelo menos emocionalmente, do meu Senegal natal, tinham assassinado 10 mil pessoas por dia, durante cem dias, sem um único dia de interrupção, e, quatro longos anos depois, eu ainda não estava inteirado... Como é possível alguém se dizer um intelectual capaz de, usando as palavras de Cheikh Hamidou Kane, “lançar-se ao cerne das coisas”, quando não sabe nem mesmo indagar-se por que razão e por quem tantos corpos mutilados de tútsis foram, da noite para o dia, largados no Nyabarongo ou jogados aos cães? Por que eu não fora capaz de ver *um único* corpo daquelas centenas de milhares? Incitando-me a fazer-me tais perguntas, os testemunhos dos sobreviventes e minhas leituras estendiam-me impiedosamente o espelho no qual eu via desfilar minhas graves deficiências... Jornalista e escritor, pretensamente com curiosidade, desde o início da juventude, pelos assuntos do mundo, sensível aos ideais de esquerda e admirador do pan-africanista Cheikh Anta Diop, eu me fizera enganar, com desconcertante facilidade, sobre os mecanismos e as implicações políticas de uma catástrofe africana de dimensões cósmicas. Quem então escarnecera assim de mim? Convencido de que era culpa da CNN e companhia, lembrei-me de um provérbio de nosso malicioso e quase incontornável Wolof Njaay[4]: “Se tomas emprestados os olhos de alguém, não te surpreendas, amigo, ao seres obrigado, não importa o que faças, a ver só o que esse alguém vê”. No mundo tal como é, as mídias globais não são, afinal, os universais “emprestadores de olhos”? Estamos todos condenados a confiar no que contam suas câmeras, e o pior é que com muita frequência o fluxo prolixo de suas imagens e seus comentários, certamente muito mais do que seus silêncios ou omissões, nos esconde a realidade. Mas, embora fingissem ver no genocídio dos tútsis de Ruanda não mais que um imenso crime de massa, pitoresco e sem pé

nem cabeça – mais uma dessas “coisas africanas”, em suma –, ninguém tem o direito de responsabilizá-los pela própria cegueira.

Nosso problema, dos africanos, talvez seja sobretudo uma insensibilidade que merece ser analisada mais detidamente.

Vou fazê-lo evocando minha própria experiência.

Desde a publicação de *Murambi, o livro das ossadas*, há onze anos, fui levado a discutir seu conteúdo com os mais diversos públicos, em inúmeros países. Não me agrada dizê-lo, mas devo confessar que foi na própria África que a recusa a se interessar pelos Cem Dias de Ruanda, a analisar seus mecanismos específicos ou a simplesmente falar no assunto sempre me pareceu mais manifesta. Parece-me também que é nesse continente que a informação sobre a tragédia ruandesa continua sendo ainda hoje a mais lacunar. Deve-se atribuir tão chocante despropósito ao “hábito da infelicidade” evocado pelo título de um romance de Mongo Beti[5]? É verdade que durante as últimas décadas as lutas pelo poder traduziram-se na Libéria, em Serra Leoa, no Congo e em muitos outros lugares por uma tal onda de horror que isso talvez nos tenha imunizado contra as piores atrocidades. Pegamo-nos até mesmo deduzindo desse grande número de massacres que nenhum deles realmente aconteceu. É um paradoxo, mas apenas aparente: tantas cenas de crueldade no âmago da floresta, à força de se abolirem mutuamente, acabam por se inscrever em nosso imaginário como um dano anódino, até mesmo natural. Isso não significa, no entanto, que nos acomodamos: cada africano carregou o fardo dos crimes atrozes de Mobutu ou de Idi Amin Dada e viveu seus despautérios como uma humilhação pessoal. Tudo isso acabou por pesar muito na cabeça, e a amnésia, mais voluntária do que se acredita, decerto está mais ligada à estratégia de sobrevivência individual do que à indiferença.

Esse embaraço bem compreensível não pode, todavia, justificar o estranho esgar de desdém com que alguns dão a entender, na menor oportunidade, que Ruanda certamente é importante, mas que “apesar de tudo não se deve exagerar”... Até onde eu sei, os intelectuais africanos são os únicos no mundo a se recusarem, sob os mais variados e diversos pretextos, mas com frequência muito disparatados, a levar em conta fatos históricos que podem ter tão graves consequências para as gerações futuras. Ao ouvi-los ou ao ler seus textos, tão elegantes e complacentes, bem se vê que a fabricação de um certo “bem-pensantismo” continua funcionando a todo vapor. Em seu prefácio para *Os condenados da terra*[6], Sartre não tem palavras suficientemente duras para essa elite colonizada, que ele chama de

seres “falsificados” que, “depois de uma breve permanência na metrópole, tornam-se mentiras vivas [que não têm] mais nada a dizer a seus irmãos”. Pois bem, quase nada mudou desde a publicação do ensaio de Fanon. Algumas posturas lembram aquelas, bem conhecidas, do “escravo doméstico” sempre tão receoso de não ser bastante estimado pelo senhor. Mais uma vez, em nenhum outro lugar se observam tais atitudes em escala tão intensa. Para tomar apenas esse exemplo entre mil, jamais, sob nenhum pretexto, um pensador americano se permitiria qualificar como não evento os atentados de Onze de Setembro, que foram infinitamente menos onerosos em vidas humanas do que o genocídio dos tútsis. Uma das obras de Yolande Mukagasana intitula-se *N’aie pas peur de savoir* [Não tenha medo de saber][7]. Isso significa que, para a célebre sobrevivente ruandesa, não basta compadecer-se dos sofrimentos das vítimas para dar sentido ao famoso “Nunca mais”: é igualmente essencial conhecer detalhadamente as circunstâncias da tragédia e mesmo as motivações dos genocidas. A recusa de saber temida por Mukagasana, mesmo que com frequência se refugie por trás de um belo álibi – não descarregar em cima dos outros os nossos erros –, é sobretudo a expressão de uma total perda de autoestima. Na verdade, não foram nossos olhos, mas foi nosso espírito que se desviou do gigantesco amontoado de cadáveres nas colinas de Ruanda. E, mesmo que a dificuldade de pensar o genocídio viesse apenas de um sentimento de vergonha, isso não desculparia nada: ignorar a tal ponto a própria história tem mais a ver com um déficit de humanidade do que com simples falta de informação.

Senti-me incomodado nos primeiros dias em Kigali tanto mais quanto havia desembarcado num estado de espírito mais ou menos afro-pessimista. Em meu romance anterior, *Le Cavalier et son ombre*[8], eu introduzira alguns parágrafos sobre o que eu nem sequer ousava chamar de genocídio, sem nunca ter posto os pés em Ruanda e sem ter a menor ideia do que lá acontecera entre abril e julho de 1994. Ao menos me sentira constrangido por minha ignorância? De jeito nenhum. Fui antes levado a crer, naquela época, que o mundo tanto mais é verdadeiro quanto é totalmente imaginário. Aliás, não renunciei totalmente a essa ideia. O romancista não é um historiador e, ao se aproximar demais da realidade, paradoxalmente ele corre o risco de dissipá-la, como aqueles sonhos que se esfiapam de madrugada e que sentimos, um tanto melancólicos, que jamais voltarão nem serão contados. São essas divagações num universo obscuro, incerto e às vezes hostil que mais aproximam o escritor da

verdade dos seres e das sociedades humanas. Aliás, é a essas audácias inovadoras que nos convida Birago Diop[9] traduzindo à sua maneira um outro provérbio de Wolof Njaay: “Quando a memória vai catar lenha, ela traz o feixe que lhe agrada”.

Tudo isso é verdade, mas diante de dramas humanos autênticos tais considerações estéticas parecem irrisórias. De fato, se nos é sempre tão fácil esquecer a advertência de Césaire[10] (“Um homem que grita não é um urso que dança”), é em razão de nossa propensão a ver nas tragédias africanas não acontecimentos singulares, mas sequências infinitamente repetidas de um cataclismo generalizado e contínuo. Em outras palavras, cada uma dessas tragédias, longe de existir por si mesma, com complexos motivos políticos, econômicos e culturais, é simplesmente percebida como uma das muitas réplicas do mesmo terremoto que abalaria interminavelmente o continente desde a noite dos tempos. Nesse conto, Khadidja, heroína de *Le Cavalier et son ombre*, poderia ter substituído em todo o romance a palavra “Ruanda” por “Somália”, “Eritreia”, “Libéria” ou “Congo-Brazzaville” sem nunca ter a impressão de se expor a um contrassenso ou de confundir as referências históricas. É ao preço de amálgamas tão superficiais e insensatas que pagamos, por assim dizer, o quinhão de escritor africano “engajado”. Eu acreditava ter saldado meu dever deixando Khadidja fulminar contra os manejaadores de facões e derramar lágrimas sobre as vítimas de três meses de massacre. Caso arquivado e que venha o próximo desastre étnico, tema do livro seguinte...

Eis por que acolhi com mais perplexidade do que entusiasmo a proposta de ir a Kigali para uma residência de escrita coletiva. Tendo aceitado, afinal de contas, participar da operação por simples curiosidade jornalística, eu projetava registrar, num caderno de viagem, com toda neutralidade, observações e talvez algumas impressões sobre uma sociedade que me era tão estranha. Na época, eu não tinha consciência, mas agora percebo perfeitamente que eu conseguia ler os Cem Dias de Ruanda apenas como um enfrentamento tribal em que todos os atores tinham, igualmente, sangue nas mãos. Significa que, antes mesmo de saber que houvera um genocídio, eu era partidário da teoria do duplo genocídio! Nunca será demais dizer até que ponto é imperativo para cada um de nós desvencilhar a África dela mesma para pelo menos ter alguma possibilidade de falar dela racionalmente...

Eu não queria, portanto, voltar do País das Mil Colinas com uma obra de ficção e, de certo modo, a promessa foi cumprida: *Murambi, o livro das ossadas* dá muito mais importância aos fatos relatados por

meus interlocutores do que ao ilusionismo muitas vezes associado a uma escrita experimental que era, permitam-me apontar, minha marca registrada.

Mudei completamente de opinião depois de uma semana.

As conversas com os sobreviventes e os matadores, assim como as visitas aos locais do genocídio dos tútsis, foram uma aula de história que eu quis a todo custo compartilhar com meus leitores. Para minha grande vergonha, eu acabava de ficar sabendo algo de que eu nunca deveria duvidar, ou seja, que em Ruanda também houvera, pura e simplesmente, vítimas e carrascos. Em *Le Cavalier et son ombre*, em que o tema focaliza os campos de refugiados do ex-Zaire, a confusão mental me levava involuntariamente a favorecer os genocidas que continuavam a espalhar o terror em Mugunga e Uvira. Quando os chefes desses campos acabavam de perpetrar o último genocídio do século XX, eu os descrevia, com tremores na pena, como inocentes que escaparam aos matadores e dedicaram todo o tempo a sustentar, com bela nobreza de alma, a viúva e o órfão...

Logo compreendi que o melhor meio de não reeditar um equívoco tão grave seria respeitar os testemunhos colhidos durante nossa residência, ligando-os ao contexto histórico ruandês. Tratava-se não de escrever um livro sobre um genocídio “africano” – palavra aliás demasiado vaga para apresentar, eu começava a perceber, o menor interesse – mas, muito concretamente, um livro sobre o genocídio dos tútsis de Ruanda.

Devo acrescentar que, apesar dessa preocupação de precisão histórica, *Murambi, o livro das ossadas* continua sendo um romance na medida em que nele se percebem o tumulto de uma história trágica e, por meio de diversas trajetórias individuais, a subjetividade de um autor. Se algum dia Ruanda fora o lugar aprazível e luminoso em que o deus Imana vinha descansar depois de cada pôr do sol, em 1998 tinha deixado de ser havia muito tempo: a morte continuava a rondar por toda parte, o cheiro dos corpos em decomposição estava sempre preso à garganta e os sobreviventes ainda não tinham emergido de seu longo espanto. O fato de ser a cada instante um pouco mais empurrado para as trevas faz passar a vontade de manter um diário de viagem. Tomar notas à beira de uma vala comum, isso não se faz. Eu continuava querendo ser fiel ao que meus interlocutores tinham vivido, mas já não pretendia a neutralidade do homem de ciência. Já não era questão de coletar fatos friamente, mas de ouvir relatos de vidas destruídas e de se fazer seu eco fiel.

Todavia, foi mais difícil pensar nesse generoso “estaleiro de

escrita” do que realizá-lo, e precisei de semanas para saber exatamente o que fazer com o que eu ouvia e via. Mesmo a opção pela forma de romance, que sempre me parecera tão natural, logo de início não se impôs a mim. Hesitei, por exemplo, entre uma diatribe vingativa sobre os descaminhos da ONU em Ruanda e uma peça de teatro, de que, de resto, subsistem traços no texto final. Aqueles com quem falávamos estavam corroídos por sofrimentos tão terríveis que eles mesmos se tornavam fora das normas, e suas histórias eram tão excepcionais que a cada dia a ação do romance se tramava em torno de uma intriga diferente da prevista no dia anterior. Lembro-me, por exemplo, de ter ouvido, na companhia de Monique Ilboudo, o relato da dolorida paixão amorosa entre uma jovem e seu salvador, um soldado que ficara meio louco. Pensei durante certo tempo em fazer dessa história, perfeita prefiguração de Ruanda pós-genocídio, o tema de meu livro. Finalmente ela foi contada em *Murekatete*^[11] apenas por Monique. Foi também na companhia dela que assisti ao interrogatório de um genocida num quartel da *gendarmérie*. O homem, que não negava nada, refugiava-se por trás do habitual “Agi por ordem do burgomestre”. Ele perdera as duas orelhas no decurso de uma prisão movimentada, e isso o tornara tão grotesco e deplorável quanto insuportável. Por que, disse a mim mesmo, não conectar o destino desse pobre-diabo ao de Bagosora, de Nahimana ou de um desses “cérebros” do genocídio deportados de Ruanda pela Operação Turquesa? Também renunciei a esse projeto. O acaso, contudo, continuava a gratificar todos os dias, com uma discreta piscadela, o texto que estava por vir. Eis um exemplo entre muitos outros: num domingo de manhã, estamos assistindo a uma cerimônia de exumação de restos mortais de vítimas na colina de Nyanza. Estamos perdidos na multidão que vai e vem. Duas mulheres passam perto de mim e ouço uma delas dizer à companheira: “Foi aqui que nosso Cornelius ficou”. Eu ainda não sabia que romance ia escrever, mas na mesma hora pensei que, acontecesse o que fosse, seu personagem principal se chamaria Cornelius. Todavia, foi por ocasião de um encontro do nosso grupo com a associação de sobreviventes Pro-Femmes/Tweae Hamwe que fiquei mais vivamente impressionado. Naquele dia, uma das sobreviventes explicou com calma por que sua raiva permaneceu intata: “A partir de 1959”, ela declara, “cada vez que houve um massacre, o mesmo homem, um vizinho nosso, dirigiu-se diretamente à nossa casa com seus filhos para matar todos os que se encontravam nela. Em 1994, eles voltaram e fui a única que escapou deles, não me resta mais nenhum parente no mundo. O homem foi para a prisão

depois do genocídio, então o governo o libertou pelo fato de ser idoso. Todas as manhãs, quando vou para o trabalho, vejo-o sentado à porta de sua casa e ele me segue com os olhos até eu desaparecer na esquina”. Quando a moça terminou o que dizia, sua voz continuou parecendo serena, mas sentia-se que essa lembrança acabava de lhe despertar brutalmente no coração uma raiva surda e até ódio, e ela lançou, destacando bem as palavras, o olhar um pouco desvairado, o dedo apontado para o próprio peito: “E querem que eu perdoe, *eu...*?”. Essa pergunta, aliás, ela parecia fazer mais para si mesma do que para a plateia. Era o relato ideal, confrontando de um massacre a outro carrascos e vítimas que eram, além do mais, vizinhos de longa data. Se ele inspirou apenas um capítulo do meu livro – o encontro entre Faustin Gasana e seu pai – foi porque muitas outras histórias também tinham suscitado meu interesse e eu fazia questão de integrar todas elas, de um modo ou de outro, a *Murambi, o livro das ossadas*. A estrutura fragmentada do romance se explica, aliás, por esse desejo de mostrar ou sentir uma miríade de destinos individuais durante o genocídio. Partindo para Ruanda “por dever de memória”, não quis abandonar ninguém à beira da estrada. Eu descobrira, de passagem, o que me pareceu fundamental: se um genocídio tão dramático quanto o dos tútsis de Ruanda implica massas uivantes de homens e mulheres apanhados na armadilha de um pânico coletivo inominável, cada um ouve, nessa imensa barafunda, apenas os batimentos de seu coração, numa súbita e assustadora proximidade de sua própria morte. Era preciso contar também a solidão dos seres entregues a si mesmos, às vezes bem mais terrível, observando-se mais de perto, do que a sangrenta balbúrdia ao redor. Se acabei por escolher a história que acabamos de ler, é porque devo a Ruanda outra lição, igualmente essencial: o crime de genocídio é cometido pelos pais, mas é expiado pelos filhos...

Certamente fomos expostos às mesmas tentações romanescas – conforme atesta a presença, na maioria de nossos textos, de Theresa Mukandori, a supliciada de Nyamata, aliás uma das figuras centrais de *La Phalène des collines*, de Koulsy Lamko^[12] –, mas o objetivo da operação não era, felizmente, a redação de uma obra coletiva. Com certeza, jamais teríamos conseguido escrever a primeira linha de tal obra, pois a criação de um romance é tudo menos um trabalho de equipe. Tanto não o é que logo cada um de nós traçou espontaneamente seus itinerários pessoais em Kigali. Aliás, chamávamos esse momento, de acordo com os organizadores, de “nossas praias individuais”, e muito depressa elas substituíram

inteiramente as atividades em grupo.

Foi ao me deslocar sozinho que cruzei no caminho com dois seres excepcionais, Jeanne K. e o velho Apollinaire. *Murambi*, o livro das ossadas deve muito mais a nossas longas horas de conversa, numa casa quase deserta – de Kimihurura, se não me falha a memória – do que à leitura dos trabalhos de pesquisa ou aos documentários postos à nossa disposição. Jeanne e Apollinaire serviram-me de modelos para os personagens Jessica e Siméon, e a eles agradeço por me fazerem entrever aquele pequeno brilho de esperança sem o qual parece que nenhum romance pode ser escrito.

Vivida de maneira diferente, a experiência ruandesa naturalmente nos marcou de maneira diferente. O caso mais notável foi o de Koulsy Lamko. Embora fosse supostamente permanecer em Ruanda, como todos nós, de julho a setembro de 1998, ele lá ficou até 2002. O autor chadiano não sabia, de início, nem quanto tempo viveria em Ruanda nem exatamente o que faria lá. Nem sequer sabia que seria levado a tomar uma decisão que traria tantas consequências para ele. Simplesmente, depois de oito semanas disse a si mesmo: “Não posso ter vindo a este país, ter visto toda esta abominação, depois escrever um livro e voltar a meus afazeres como se nada tivesse acontecido”. Apesar do apoio moral e institucional de amigos ruandeses, como o dr. Émile Rwamasirabo, na época reitor da Universidade Nacional de Ruanda em Butare, e sua esposa, Alice Karekezi, jurista e militante, esses quatro anos nem sempre foram fáceis. Koulsy Lamko dedicou-os a fazer desabrochar da melhor maneira possível o potencial de criatividade dos jovens de Butare, especialmente na área do teatro, que é, por outro lado, sua especialidade acadêmica. Desse prolongamento inesperado de “Ruanda: escrever por dever de memória” nasceu, em setembro de 1999, o Centro Universitário das Artes, oficialmente integrado, a partir de 2001, ao curso dos estudantes de letras de Butare. Certamente não foi por acaso que o professor Jean-Marie Kayishema aceitou assumir sua direção. Universitário e dramaturgo, Kayishema está na verdade entre aqueles que veem no déficit de representação simbólica da sociedade ruandesa – brutalmente privada de suas referências espirituais por uma evangelização do tipo fundamentalista – uma das causas profundas do genocídio. A partir dessa constatação, muitas atividades artísticas se desenvolveram ao longo dos anos no seio do Centro Universitário das Artes. Um grupo de cerca de vinte tocadoras de tambor – o número pode chegar a uma centena em determinadas ocasiões – denominado Ingoma Nshiya surgiu assim graças a essa estrutura. Trata-se nesse

caso, diga-se de passagem, de uma ruptura importante com a ordem antiga, uma vez que na Ruanda de outros tempos só os homens tinham direito de tocar tambor...

Não é só isso, pois do México, onde ele vive há alguns anos, Koulsy Lamko coordenou – com Palmira Telésforo Cruz e comigo – uma obra coletiva dedicada à nossa residência de 1998. Publicada em janeiro de 2010 sob o título *Genocídio de los Tutsis de Ruanda: la memoria en camino*[13], ela é a única disponível sobre esse tema em língua espanhola. Não há nenhuma dúvida quanto à sua utilidade e à sua urgência, uma vez que os povos da América do Sul e da África, igualmente afetados por uma conquista bárbara, perderam o hábito de se falar, sobretudo desde o fim da Guerra Fria. Dois outros autores do nosso grupo – Abdou Abdourahmane Waberi e Véronique Tadjó – contribuíram para a obra. Mais uma prova, se necessário fosse, da quase impossibilidade de sair ileso da experiência ruandesa.

Em suma, à lancinante questão da legitimidade de uma ficcionalização do genocídio – pergunta que as autoridades de Kigali foram as primeiras a nos fazer, embora de maneira oblíqua –, Koulsy Lamko deu uma resposta bem dele: “Sim, pode-se escrever um romance sobre o genocídio dos tútsis, sob a condição de não se limitar a isso”.

As obras de Josias Semujanga, Yolande Mukagasana e Benjamin Sehene, entre outras, ajudaram-me a compreender melhor o drama ruandês enquanto eu escrevia a minha. Dito isso, os residentes de Nyamirambo estiveram entre os primeiros não ruandeses a trabalhar sobre o genocídio dos tútsis. Na época, de fato, o cinema, o teatro, a coreografia, as artes plásticas e a literatura não o tinham tornado ainda um de seus temas prediletos.

A situação, todavia, mudou bastante desde o dia em que nos instalamos no La Mise.

Milhões de pessoas viram, assim, *Abril sangrento*[14], *Hotel Ruanda*[15] e os muitos documentários e filmes de ficção dedicados ao genocídio dos tútsis; *Rwanda 94*, do Groupov[16], é um espetáculo particularmente ambicioso e bem-sucedido, e são incontáveis as peças de teatro inspiradas por esse tema; os artistas Bruce Clarke e Kofi Setordji focaram-se nos Cem Dias de Ruanda, e *Fagaala*, dos coreógrafos Germaine Acogny e Kota Yamazaki, é uma adaptação de *Murambi*, o livro das ossadas. Depois de terem feito a cobertura da tragédia, jornalistas como Philip Gourevitch, Jean-François Dupaquier, Patrick de Saint-Exupéry e Colette Braeckman voltaram a ela em obras que completam admiravelmente as dos historiadores profissionais.

Mas o essencial do trabalho foi e continua sendo feito pelos próprios ruandeses, que muitas vezes só puderam tomar a palavra depois de um período de luto mais ou menos longo. É o caso de Annick Kayitesi, Révérien Rurangwa, Scholastique Mukasonga e Esther Mujawayo.

Basta compararmos as primeiras celebrações do aniversário do genocídio com as de hoje para nos darmos conta de que há agora um conhecimento bem melhor de seus mecanismos e infinitamente mais compaixão pelas vítimas. Essa rica produção científica e literária tem muito a ver com isso. Mais estarrecidos ficamos com a ausência quase total dos intelectuais africanos em todas as bibliografias relativas ao genocídio. Essa situação certamente pode ser explicada em parte pela dificuldade de se fazer publicar tanto no continente como fora dele. Mas esse silêncio estende-se a todos os conflitos, e é raro que num país africano os jornalistas e os pesquisadores sintam-se obrigados a ajudar seus concidadãos a saber *exatamente* o que aconteceu num dado momento num lugar específico. Quantos de nós, por exemplo, mesmo entre os mais educados, são capazes de dizer, mesmo que sumariamente, quais foram as forças que se enfrentaram na guerra da Libéria, do Congo-Brazzaville e de Serra Leoa? Na Monróvia e em Freetown, senhores da guerra mandaram cortar mãos e cabeças, um dia a paz voltou e pronto... Também em Ruanda, políticos de inteligência limitada disseram a seus partidários: “Peguem seus facões, vão às colinas, percorram as ruas das cidades e matem todos os nossos inimigos, matem até o último, mas cuidem para que eles sofram mil mortes antes de morrer!”, e, com exceção dos sobreviventes e de alguns raros autores dos países vizinhos de Ruanda, toda informação disponível – às vezes preciosa, com frequência tendenciosa – provém de pesquisadores, ativistas políticos, humanitários e jornalistas ocidentais. É uma grave anomalia, e o mérito de “Ruanda: escrever por dever de memória” foi o de fazer ouvir, muito longe da região dos Grandes Lagos, algumas vozes africanas.

Cada palestra em torno de *Murambi, o livro das ossadas* me deu oportunidade de verificar até que ponto toda empreitada de extermínio repercute outras experiências históricas, *a priori* sem ligação especial com ela. No meu caso, o genocídio dos tútsis remetia a um certo passado colonial. Focalizei então, naturalmente, o papel da França em Ruanda, e *Nérophobie*, escrito em coautoria com Odile Tobner e François-Xavier Verschave[17], é a sequência lógica da aventura ruandesa. A obra nasceu da constatação de que o racismo comum, fermento da política colonial da França, continua, meio século depois das “Independências”, no centro de sua política africana.

A situação, sem dúvida, é até mais grave do que se pensa, pois os exemplos de Madagascar, da região bamileque ou da Argélia bem mostram que a França cometeu mais massacres para não deixar a África do que para conquistá-la. E, na época da Guerra Fria, sempre que pôde descolonizar sem conceder a liberdade, ela o fez, especialmente mandando seus lacaios à frente do novo Estado e mantendo-os assim, a cada levante popular, por meio de uma intervenção armada. O mais surpreendente é que tais manobras nunca a impediram de se apresentar como “a pátria dos direitos humanos”. Terá pelo menos sentido algum constrangimento? Nem isso. Num documentário recente[18], Jacques Foccart[19] e alguns homens-chave de suas redes oferecem à leitura do grande público, com toda a serenidade, os mecanismos da Françafrique[20]. No entardecer de sua vida, esses antigos altos funcionários, com um sorriso nos lábios e um copo de conhaque na mão, voltam a falar de cinquenta anos de patifarias. Sim, Moumié[21] não era mau no começo, depois se meteu a esperto, então mandei um falso jornalista envenená-lo em Genebra. A Guiné? Despejei bilhões de notas falsas para desestabilizar Sékou Touré[22] e, sem querer me gabar, a operação foi um sucesso estrondoso. Tudo passa: os golpes de Estado primorosos, as intervenções militares de todo tipo e a pilhagem pela Elf[23] dos recursos petrolíferos do Gabão e do Congo para garantir, segundo a elevada visão gaulliana, a independência da França em relação às duas grandes potências da época. O Gabão e o Congo garantes da independência da França: não é lindo isso, afinal? Os herdeiros das Luzes que ouvimos nesse filme têm tão pouco remorso que é difícil acreditar que estejam contando a destruição, sistemática e muito onerosa em vidas humanas, de países pobres.

Entretanto, eles não dizem nada que os franceses já não tenham lido ou ouvido. De fato, se confessaram tão facilmente, é porque sabem que suas supostas ações secretas são de fato, há muito tempo, segredo de polichinelo. E, se não temem ser olhados de través por seus vizinhos, é devido aos preconceitos persistentes do francês médio em relação à África. Seja o que for que tenham feito de mau a esse continente, na verdade isso não importa.

Essa certeza de que sempre é possível permitir-se tudo junto a seus devedores do domínio africano fez a França perder terreno em Ruanda.

Por ter se comportado lá como teria feito no Chade ou em Camarões, ela precisa administrar hoje uma infamante acusação de cumplicidade com o Hutu Power. A frase de Mitterrand (“Naquele

país, um genocídio não é muito importante.”) baseia-se numa ideia antiquada como a Françafrique, ou seja, que a má reputação da África sempre permitirá, em caso de necessidade, jogar com os reflexos negrofóbicos da opinião pública. Jean d’Ormesson, portanto, tinha consciência de que não corria nenhum risco ao insultar, em *Le Figaro*, as vítimas de um genocídio em que, depois de uma breve permanência em Ruanda em junho de 1994, ele viu apenas “massacres grandiosos em paisagens sublimes”.^[24] “Genocídio sem importância”? “Massacres grandiosos”? Nem sei como se faz, nos dias de hoje, para proferir afirmações tão repugnantes.

Mas a memória de um genocídio é uma memória paradoxal: quanto mais o tempo passa, menos se esquece, e, já em abril de 1998, Jacques Julliard advertia em sua crônica do *Nouvel Observateur*: “[...] Um dia se colocará, não tenhamos dúvida, a questão da responsabilidade da França, sendo François Mitterrand presidente da República, pelo genocídio dos tútsis de Ruanda em 1994. A França não cometeu o crime, mas armou o braço de futuros matadores que não escondiam suas intenções”. Esse julgamento certamente continua esperando ser instruído, mas, embora François Mitterrand continue passando por grande amante do gênero humano, as mentalidades evoluíram sensivelmente na França no que diz respeito a Ruanda desde o tempo em que, quase sozinhos contra todos, Mehdi Bâ, Patrick de Saint-Exupéry e François-Xavier Verschave indignavam-se com o apoio de Paris aos matadores de Kigali. Os trabalhos das comissões de inquérito e os dos historiadores, assim como as audiências do Tribunal Penal Internacional, favoreceram essa mudança, tornando disponíveis todas as informações necessárias. Graças a essa abundante documentação analisada pelos especialistas, o debate sobre a cumplicidade de genocídio do Estado francês deslocou-se do terreno da pura especulação para o dos *atos*. Sem ter previsto, Paris viu-se obrigada a renunciar a seu sistema de defesa habitual. Da noite para o dia, deixou de ser possível bancar os falsos ingênuos – a exemplo de Mitterrand alardeando em Biarritz: “O que pode fazer a França quando os chefes africanos decidem acertar seus problemas à base do facão?”. As acusações tornaram-se tão precisas que é obrigatório responder a elas *ponto por ponto*. Assim, foi preciso explicar, entre outras, a entrega de armas, violando o embargo da ONU, ao governo ruandês no exato momento em que o país estava coberto de centenas de milhares de cadáveres; houve curiosos que também quiseram saber por que o próprio governo genocida foi constituído no início de abril de 1994 nas instalações da embaixada da França em Kigali, sob a supervisão do

dono da casa, Jean-Michel Marlaud. O treinamento de milícias de matadores pelo Exército francês também suscitou legítimas indagações.

As respostas de Paris a esses agravos não convenceram ninguém e, mesmo que no fundo isso não mude nada para eles, os cidadãos franceses sabem doravante que seu país foi um ator importante do último genocídio do século XX. Isso não é pouca coisa. Um genocídio é o crime absoluto, e é mais do que desonroso estar associado aos que planejaram e executaram o extermínio dos tútsis de Ruanda.

Decerto, é por essa razão que tantos universitários e homens políticos franceses viram-se na linha de frente para negar de mil e uma maneiras esse genocídio. Onde há fumaça há fogo, e essa sanha contra um pequeno país em que a França só lançou raízes em 1973 fala por si só. De resto, não se deve esquecer que uma das particularidades do genocídio dos tútsis é que ele foi objeto de uma espécie de negação universal no exato momento em que estava se perpetrando. Alguns laboratórios “especializados” próximos do Elysée[25], aliás, não esperaram seu fim para incitar as mídias a apresentar Paul Kagamé[26] como o chefe dos “khmers negros”. Esse audacioso lance de pôquer semântico fracassou, mas nem por isso se renunciou a demonizar o presidente ruandês. Isso se faz tanto por omissão como por calúnia. É assim que os desempenhos econômicos de Ruanda, que Waberi[27] acaba de lembrar num número especial do *Courrier International*, passam sistematicamente em silêncio. Eles testemunham sobretudo a capacidade de resiliência de um país com suficiente autoconfiança para abolir a pena de morte em 25 de julho de 2007. Disso também pouco se falou. No entanto, uma medida como essa, importante em toda parte, tem uma carga simbólica particularmente forte em Ruanda...

Sendo impossível, contudo, imputar a Kagamé a carnificina orquestrada pelo Hutu Power, ele foi acusado de ter, de algum modo, provocado Bagosora[28] e companhia atentando contra a vida de Juvénal Habyarimana... O juiz Bruguière[29] participou com seu mandado de prisão internacional contra Kagamé e seus próximos. Acreditava-se que o juiz estivesse a serviço da justiça: pois bem, ele estava simplesmente a serviço de seu país. WikiLeaks, na verdade, acaba de nos informar que o tal mandado de prisão foi arquitetado em perfeito entendimento com o Élysée da época de Chirac[30]... De todo modo, o caso se esvaziara bem antes das revelações, uma vez que todas as testemunhas fabricadas por Bruguière desistiram, uma após a outra, conforme divulgaram os jornais *Libération* e *Le Monde* no final

de 2006. O objetivo de intimidar Kagamé e de mantê-lo em “prisão domiciliar” em seu próprio país não foi atingido, uma vez que ele nunca viajou tanto como nos últimos meses. Finalmente, Nicolas Sarkozy^[31] foi pessoalmente a Kigali, em 25 de fevereiro de 2010. Para além das desculpas que ele formulou da boca para fora, essa breve estada de um chefe de Estado francês em solo ruandês era, por si só, o fim do dossiê Bruguière. Afinal, não dá para se comprometer com um presidente pária, sobretudo depois que ele rompeu relações diplomáticas com o país e, durante anos, multiplicou gestos de desafio.

O relatório da ONU sobre o Congo também não conseguiu dar à teoria do duplo genocídio o novo fôlego esperado por alguns. Para isso, seria preciso que seus autores respondessem a uma questão muito simples, que eles se limitam a levantar de passagem: por que a FPR se deu tanto trabalho em repatriar os refugiados hútus do Congo para Ruanda, de que hoje eles constituem a maioria da população? Conforme destacaram muitos observadores, não é assim que nos comportamos com quem queremos exterminar.

Afinal, pouco importa que se goste ou não de Kagamé. É do genocídio dos tútsis que estamos falando e foi a FPR que deu fim a ele. E seria absurdo esperar que o povo ruandês o esquecesse da noite para o dia, sob pretexto de que está na hora de virar a página. Conta-se que no seu encontro a dois, à margem de uma reunião de cúpula em Lisboa, Sarkozy advertiu Kagamé de que ele não poderia tolerar, “pela honra da França”, a acusação de cumplicidade de genocídio. O líder ruandês teria respondido num tom muito firme: “Senhor presidente, o senhor conhece um país sem honra?”. Essa conversa não só indica de que lado está a superioridade moral, é também um sinal dos tempos. Para a França, que nunca precisou negar nada a propósito de sua política africana, a necessidade de ativar suas reservas intelectuais ocultas para elaborar um discurso negacionista é, em si, uma humilhação.

É difícil dizer que destino o futuro vai reservar para o projeto de Kagamé para Ruanda, mas seria errado subestimar seu desprezo e o de um número crescente de dirigentes africanos pelos eternos dadores de lições. A Europa não impressiona mais ninguém e, na verdade, doravante em nenhum lugar do mundo sua hegemonia é óbvia. Ela já não tem acesso quase ilimitado aos recursos das nações da América do Sul e da Ásia, e, se a África continua sendo seu último reservatório de matérias-primas – o amparo de sua velhice, por assim dizer –, tudo leva a crer que a situação poderia mudar mais rapidamente do que se

imagina.

Eu não pensava em nada de tudo isso ao embarcar há treze anos num voo da Ethiopian Airlines para Kigali. Fui a Ruanda para escrever um romance, mas a história me pegou. A irrupção de vários autores num mesmo país para projetar suas fábulas, durante dois meses, sobre seu corpo massacrado não é apenas uma experiência literária sem precedentes, foi também a passagem ao ato com que todo artista sonha secretamente. De fato, embora muitas vezes desprezem os políticos, os criadores invejam sua energia e sua capacidade de influir diretamente na existência de seus semelhantes. A oportunidade de uma adesão tão intensa à realidade nunca nos fora oferecida antes de “Ruanda: escrever por dever de memória”, e apreciamos muito poder finalmente fazer, no sentido próprio, *obra útil*.

Mais tarde veio a nostalgia, é claro.

Por ocasião do décimo aniversário do Centro Universitário das Artes, em fevereiro de 2010, Koulsy Lamko e eu resolvemos voltar ao La Mise Hôtel. Koulsy tinha de me entrevistar para *Feeding Roots*, o documentário sobre Ruanda que ele estava filmando na época, e, para essa gravação, nenhum lugar poderia ser mais indicado do que nossa antiga “base” de Kigali. Só que lá não encontramos Speciose, a gerente de olhos vivos e risinhos, atrás do balcão. Na verdade, já nem havia balcão, pois o hotel de Nyamirambo simplesmente não existe mais. Nossos quartos do primeiro andar tornaram-se escritórios e o bar-restaurant do térreo, um salão de cabeleireiro. A proprietária, uma congoleza de Kinshasa, gentilmente nos deixou fazer imagens, mas aquele Mise Hôtel certamente já não era o nosso. Quase havia motivo para que nos sentíssemos traídos. Mas seríamos ainda os mesmos, Koulsy e eu? Certamente não. Nossa estada naquele lugar, uma década antes, fizera de nós dois os melhores amigos da Terra, mas também, de cada um de nós, um ser completamente diferente. Surpreendi-me naquele dia pensando que, se inventássemos de refazer a operação “Ruanda: escrever por dever de memória”, nossos livros decerto nada teriam a ver com os que foram publicados como resultado da residência de 1998. Suponho que ao meu faltaria o desejo, outrora tão forte, de fazer o leitor sentir o choque e o pavor da descoberta de um horror que desafia a imaginação, no sentido próprio e no figurado. A aventura, contudo, continua sendo insubstituível, não por razões literárias, mas porque os livros que resultaram dela contribuíram para fazer justiça, por pouco que seja, às vítimas do genocídio.

É para lembrar isso que fiz questão de acrescentar um posfácio a esta nova edição de *Murambi, o livro das ossadas*. Também quis, dessa

maneira, continuar dialogando com leitores que ainda me escrevem, onze anos depois da publicação do romance. Uma dessas cartas, recebida em novembro passado, de Giusy M., uma universitária romana, mostra que dessa vez pelo menos não escrevemos em vão: “Durante anos”, ela confessa, “sofri enormemente pelo que aconteceu em Ruanda sem jamais conseguir sentir o que quer que fosse em comum com seus atores, tanto carrascos como vítimas. Para mim, tudo acontecia num mundo longínquo e desconhecido, num mundo que me era totalmente alheio. Graças às obras de ficção sobre o genocídio, esses ruandeses tornaram-se para mim, aos poucos, tão familiares quanto meus vizinhos de andar, e hoje sei que nada, absolutamente nada me diferencia deles. Sou eles e eles são eu, nada mais”.

Certamente resta muito a caminhar para que todos avaliem a tragédia de 1994, mas, quando uma leitora, longe de Ruanda, reumaniza assim as vítimas identificando-se com elas, é possível falar de uma tranquilizadora vitória contra os matadores. O dever de memória é antes de tudo uma maneira de opor um projeto de vida ao projeto de aniquilamento dos genocidas, e o romancista tem o que dizer a respeito. Todavia, de nada adianta atribuir-lhe a ambição de mover montanhas apenas com suas quimeras. Na verdade, ele é mais modesto: saber que só fez “um pouco de bem” muitas vezes é suficiente para sua felicidade.

*Boubacar Boris Diop,
fevereiro de 2011.*

Agradecimentos

Este romance nasceu graças à iniciativa tomada pelo Fest’Africa, organizada por Maïmouna Coulibaly e Nocky Djedanoum, de envolver uma dezena de escritores africanos na reflexão sobre o genocídio de 1994 em Ruanda. Produzida pelo governo ruandês e pela Fondation de France no âmbito de seu programa, ela permitiu aos autores permanecer no país durante dois meses.

Na fase de elaboração do texto, a Pro Helvetia, fundação suíça pela cultura, me foi de grande ajuda concedendo-me uma residência de escrita de seis meses na Argóvia e no Ticino.

Meus agradecimentos sinceros a todos.

As inúmeras obras e documentos disponíveis sobre o tema ajudaram-me a melhor circunscrever os depoimentos das vítimas e, às vezes, dos carrascos.

Minha gratidão vai também para os autores desses textos, mas muito particularmente para os ruandeses de todas as condições que aceitaram me falar das coisas medonhas que viram e viveram. Muitos deles tiveram pela primeira vez a força de fazê-lo.

Espero não ter traído seus sofrimentos.

Sobre o autor

Romancista, ensaísta e professor universitário, **BOUBACAR BORIS DIOP** nasceu em Dakar, Senegal, em 1946. Começou sua carreira como jornalista e publicou seu primeiro romance, *Le Temps de Tamango*, em 1981. Em 1998, junto a dez outros escritores africanos, participou da residência de autores “Ruanda: escrever por dever de memória”. Nascido dessa experiência, *Murambi, o livro das ossadas*, foi lançado em 2000 e teve uma segunda edição, ampliada, em 2011. Em 2000, Boubacar Boris Diop recebeu o Grande Prêmio Literário da África Negra pelo conjunto de sua obra. Este é seu primeiro livro lançado no Brasil.

Notas

[1] Força policial paramilitar, na época ligada às Forças Armadas Ruandesas. [Todas as notas são desta edição.]

[2] Prefeitos são as autoridades executivas das cidades, enquanto os burgomestres são as autoridades executivas das províncias.

[3] Frente Patriótica de Ruanda (grupo rebelde criado por exilados tútsis).

[4] Partido do Movimento da Emancipação Hútu/Movimento Democrático Republicano.

[5] Género musical dançante de origem cubana.

[6] Maneira depreciativa de se referir a tudo o que é da Inglaterra e dos Estados Unidos, respectivamente.

[7] Título honorífico dado à autoridade máxima de Ruanda, rei.

[8] Tradução livre do original: “*Ah! Imana tu m’étonnes/ Dis-moi ce qui t’a mis dans cette colère, Imana!/ Tu as laissé tout ce sang se déverser sur les collines/ Où tu venais te reposer le soir/ Où passes-tu tes nuits à présent?/ Ah! Imana tu m’étonnes!/ Dis-moi donc ce que je t’ai fait/ Je ne comprends pas ta colère!*”.

Posfácio

[1] Publicado na segunda edição do livro (2011).

[2] Criadores do Fest’Africa, festival de literatura e artes da África e da diáspora negra criado em 1992 em Lille (França).

[3] Ideologia supremacista surgida no início dos anos 1990 que agrupou extremistas hútus e participou da criação e fortalecimento das milícias antitútsis.

[4] Figura alegórica criada a partir de um nome comum no Senegal para designar um dito popular.

[5] *Perpétue et l’habitude du malheur* (Paris: Buchet/Chastel, 1989).

[6] Último livro de Frantz Fanon, publicado na França em 1961. (Ed. brasileira: Juiz de Fora: UFFJ, 2005).

[7] Paris: Robert Laffont, 1999.

[8] Paris: Philippe Rey, 2010.

[9] Birago Diop (1906-1989), poeta e contista senegalês.

[10] Aimé Césaire (1913-2008), intelectual e político da Martinica, um dos ideólogos do conceito de negritude.

[11] Bamako: Le Figuier, 2000.

[12] Paris: Serpent à Plumes, 2002.

[13] Cidade do México: Casa Hankili R. África, 2010.

[14] *Sometimes in April* (EUA, 2005, dir. Raoul Peck).

[15] *Hotel Rwanda* (Itália, Reino Unido e África do Sul, 2004, dir. Terry George).

[16] Coletivo de artistas de diferentes áreas e nacionalidades, fundado em 1980,

com sede em Liège, na Bélgica.

[17] Paris: Les Arènes, 2005.

[18] *Françafrique*, de Patrick Benquet, 2010.

[19] Jacques Foccart (1913-1997), empresário e político gaullista, foi secretário-geral da presidência da República para Assuntos Africanos e Malgaxes de 1960 a 1974.

[20] Termo (de uso frequentemente pejorativo) que designa as relações entre a França e a África, sobretudo a política francesa em relação a suas ex-colônias no continente depois da independência delas, na década de 1960.

[21] Félix-Roland Moumié (1925-1960), um dos principais líderes na luta pela independência de Camarões. Foi assassinado em Genebra.

[22] Ahmed Sékou Touré (1922-1984) foi um político que lutou pela independência da Guiné e se tornou seu primeiro presidente da República, de 1958 até sua morte, em 1984.

[23] Companhia de petróleo francesa, estatal até 1996, quando foi privatizada.

[24] Jean d'Ormesson (1925-2017), escritor francês, esteve em Ruanda em julho de 1994 e escreveu três artigos para o jornal francês. O trecho citado está no texto "*J'ai vu le malheur en marche*" (*Le Figaro*, 19 de julho de 1994).

[25] Gabinete e residência oficial do presidente francês.

[26] Presidente de Ruanda desde 2000.

[27] Abdourahman A. Waberi, escritor nascido em 1965 no Djibouti.

[28] Théoneste Bagosora, principal comandante militar de Ruanda durante o genocídio de 1994. Em 2008, foi condenado à prisão pelo Tribunal Criminal Internacional para Ruanda, criado pela ONU em 1994 na Tanzânia.

[29] Jean-Louis Bruguière, juiz francês encarregado do inquérito sobre o atentado contra o avião do presidente Juvénal Habyarimana de 6 de abril de 1994. Em 2006, Bruguière concluiu que a ordem para abater o avião presidencial partira de Paul Kagamé.

[30] Jacques Chirac (1932-2019), presidente da República da França entre 1995 e 2007.

[31] Nicolas Sarkozy, presidente da França entre 2007 e 2012.

copyright desta edição © Editora Carambaia, 2021

copyright © Éditions Zulma, 2011

Título original

Murambi, le livre des ossements [Paris, 2000, 2011]



AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL

Liberté
Égalité
Fraternité

INSTITUT
FRANÇAIS

Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d'aides à la publication de l'Institut Français et du Programme d'Aide à la Publication année 2021 Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.

Esta obra contou com o apoio dos Programas de Ajuda à Publicação do Institut Français e do Programa de Apoio à Publicação Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, do Ministério da Europa e das Relações Exteriores da França, em 2021.

Edição de texto

Ana Lima Cecilio

Revisão

Ricardo Jensen de Oliveira

Juliana Rodrigues

Tamara Sender

Capa

Estúdio Daó

A partir do projeto gráfico do Selo Ilimitada de

Bloco Gráfico

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D624m

Diop, Boubacar Boris, 1946-

Murambi, o livro das ossadas [recurso eletrônico] / Boubacar Boris Diop; tradução Monica Stahel.

1. ed.

São Paulo: Carambaia, 2021

recurso digital; 20 MB

Tradução de: *Murambi, le livre des ossements*

Formato: ebook

Modo de acesso: world wide web

Posfácio do autor

ISBN 978-65-86398-25-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção senegalesa. 2. Livros eletrônicos. I. Stahel, Monica. II. Título.

21-69555 / CDD 843.914 / CDU 82-3(663)

Leandra Felix da Cruz Candido

Biblioteca — CRB-7/6135

Editorial

Fabiano Curi (diretor editorial)

Graziella Beting (editora-chefe)

Laura Lotufo (editora de arte)

Kaio Cassio (assistente editorial)

Karina Macedo (assistente de coordenação editorial)

Lilia Góes (produtora gráfica)

Comunicação e imprensa

Clara Dias

Administrativo e comercial

Lilian Périgo

Marcela Silveira

Fábio Igaki (site)

Expedição

Nelson Figueiredo

Atendimento ao cliente

Meire David



Editora Carambaia

Av. São Luís, 86, cj. 182

01046-000 São Paulo SP

contato@carambaia.com.br

www.carambaia.com.br

**Arquipélago
Gulag
Aleksandr
Soljenitsyn**

TRADUÇÃO
LUCAS SIMONE
COM
IRINEU FRANCO PERPETUO
FRANCISCO DE ARAÚJO
ODOMIRO FONSECA
RAFAEL BONAVINA

Arquipélago Gulag

Soljenítsyn, Aleksandr

9786586398052

704 páginas

[Compre agora e leia](#)

Clássico da literatura russa, obra do autor prêmio Nobel Aleksandr Soljenítsyn ganha nova tradução no Brasil, depois de décadas fora de catálogo. Marco da literatura de testemunho, *Arquipélago Gulag* denunciou os terrores do stalinismo nos campos de trabalhos forçados da antiga União Soviética mesclando relatos e reconstrução histórica à experiência do próprio autor, que passou oito anos como detento.

Arquipélago Gulag – Um experimento de investigação artística (1918-1956), obra-prima do russo Aleksandr Soljenítsyn (1918-2008), prêmio Nobel de Literatura, foi escrita clandestinamente entre 1958 e 1967. Para contar a história, construída a partir do testemunho de 227 sobreviventes dos campos do Gulag, na União Soviética, Soljenítsyn precisou montar uma verdadeira operação secreta. Passou duas temporadas em um sítio na Estônia, longe da vigilância soviética, onde escreveu a maior parte do texto. Com o manuscrito pronto, aquartelou-se em uma casa de campo próxima a Moscou, onde revisou, datilografou e microfilmou cada página em 1968. Uma cópia foi entregue a uma amiga francesa, que naquele mesmo ano contrabandeou o livro para fora da cortina de ferro.

A primeira edição de *Arquipélago Gulag* foi lançada em Paris no final de 1973, mesmo ano em que o manuscrito foi descoberto pela KGB. Poucas semanas depois do lançamento, o autor foi preso, acusado de "alta traição", teve a cidadania soviética retirada e foi obrigado a deixar a URSS. Isso não impediu para o livro fosse traduzido para dezenas de línguas, recebesse críticas positivas e vendesse milhões de cópias.

Esta edição da obra foi traduzida diretamente do russo a partir da última versão do livro — condensada, apesar de ter perto de 700 páginas. Esse trabalho foi realizado por Natália Soljenítsyn, a pedido do próprio autor, com o intuito de atrair novos leitores, já no final da

vida. Os três volumes originais foram reduzidos a um só, preservando a estrutura de capítulos da obra original. A capa foi desenhada por Mateus Valadares.

[Compre agora e leia](#)



senhores do orvalho

Senhores do orvalho

Roumain, Jacques

9786586398106

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um mergulho na paisagem e na cultura do Haiti em um dos romances mais importantes do país. *Senhores do orvalho* traz uma história de amor, de valorização da cultura negra haitiana e da ancestralidade, da luta contra a fome e a miséria, do combate contra todas as formas de opressão

Uma das obras fundadoras da literatura haitiana, *Senhores do orvalho*, de Jacques Roumain (1907-1944), é uma história de valorização da cultura negra do Haiti, de sua língua, sua paisagem, sua tradição e religião, o vodu. Mas é também uma história de amor e de luta, de discussão sobre tradição e modernidade, opressão e solidariedade.

O romance, traduzido em dezenas de línguas, tem como protagonista Manuel, que volta para seu povoado no Haiti depois de quinze anos vivendo em Cuba como cortador de cana. Ao retornar, a paisagem que encontra em Fonds-Rouge não é a mesma: após décadas de desmatamento, a terra está seca, as fontes de água desapareceram, e a população padece da miséria e da fome. Além disso, uma briga entre famílias locais criou uma rivalidade incontornável, e os moradores, que sempre trabalharam a terra coletivamente, com a tradicional *coubite*, estavam desunidos. É nesse contexto que Manuel surge como uma espécie de herói, para, entre a experiência adquirida com os trabalhadores cubanos e um mergulho nas tradições ancestrais, tentar unir sua gente e encontrar uma solução para a miséria.

Exemplar máximo do movimento artístico Indigenista, do qual Jacques Roumain foi um dos fundadores, o livro, que adota o francês crioulezado como linguagem, é emblemático ao ir além do programa estético indigenista. Roumain, nesta que é a sua obra-prima, usa a literatura não apenas para exaltar paisagem e cultura haitianas, valorizando suas raízes africanas, mas agrega a isso uma análise dessas práticas ancestrais e suas contradições. Na figura de Manuel, o romance discute a necessidade da adesão de sociedades como a

haitiana a uma forma de organização política e social que lute pela liberação contra a exploração colonial e capitalista.

O livro, que só tinha tido uma edição no Brasil em 1954, em uma coleção coordenada pelo escritor Jorge Amado, ganhou nova tradução, por Monica Stahel, e vem acompanhado de um posfácio escrito por Eurídice Figueiredo, professora da Universidade Federal Fluminense e especialista em literatura haitiana. O livro eletrônico se baseou no projeto gráfico da edição impressa, feito pela Casa 36, dos designers Camila Lisbôa e Fernando Iervolino.

[Compre agora e leia](#)



Lasca

Vladimir
Zazúbrin

TRADUÇÃO: IRINEU FRANCO PERPETUO

Lasca

Zazúbrin, Vladímir

9786586398267

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Romance de autor russo que permaneceu mais de setenta anos censurado guarda semelhança com distopias literárias de Kafka e antecipa temas tratados por Hannah Arendt.

Escrito em 1923 pelo russo Vladímir Zazúbrin (1895-1937), *Lasca* só veio a público em 1989, graças às reformas liberalizantes da glásnost de Mikhail Gorbatchov. Com isso, seu período de proibição tácita quase coincidiu com a existência oficial da União Soviética (1922-1991). Nada mais significativo, já que o romance, publicado agora pela primeira vez no Brasil, revela o aparato de terror e extermínio das forças de segurança soviéticas já nos primeiros anos após a Revolução Comunista de 1917. Com o recrudescimento do regime, o próprio Zazúbrin viria a ser fuzilado no auge da repressão stalinista.

A primeira cena do livro já deixa claro do que se trata: numa cidade da Sibéria, um caminhão espera para recolher pilhas de corpos de inimigos do regime, executados no interior de um prédio da Tcheká – a Comissão Extraordinária para Luta contra a Contrarrevolução e Sabotagem, antecessora da KGB. No interior, um militar estrangula outro, condenado sem julgamento. Ao lado, um padre balbucia uma oração.

Lasca descreve um breve período da vida de Andrei Srúbov, o burocrata-chefe da Tcheká provincial da Sibéria, que divide seu tempo entre um gabinete atulhado de papéis e um porão onde se praticam os rituais de fuzilamento. Ainda que mal remunerado, é seu dever zelar pelo funcionamento da máquina alimentada pelo sangue de homens e mulheres considerados pequenos-burgueses, espiões ou contrarrevolucionários, e mesmo bolcheviques caídos em desgraça.

Disciplinado e ambicioso, à frente de uma rede de informantes e

agentes secretos, Srúbov procura, e em geral consegue, não se deixar levar por sentimentalismo ou compaixão. A todo momento, encontra suas justificativas na existência de uma entidade acima do bem e do mal, um objetivo maior que ele chama apenas de Ela – a revolução. O burocrata diz para si: "E Ela não é uma ideia. Ela é um organismo vivo. Ela é uma grande mulher grávida. Ela é a mulher que acalenta seu bebê que está para nascer".

Mesmo se sentindo blindado pelo ódio, como admite numa conversa com seu pai, a quem "acusa" de se mover por ideologia, Srúbov não deixa de experimentar no corpo as consequências de seu ofício sangrento. Sem perceber, mergulha num abismo psicológico. Apesar de toda a dedicação, vê-se à deriva, como alguém agarrado a uma lasca que se desprende de uma jangada.

No século do terror totalitário, *Lasca* guarda semelhança com distopias literárias, em particular o conto *Na colônia penal*, de Kafka, e antecipa, em Srúbov, a figura do burocrata nazista e a banalidade do mal descritas por Hannah Arendt em *Eichmann em Jerusalém*. Em metáforas perfeitamente aplicáveis aos horrores das décadas seguintes, Zazúbrin descreve o prédio da Tcheká como uma máquina voraz ou um animal contorcido e feroz.

[Compre agora e leia](#)

J.M. COETZEE

MECA-
NISMOS
INTER-
NOS

TRADUÇÃO
SÉRGIO
FLAKSMAN

TEXTOS
SOBRE
LITERATURA

2000--2005

Mecanismos internos

Coetzee, J. M.

9786586398151

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Além de ser um dos principais romancistas vivos, premiado em 2003 com o Nobel, o sul-africano J. M. Coetzee é também autor de refinados ensaios. *Mecanismos internos – textos sobre literatura (2000-2005)* reúne 21 textos do romancista sobre outros escritores. Neles, quem fala é o professor de literatura e crítico literário, funções que o autor octogenário exerce desde muito jovem.

Os textos que compõem a edição foram publicados entre 2000 e 2005, alguns como introduções de livros e a maioria como resenhas na *New York Review of Books*. Dos autores analisados, todos começaram a produzir no século XX, com exceção de Walt Whitman. E sete, como Coetzee, foram premiados com o Nobel de Literatura: William Faulkner, Samuel Beckett, Saul Bellow, Gabriel García Márquez, Nadine Gordimer, Günter Grass e V. S. Naipaul. Também tem um peso importante a vivência dos totalitarismos da primeira metade do século XX, sobretudo nos autores de língua alemã, como Robert Musil e Walter Benjamin.

Os ensaios de Coetzee não são apresentações, tampouco homenagens. O empenho demonstrado em cada texto para iluminar as obras em questão nunca é menos que rigoroso. Coetzee compara traduções e biografias, passa em revista as referências intelectuais e leituras dos autores analisados, busca paralelos em outras obras e encontra influências insuspeitas.

Extremamente contido em suas aparições e declarações públicas, Coetzee não se esquiva de dar opiniões nos ensaios deste livro, criando um impressionante painel de conquistas e frustrações da literatura contemporânea ao testar limites, como ele próprio faz em sua obra mais recente.

A este volume segue-se outro, com novos textos de Coetzee sobre

outros autores, *Ensaaios recentes*, reunindo artigos escritos entre 2006 e 2017. Nesse segundo tomo, Coetzee retrocede a autores de épocas mais remotas, como Daniel Defoe, Nathaniel Hawthorne, J. W. Goethe, Gustave Flaubert e Liev Tolstói, e retorna a outros três: Walser, Beckett e Philip Roth, entre outros.

As capas dos dois volumes, baseadas em composições tipográficas, são de autoria do Estúdio Campo. Os livros saem pelo selo Ilimitada, cujo projeto gráfico é do Bloco Gráfico. A tradução é de Sergio Flaksman e os textos de apresentação são do jornalista Márcio Ferrari. Ambos os volumes trazem índices remissivos com a relação dos autores e obras citados.

[Compre agora e leia](#)

J.M. COETZEE

TRADUÇÃO
SERGIO
FLAKSMAN

EN-
SAIOS
RECEN-
TES

TEXTOS
SOBRE
LITERATURA

2006--2017

Ensaaios recentes

Coetzee, J. M.

9786586398168

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coletânea de ensaios reúne a produção crítica mais recente do premiado escritor sul-africano J. M. Coetzee. Com 23 textos, ela compõe um panorama crítico da literatura mundial, feito por um dos mais renomados autores contemporâneos. Da análise de obras célebres de autores europeus e russos à crítica detalhada de obras produzidas na Argentina, Austrália ou Namíbia, passando por escritores de períodos mais remotos.

Ao conceder o Nobel de Literatura a J. M. Coetzee, em 2003, a Academia Sueca elogiou "a composição habilidosa, os diálogos férteis e o brilho analítico" dos romances do escritor sul-africano. Esse rigor que o autor, que completou 80 anos em 2020, aplica a sua obra ficcional está presente nestes ensaios sobre literatura. Neles, o romancista e professor universitário recorre a dados biográficos, correspondências e parentescos literários como instrumentos de análise.

Lançado simultaneamente a *Mecanismos internos*, que contém artigos publicados entre os anos 2000 e 2005, *Ensaaios recentes* reúne sua produção crítica escrita entre 2006 e 2017. Nos 23 textos, destacam-se artigos iluminadores sobre obras que poderiam ser consideradas exauridas de tão célebres, como *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói, e *Os sofrimentos do jovem Werther*, de J. W. Goethe, ou a obra de escritores de épocas mais remotas, como Daniel Defoe.

Neste segundo volume, Coetzee amplia a análise sobre autores que abordou no primeiro, como Robert Walser, Philip Roth e Samuel Beckett. Do último, que foi objeto da pesquisa de doutorado de Coetzee, o volume traz quatro ensaios, dedicados a seus romances. Outro autor estudado pelo escritor no início da carreira e retomado neste livro é Ford Madox Ford, tema de sua dissertação de mestrado no Reino Unido. A seleção conta ainda com um belo ensaio sobre

Zama, do argentino Antonio Di Benedetto, traz textos sobre os australianos Patrick White e Les Murray, além de um artigo sobre o interessante diário de Hendrik Witbooi, chefe de um dos grupos Khoisan, povos originários da Namíbia, no qual comenta o processo da ocupação europeia pelo interior do continente africano e seu projeto de genocídio.

As capas dos dois volumes, baseadas em composições tipográficas, são de autoria do Estúdio Campo. Os livros saem pelo selo Ilimitada, cujo projeto gráfico é do Bloco Gráfico. A tradução é de Sergio Flaksman e os textos de apresentação são do jornalista Márcio Ferrari. Ambos os volumes trazem índices remissivos com a relação dos autores e obras citados.

[Compre agora e leia](#)